



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

O “MEDO VERMELHO”: RÁDIO, ANTI-COMUNISMO E MENTALIDADES – uma avaliação da educação ideológica e política na Amazônia.

Aderilson José Ribeiro Parente

Orientação: Dr^a Olga Maria Santos de Magalhães

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

Dissertação

Évora, 2014

AGRADECIMENTO

Agradecer é reconhecer de que pouca coisa se faz sozinho e admitir de que precisamos de muitas pessoas para qualquer que seja a produção. Ao grande e misericordioso Deus é o primeiro a ser agradecido nessa lista infindável. Agradeço aos meus avôs, Abimael e Hilda Ribeiro, a minha mãe, Conceição Parente que sempre apoiou meus estudos. Obrigado pela minha família, Milane Parente, Thainá Parente e Pedro Parente por estarmos juntos nos incentivando e trilhando nesse caminho que é a educação.

Agradeço a Universidade de Évora pela aceitação e aprovação do meu projeto. Meus agradecimentos, admiração e apreço a Professora Doutora Olga Maria Santos Magalhães que com seu conhecimento e sabedoria soube conduzir com segurança e clareza nesse caminhar acadêmico.

Obrigado a todos os entrevistados, senhores e senhoras que com muita disponibilidade e carinho se dispuseram de forma voluntária, a contribuir com suas memórias, as informações preciosas para realização deste trabalho, alias sem essas informações não teria motivo este trabalho.

Obrigado a professora Doutora Maria de Nazaré do Vale Soares e aos amigos e companheiros dos mestrados da Turma C, que juntos trilhamos nessa jornada acadêmica, nos ajudando e nos motivando em diversos momentos do caminhar.

O “MEDO VERMELHO”: RÁDIO, ANTI-COMUNISMO E MENTALIDADES - uma avaliação da educação ideológica e política na Amazônia.

RESUMO

O fio condutor deste trabalho é a mensagem anti-comunista divulgada pelos meios de comunicação, em especial o rádio. Essas mensagens foram trabalhadas por grupos sociais hegemônicos e divulgadas em diversos momentos da História do Brasil com a finalidade de impedir a aceitação das ideias marxista-leninista pela população brasileira.

Foram identificados três momentos históricos onde foi mais intenso o combate aos ideais comunistas, ou seja, período onde houve maior divulgação das mensagens anti-comunistas, foram eles: após a Revolução Russa, no governo de Getúlio Vargas e pós segunda Guerra mundial no contexto de Guerra Fria .

As mensagens anti-comunistas divulgadas no final dos anos 50 e início dos 60 no Brasil, foram utilizadas como munição na guerra psicológica e ganhou muita importância nesse contexto. As mensagens foram trabalhadas e utilizadas e ainda divulgadas a exaustão pelos diversos meios de comunicação para criar um ambiente de caos social e de conspiração comunista no país.

O trabalho estuda o processo de construção da educação política e ideológica do homem amazônico através das mensagens anti-comunista presentes na mentalidades das pessoas acima de 65 na região metropolitana de Belém no Estado do Pará, que foram divulgadas pelos meios de comunicação, em especial o rádio, e também de forma oral e que objetivou combater e impedir a aceitação das ideias marxista-leninista no Brasil em diversos momentos históricos.

Concluimos que as mensagens anti-comunistas foram interiorizadas por parte da população paraense e brasileira onde construiu uma concepção distorcida do sistema comunista e um estereótipo dos seus adeptos.

Palavras-chave: mensagem anti-comunista; rádio e mentalidade; educação ideológica, educação na Amazônia.

The “red fear”: radio , anticommunism and conceptions- an evaluation of ideological education and politics in Brazilian Amazon.

Abstract

This work analyzes the anticommunist speech vehiculated by communication media, and especially on spoken messages from radio broadcast programs. These messages were produced and disseminated by hegemonic groups in distinct periods in History of Brazil. The discourse aimed to avoid the influence of marxist-leninist ideology on Brazilian people. We identified three major historical periods when the fight against the communist ideas became intense: after the Russian Revolution, during Getulio Vargas Government and during the period called Cold War, after the end of World War II. The massive disclosure of anticommunist messages circulated in Brazil at the end of the 1950s to the beginning of 1960s. The discourse of the messages provoked the social, political and economic chaos caused by the rise of Communism.

The work studies the construction process of ideological and political education of the Amazonian man throughs anticommunist messages based on conceptions of adults over 65 years old who live in the metropolitan region of Belem, state of Para. The content of the messages was disseminated through the media, especially on radio and oral form as well, and it aimed at combating and avoiding the rise of marxist-leninist ideas in different periods in the History of Brazil. We concluded the the anticommunist messages were internalised by Brazilians and the people of Para where there were misconceptions and stereotypes about communist system and its supporters.

Palavras-chave: anticommunist message; media; radio; conceptions; ideological education; Brazilian Amazon

ÍNDICE GERAL

Agradecimento	III
Resumo e palavras-chave	IV
Abstract and keywords	V
Índice Geral	VI
Capítulo I - INTRODUÇÃO	1
1.1 - Justificativa do tema	2
1.2 - Objetivo do estudo	5
1.3 - Relevância do Estudo	6
1.4 - Plano geral da dissertação	8
Capítulo II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Mídia e Educação	
2.1 - Introdução	11
2.2 - Conceito de Educação	12
2.3 - Conceitos de ideologia	13
2.4 - Conceito de Comunicação	14
2.5 - Formação Humana: Educação e Instrução escolar	15
2.6 - Mídia e Educação	
2.6.1. O papel educativo da comunicação e do meio de comunicação.....	16
2.6.2 - Recepção e apropriação das mensagens mediática pelo indivíduo.....	18

2.6.3 - O Rádio como agente educativo	20
2.7 - O rádio e a difusão da mensagem anti-comunista	
2.7.1 - Introdução	21
2.7.2 - A História do Rádio no Brasil e no Estado do Pará	
2.7.2.1 - A História do Rádio no Brasil	22
2.7.2.2 - A História do Rádio no Estado do Pará	25
2.8. A Origem do "medo vermelho": as mensagens anti-comunistas em três momentos históricos no Brasil	
2.8.1 - Após a Revolução Russa.....	31
2.8.2 - No período do governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945)	34
2.8.3 - Na 2ª Guerra Mundial e no pós-guerra no Brasil	
2.8.3.1 - A formação educativa no contexto da Guerra Fria no Brasil	41
2.8.3.2 - A conquista do Estado no Brasil e o anti-comunismo na imprensa como mensagem educativa	47

Capítulo III – METODOLOGIA

3.1 - Introdução	58
3.2 - Objetivo do estudo	59
3.3 - Relevância do Estudo	
3.3.1 - Relevância do Tema	63
3.3.2 - Escolha dos participantes	65
3.4 - Problema de Investigação	
3.4.1 - Questões de investigações	67
3.4.2 - Participantes do estudo	68

3.4.3 - Instrumentos de recolha de dados	68
3.4.4 - Procedimento de recolha de dados	70
3.4.5 - Grelha de categorização	70

Capítulo IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Introdução	73
4.2 - O “comunismo” no imaginário paraense: uma educação para o medo	
4.2.1 - O Estado comunista	79
4.2.2 - O perfil do comunista	82
4.3.3 - O medo vermelho e o comportamento social e político	84

Capítulo V - CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

5.1 - Introdução	90
5.2 - Considerações Finais	90
5.3 - Limitação do Estudo	93
5.4 - Questões de partida para futuras investigações	94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
---	-----------

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de Entrevista	100
Anexo 2 - Grelha de Categorização	102
Anexo 3 - Entrevistas.....	104
Anexo 4 - Presidentes do Brasil de 1930 a 1992	168

Capítulo I
INTRODUÇÃO

1.1 - Justificativa do tema

A população amazônica acima de 65 anos, apresenta historicamente uma concepção de Estado Comunista diferente das descritas por Karl Marx, intelectual alemão, pensador e idealizador do socialismo. Essa faixa etária da população amazônica apresenta um medo inconsciente dos adeptos e da ideologia marxistas-leninista, mesmo não conhecendo as concepções doutrinárias originais do sistema. A população amazônica acima de 65 anos apresenta no imaginário coletivo, uma concepção anti-comunista que traduz medo e rejeição dos “vermelhos” e daquilo que poderiam fazer e provocar em suas vidas pessoais, comunitária, política, religiosa e de trabalho.

Ao longo das décadas foi circulante na sociedade brasileira, um processo educativo anti-comunista implementado pela classe dirigente a partir dos anos 30 do século XX, para combater o ideário marxista leninista em curso no Brasil. O governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945) vai ser o primeiro governo a implementar uma política de caça aos comunistas pondo os partidários e o partido comunista do Brasil na ilegalidade. Mas anterior a Vargas, a rejeição ao ideário marxista-leninista já era estampado nos jornais e nas conversas informais da população. A Revolução Russa de 1917, é quem vai dar os motivos de muitas notícias desencontradas e conversas de apoio e de rejeição do “novo modelo de sociedade nascente.”

Vargas descobre uma conspiração, que acusa ser dos comunistas que, segundo ele, tramava contra seu governo e contra a nação brasileira. Através do seu órgão oficial de imprensa e propaganda (DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda), Vargas inicia uma propaganda anti-comunista e de combate aos adeptos do ideário marxista-leninista em todo país. Sua intenção era criar na população um clima de medo e de rejeição a ideologia marxista-leninista e aos seus seguidores. Essa justificativa de que os comunistas tramavam um golpe de Estado vai ser utilizada para ele próprio se manter no poder dando o golpe de Estado e governando até 1945 de forma ditatorial.

Nas décadas de 40, com a 2ª Guerra Mundial, a propaganda anti-comunista e a rejeição dos ideários marxista-leninista continuam através dos meios de comunicação, principalmente pela rádio oficial do governo de Vargas.

As informações anti-comunistas divulgadas junto da população brasileira, que na época era na sua maioria analfabeta (década de 30) (IBGE, 2007) foi incorporada no

discurso da Igreja católica e refletida em ação política, social e religiosa junto de grande parte da população nesse momento histórico e nos seguintes. A mensagem anti-comunista ganhará força e passou de geração em geração.

A Segunda Guerra Mundial iniciada em 1939, não encerraria com o fim das batalhas em 1945. A guerra ideológica entre capitalistas e marxista-leninistas marcou a continuação dos conflitos. Os Estados Unidos e a URSS, após 1945, disputavam mentes e o governo dos Estados Nacionais pelos quatro cantos do mundo. Essa disputa se fazia principalmente no campo das ideias, mas também no conflito armado. Esse período foi chamado de Guerra Fria. No Brasil essa disputa se fez muito presente, principalmente no campo das ideias.

A Guerra Fria é caracterizada pelo conflito ideológico e militar entre os EUA e a URSS que dominou no cenário mundial na segunda metade do século XX. A ameaça de guerra nuclear entre os dois países que destruiria a humanidade era o que mais afligia as pessoas. Um clima de insegurança e medo do fim do mundo era constante. Segundo Hobsbawm

a peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas, sobretudo do lado americano, os governos das duas super potências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e Oceania, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (1995, p. 224)

As forças oponentes envolvidas no conflito disputaram o controle dos Estados Nacionais e buscavam também convencer a população dos países a aderirem suas concepções ideológicas. No Brasil, essa disputa foi muito visível para conquistar as mentes e o controle do Estado.

As Forças oponentes ocuparam suas posições militares e ideológicas. Realizaram suas estratégias para convencer os países a aderirem o ideário capitalista ou socialista. Essa disputa marcou os anos 50 e 60 em várias partes do mundo com conflitos armados para a conquista do Estado.

No Brasil, a disputa encerrou com o controle do Estado brasileiro pelos militares que deram o golpe e assumiram o poder em abril de 1964. Os vencedores foram os militares, a classe média urbana e os capitalistas industriais nacionais e internacionais que tinham seus negócios no Brasil.

Para alcançar essa vitória foi articulado um plano que consistia em divulgar uma mensagem ideológica anti-comunista pelos meios de comunicação no Brasil no início da década de 60. O Plano ficou a cargo do complexo grupo IPES/IBAD.

Em novembro de 1961, uma complexa organização nacional liderada por um grupo de intelectuais fundou no Brasil o complexo político-militar chamado de Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e ainda o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Esses institutos eram formados por empresários ligados ao capital multinacional e associado, profissionais liberais e militares. Visando divulgar as idéias de organizações de homens de negócios pretendia também conspirar contra o governo nacionalista-reformista de João Goulart e ainda neutralizar a ação política e ideológica de uma camada social que apoiava as reformas políticas do governo.

A sua principal arma foi o arsenal ideológico que deveria convencer a população de que o sistema capitalista seria a melhor opção para a pátria, a família e a religião dos brasileiros. Para isso, criou através das mensagens anti-comunistas um clima de insegurança e de medo à população brasileira, alertando-a para a eminência de um golpe de estado articulado pelos “vermelhos” no país. As mensagens anticomunistas foram veiculadas por vários tipos de impressos, rádios e TVs, por todo o país. Palestras, conferências, encontro, simpósios, foram também utilizados como espaço de divulgação da mensagem anti-comunista. O objetivo era que a mensagem alcançasse todos os grupos e classes sociais do país.

Essa ação do complexo grupo IPES/IBAD veio potencializar e evidenciar o temor que a população brasileira já possuía da concepção marxista-leninista e que já tinha sido trabalhada de forma depreciativa nos governos anteriores e na imprensa, de modo geral nas décadas de 30, 40 e 50.

A partir de abril de 1964, após o golpe militar, a “vitória” da ala capitalista promoveu uma “limpeza” ideológica, caçando, prendendo, torturando e fazendo

desaparecer militantes sindicais e partidários que tinham ideais contrários ao sistema capitalista vencedor.

As frases prontas anti-comunistas e os pensamentos distorcidos do ideário marxista leninista, de um grupo social acima de 65 anos atualmente existente na Amazônia, revela uma ação educativa daquele momento histórico e posterior, pois os militares continuaram a propaganda anti-comunista com mais força e de forma oficial no país. As mensagens anti-comunistas tinham objetivos de construir um perfil de brasileiro que fosse capaz de rejeitar o marxismo-leninismo, que mantivesse a religião cristã católica, o sistema capitalista, a família e a democracia. Ou seja, preservar o *status quo*. Essa população, por possuir pouca escolaridade e estar longe de outros meios que poderiam oferecer um contra discurso, assimilou com diferentes graus, conceitos e ideias que foram refletidas no comportamento social e político notados ainda hoje.

1.2 - Objetivo do estudo

A região metropolitana de Belém no Estado Pará, Brasil tem uma população de 2.360.250 habitantes, segundo IBGE 2013 e compreende os municípios de Ananindeua, Belém, Benevides, Marituba, Santa Barbara, Santa Isabel do Pará e Castanhal. Devido ao intenso processo de conurbação – unificação da malha urbana de duas ou mais cidades em consequência do seu desenvolvimento geográfico – hoje a Região Metropolitana de Belém é o maior aglomerado da Região Norte do Brasil. Sua população é oriundo de diferentes regiões da Amazônia e também de outros Estados do Brasil. Apresenta uma riqueza cultural diversificada, mas também uma desigualdade étnico, social e econômica. A ocupação do espaço geográfico se deu basicamente de forma desorganizada; e a urbanização é um dos desafios políticos e ecológicos na região. A cidade de Belém é a principal cidade da região. Belém é uma cidade Cosmopolita, com aparência moderna, mas guarda aspectos tradicionais de sua história. A cidade exerce significativa influencia nacional, seja do ponto de vista cultural, econômico ou político. Concentra centros artísticos, da administração governamental e as sedes de empresas e de centros de educação e pesquisa Universitários.

O que pretendemos com esse trabalho é analisar e avaliar a educação ideológica e política realizado através de mensagens anti-comunistas presente na mentalidades de

pessoas acima de 65 na região metropolitana de Belém no Estado do Pará que foram divulgadas pelo rádio e de forma oral que objetivou combater e impedir a adesão e divulgação das ideias marxistas-leninistas no Brasil a partir da década de 30.

Nosso foco é a população amazônica, uma vez que esta região apresenta uma característica regional própria, com seus rios e floresta e uma população dispersa, e por possuir como principal meio de comunicação, o rádio e a oralidade.

Objetivos Específicos:

- Identificar e analisar as estratégias ideológicas e políticas utilizadas pelo grupo social hegemônico no Brasil e no Estado do Pará para divulgar as ideologias anti-comunistas na Amazônia e no Brasil;

- Descrever, analisar e avaliar as concepções anti-comunistas e as ações dos adeptos das ideias marxistas-leninistas, presentes na mentalidade do grupo social com idade superior a 65 anos ouvintes ou não das Rádios no Pará;

- Registrar e analisar o comportamento social e político dos ouvintes ou não das Rádios do Estado do Pará.

1.3 - Relevância do Estudo

A população amazônica acima de 65 anos, apresenta historicamente uma concepção de Estado marxista-leninista diferente da descrita por Karl Marx, intelectual alemão fundador da doutrina comunista moderna. Essa população sofreu um processo educativo que divulgou o anti-comunismo pelo rádio e pelos outros meios de comunicação, em diversos momentos históricos, criando no imaginário coletivo uma concepção anti-comunista que traduz em medo e rejeição dos “vermelhos” e que refletiu na relação social e política da região amazônica.

Esse medo é resultado de um processo educativo de cunho político e ideológico realizado por grupos hegemônicos locais, nacionais e internacionais, iniciado a partir da Revolução Russa e que foi ganhando dimensão e profundidade nas décadas seguintes. Seu auge se deu no final da década 50 e no início da década de 60, no contexto da Guerra Fria, culminando em um golpe militar no Brasil.

A compreensão da preparação do ambiente social para justificar a intervenção dos militares na conquista do poder no Brasil é de fundamental importância. Ou seja, conhecer a construção da preparação da mentalidade social que deveria aceitar as propostas ideológicas da “elite orgânica” que justificaria a intervenção militar no Estado barrando o avanço das ideias marxistas é fundamental para compreender o processo de construção do golpe militar no Brasil.

Nesse sentido, a utilização dos meios de comunicação de massa, como um elemento indispensável na preparação do golpe, divulgando as mensagens anti-comunistas, anunciando a ameaça de golpe pelos russos no Brasil, é extremamente necessário ser conhecida e estudada. Quando se olha, os meios de comunicação sendo instrumento divulgador da mensagem anti-comunista, passando a ser um elemento fundamental nesse processo de golpe de Estado, verifica-se que há pouca atenção e estudos a respeito. Assim como na recepção de tais mensagens pelos cidadãos comuns.

Este trabalho está dentro desse contexto histórico e busca identificar o final do processo de propaganda e divulgação da mensagem anti-comunista. Ou seja, como foram divulgadas e recebidas as mensagens anti-comunistas e se foram aceitas e interiorizadas pelos agentes sociais; e por fim, se surtiram o efeito desejado no comportamento social e político como queria a classe dirigente da época.

A relevância deste trabalho está no sentido de iniciar a discussão de um tema muito relevante na educação política e ideológica do homem amazônico, pois busca compreender o processo educativo em que foi submetida a sociedade brasileira que estava e está em constante combate ideológico severo. Os sinais de temor, de medo e a insegurança que uma parcela da população teve e ainda tem da ideologia marxista-leninista e a rejeição dos “vermelhos”, são os vestígios deixados por essa educação social, que se refletiu no comportamento políticos e ideológicos dos agentes sociais da região amazônica.

Neste sentido, pensamos que este trabalho é relevante porque busca uma explicação, para compreender o processo de construção de uma educação voltada para o medo das ideias marxista-leninista e de seus adeptos, na região amazônica: procura contribuir para o entendimento da rejeição em que partidos políticos de ideologia marxista-leninista apresentam, ainda hoje, na região; e ainda identificar e analisar a utilização desses mecanismos educativos de cunho ideológicos por parte de grupos

sociais e políticos para benefício próprios, partidários e de grupos. E por fim, pensamos o estudo ser relevante por coletar, analisar e registrar as concepções sobre o estado comunista e a imagem dos comunistas, construídas nesse processo educativo, que está basicamente na mentalidade de pessoas muito idosas da região e que tendem a desaparecer com seus agentes sociais.

1.4 - Plano geral da dissertação

Em termos estruturais, a presente dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro corresponde a Introdução, o segundo ao Enquadramento Teórico; o terceiro a Metodologia; o quarto a Análise e discussão dos resultados e o quinto as considerações finais.

O primeiro capítulo: Introdução, procura justificar os motivos do estudo do tema. Esclarece os objetivos da pesquisa e ainda a relevância que tem o tema estudado. Por fim, o plano geral da dissertação informa de que forma está estruturado o trabalho.

O segundo capítulo que trata do Enquadramento Teórico foi dividido em duas partes. A primeira é intitulada: Mídia e Educação e a segunda: O Rádio e a difusão da mensagem anti-comunista. Na primeira parte, aborda os conceitos de educação, ideologia e comunicação. Esses conceitos são indispensáveis para fundamentar a dissertação. Em seguida, inicia a discussão do tema, descrevendo como se dá a formação do ser humano.

O tópico seguinte, está direcionada para as mídias. Discute a função educativa da mídia, a recepção e a apropriação das mensagens mediáticas pelo individuo e por fim, discute, o rádio como agente educativo.

Na segunda parte do enquadramento teórico, direcionamos as discussões em torno da história do rádio no Estado do Pará e no Brasil. Procura-se mapear a origem do “medo vermelho”. Nesse tópico, se faz uma revisão histórica e teórica dos três momentos em que mais ocorreu propaganda anti-comunista na história do Brasil, que foram: pós a revolução Russa; no período do governo de Getúlio Vargas(1930 a 1945) e pós a 2ª guerra mundial. Neste último, o tópico foi subdividido: um tópico discuti a mensagem educativa anti-comunista no período do contexto da Guerra Fria e outro, no

momento em que a mensagem anti-comunista será trabalhada profissionalmente objetivando preparar o clima social para o golpe militar no Brasil.

O capítulo terceiro trata da metodologia utilizada na dissertação. Nele informa os objetivos da pesquisa, a relevância do estudo e do tema e ainda a escolha dos participantes. No tópico Problemas de Investigação, descreve as questões de investigações, quem são os participantes do estudo, os instrumentos e os procedimentos da recolha de dados e por fim, a grelha de categorização.

O capítulo quarto trata da análise e das discussões dos resultados da pesquisa. O capítulo apresenta três tópicos que descreve e analisa as representações presentes no imaginário dos entrevistados sobre: o Estado comunista; as características do comunista e por fim, o comportamento dos entrevistados nas eleições para a escolha de representantes no executivo e legislativo no período de redemocratização do Brasil. Analisa como a mensagem anti-comunista foi utilizada e influenciou diretamente no processo educativo na formação política e ideológica do cidadão paraense.

O capítulo quinto é parte final do trabalho, trata das considerações finais. Aborda os limites que o estudo teve, assim como, aponta questões despertadas durante a produção da pesquisa que podem servir para outras futuras investigações.

Capítulo II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Mídia e Educação

2.1 - Introdução

O primeiro capítulo deste trabalho procura realizar uma reflexão sobre a mídia e a educação. Para isso se faz necessário conceituar alguns elementos básicos que serão utilizados no desenvolvimento do tema. Iniciamos conceituando a base deste trabalho que é a educação. Utilizaremos o conceito de educação usado pelos pedagogos soviéticos que diferenciaram educação e instrução. As duas são inseparáveis. Para os pedagogos soviéticos, a formação do ser humano seria composta pela educação e pela instrução. Abordaremos e diferenciaremos a questão, assim como procuremos definir as duas palavras-chaves.

Para compreensão do tema, se faz necessário abordar questões como ideologia, assim, utilizamos neste trabalho os conceitos de Terry Eagleton que pensamos ser o mais adequado para este estudo. Como o trabalho também está relacionado às mídias, precisamos conceituar comunicação. A esse conceito usamos o de BORDENAVEA onde nos diz que “comunicar é emitir mensagens com a intenção definida de fazer com que as pessoas se comportem de um certo modo em particular”. Este trabalho tem a base na comunicação oral, daí precisarmos utilizar o conceito de V.N.Voloçhínov que afirma que “A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.”

Ainda no capítulo I realizamos uma reflexão sobre a formação humana nas sociedades capitalistas modernas. A reflexão está dentro do eixo educação e instrução escolar. Sem essas duas ações será impossível atualmente, termos uma vida social que comporte o interesse capitalista e a formação cidadã.

E por último há um terceiro ponto que o capítulo aborda. Mídia e Educação. Nesse sentido se busca refletir sobre o papel educativo da comunicação e do meio de comunicação. Nessa perspectiva procura entender de que forma o indivíduo realiza a recepção e a apropriação da mensagem mediática. E por fim discutiremos o meio, rádio como agente educativo social.

2.2 - Conceito de Educação

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.
John Dewey

O conceito de educação utilizado neste trabalho não é o conceito de educação escolar que enfatiza os conteúdos, ou o conceito que prioriza os resultados, ou ainda que valoriza o processo de aprendizagem. Não será um conceito que desvaloriza o saber do educando e que transmite conhecimento e valores somente do professor que ensina o ignorante que não sabe nada. Muito menos é o conceito de educação que prioriza a formação técnica adestrando operários para a produção de bens para o engrandecimento da pátria e do capitalismo. Também não utilizaremos o conceito de educação que ... “se caracteriza pelo processo de transformação dos personagens envolvidos, priorizando a inter-relação dialética entre o ser humano e a realidade em que vive, do desenvolvimento da capacidade intelectual e da consciência social” (JÚNIOR, 2004, P.69).

Para melhor compreensão deste trabalho e compreender o conceito de educação aqui a abordar, utilizaremos as reflexões dos pedagogos soviéticos que após a Revolução Russa de 1917 realizaram uma análise da educação escolar e não escolar no contexto de uma sociedade capitalista no início do século XX. As reflexões e orientações vão servir de norte para construir um novo homem para uma nova sociedade nascente. A formação dessa sociedade tinha como base a educação. As propostas para um novo sistema educacional e uma nova escola deveriam ser implementados na juventude soviética que seria a responsável para implementar o sonho socialista. Para Pistrak,

a formação (humana) supõe a educação e a instrução. A educação é dona de um raio de ação mais amplo onde o meio, natural e social, é a linha estruturante (onde o trabalho é a base da vida). A instrução tem um raio de ação mais limitado ao conhecimento e habilidades. Categorias como cultura, trabalho, atualidade, autogestão, desenvolvimento multilateral, movimentos ou organizações sociais, fazem parte da educação. Categorias como conhecimento (que nós adjetivamos sob o capitalismo de “escolar”), complexo de ensino, didática, métodos e técnicas fazem parte da instrução. Estes dois campos não se separam, e trabalham integradamente sob a batuta dos objetivos da formação humana (2009, p.80)

Para os pedagogos soviéticos, a formação do ser humano seria composta pela educação e pela instrução. As duas são inseparáveis. A primeira, a educação, é o

aprendizado permanente do ser humano dos elementos que compõem a cultura do seu meio social e natural, e que é transmitida através das relações sociais passando de geração em geração. O ponto central da educação é a própria vida; e o trabalho, o elemento central que impulsionaria a vida. Esse aprendizado é realizado tanto dentro da escola como fora dela. No capitalismo, a escola é o espaço formal da educação. Ela é centralizadora e isolada de outras agências igualmente educativa como: os partidos, organizações sociais, igrejas, sindicatos, fábricas, movimentos sociais, família, jornal, rádio e etc que são considerados espaços informais da educação. Portanto, há uma rede educativa na sociedade que objetiva a formação humana. “Aprende-se fora da escola nas várias agências educativas presentes no meio social” (Pistrak, 2009, p.100).

Enquanto a instrução, os pedagogos soviéticos observam que são os conhecimentos produzidos e organizados pela humanidade e divulgado através da instituição escolar por professores, utilizando técnicas pedagógicas adequadas para o aprendizado e ainda a habilidades adquiridas nestas instituições escolares para uso no sistema de produção.

A educação como processo de desenvolvimento formativo do ser humano não acontece unicamente nos bancos escolares. Entende-se que são as interações pessoais no cotidiano e com o outro que o processo acontece. A educação se dá em todos os lugares em todas as situações. Para isso se faz necessário a comunicação entre os membros sociais.

2.3 - Conceito de Ideologia

Neste trabalho se faz necessário a utilização do conceito de ideologia, uma vez, que o tema envolve questões como: ideias, crenças, valores, comunicação, representações e outros.

O termo ideologia não tem uma definição única, é muito abrangente, um conceito só, não engloba o que é a realidade vivida. Nesse sentido, utilizaremos nesse trabalho, os conceitos de ideologia de Terry Eagleton, pois o autor não utiliza um único conceito de ideologia. Este afirma ser possível definir de seis maneiras diferentes. Pois, dependendo do contexto, dos componentes envolvidos e da realidade social, pode se

utilizar o conceito que melhor se adequaria. No nosso caso, utilizaremos três conceitos que nos parece, que envolve o tema. Segundo Eagleton,

é possível definir a ideologia de seis maneiras diferentes, com um enfoque progressivamente mais nítido. Em primeiro lugar, podemos nos referir a ela como o processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social.

Essa acepção mais geral de ideologia enfatiza a determinação social do pensamento, oferecendo assim um antídoto valioso ao idealismo; em outros aspectos, porém, poderia parecer impraticavelmente ampla e guardar suspeito silêncio sobre a questão do conflito político. Ideologia significa mais do que meramente, digamos, as práticas significantes que uma sociedade associa ao alimento; envolve as relações entre esses signos e os processos do poder político. Não é coextensiva ao campo geral da “cultura” mas elucida esse campo de um ângulo específico.

(...) ideologia significa as idéias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante sobretudo a distorção e a dissimulação.

Há, finalmente, a possibilidade de um sexto significado de ideologia, cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias, considerando-as porém oriundas não dos interesses de uma classe dominante, mas da estrutura material do conjunto da sociedade como um todo. (1997, p. 38, 39 e 40)

2.4 - Conceito de Comunicação

Para este estudo se faz necessário compreender o processo comunicativo e apropriar se das suas propriedades no processo de interação entre os falantes, assim como seus impactos no comportamento e na mentalidade dos mesmos.

Segundo Bordenave, apud Kaplun citado em Júnior

Comunicar não é apenas o ato de emitir mensagens e sinais, nem o ato de usar meios ou canais. Comunicar é a arte de provocar significados e produzir comportamentos; é suscitar mudança no pensamento, no sentimento e na ação do ser humano. Comunicar é emitir mensagens com a intenção definida de fazer com que as pessoas se comportem de um certo modo em particular. Ou, mais exatamente, produzir estes comportamentos mediante a emissão de mensagens. (2004, p.69)

A comunicação é um ato e tem o objetivo educativo de provocar mudanças no comportamento, no pensamento, portanto no próprio ser social. Essa propriedade da comunicação pode ser utilizada pelo Estado, pelas instruções religiosas, pela escola para

moldar ideias e comportamento do membro social. Seguindo nessa ordem de pensamento V.N.Voločínov, complementa que

A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto, o pensamento, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra-ação. O psiquismo e a ideologia estão em interação dialética constante”. Eles têm como terreno comum o signo ideológico: “O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico”. (2006, p.15 e17)

Comunicar implica relação de conflito, relação de poder, resistência contra opressão, pois a língua é modelada e determinada pelas ideologias que por sua vez direciona o comportamento individual e social.

2.5 - Formação Humana: educação e instrução escola

Somos levados a pensar que a escola é a única instituição responsável pelo ensino e aprendizagem, do saber social. Nesse raciocínio, o professor tem uma função bem definida, ensinaria aos alunos o conhecimento da ciência, o que a humanidade já descobriu e produziu. Enquanto aos alunos por sua vez, devem assimilar esses conhecimentos para poderem ter aplicabilidade nos diversos campos profissionais da sociedade.

Na escola se vivência a cultura de uma sociedade e também onde estão presentes os elementos culturais sociais. É onde as relações de poder se estabelecem. É por sua vez, lugar de amparo, da descoberta da liberdade, do pensar e do agir, da manifestação dos aspectos culturais da comunidade. A escola é, portanto, como todos os ambientes sociais, lugar de ensino e aprendizagem da cultura, ou seja, da educação. Não podemos pensar que a escola é o único lugar que ocorre educação. Somos levados a pensar que sem a escola não ocorreria educação. A escola é a instituição oficial que fornece a instrução para seus membros sociais. Alias é impossível pensar uma sociedade capitalista moderna sem escola. Mas a escola é uma instituição que tem o objetivo de divulgar e discutir conhecimento, oferecer habilidades técnicas e científicas para os

membros sociais. Infelizmente, nossas escolas oferecem mais instrução do que propriamente educação.

Quando pensamos em educação e instrução estamos falando em formação humana; e pensar em formação humana é algo que vai além dos muros da escola.

Educação é um aprendizado permanente do ser humano. Este aprende os elementos que compõem a cultura de uma sociedade e que é transmitida e modificada através das relações sociais passando de geração em geração. Esse aprendizado é realizado tanto dentro da escola como fora dela. No capitalismo, a escola consiste num espaço formal da educação. Ela é centralizadora e isolada de outras agências igualmente educativa como: os partidos, organizações sociais, igrejas, sindicatos, fábricas, movimentos sociais e etc que são considerados espaços informais da educação. Para se alcançar o objetivo que é a formação dos membros sociais se faz necessário tanto a educação oriunda da relação social quanto a instrução técnica científica presentes nas escolas.

2.6 - Mídia e Educação

*...se levarmos a mídia a sério, descobriremos
a profunda influência que ela exerce na
formação do pensamento político e social.*

THOMPSON (2009, p.15)

2.6.1 - O papel educativo da comunicação e dos meios de comunicação

Em todas as sociedades humanas a produção e o intercâmbio de conteúdos simbólicos são realizados através da comunicação. Sendo de forma gestual e do uso da linguagem a comunicação tem a função de transmitir informações culturais. Portanto, a educação passa pela linha da comunicação.

Para Freire (2002, p. 69) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”

A educação para Paulo Freire se dá através da troca de saber por meio do diálogo, da comunicação. Essa comunicação nos parece, se daria dentro de uma concepção de respeito e sem imposição hierárquica entre as partes. Ambos aprenderiam um com o outro sem relação de poder. O ensino e a aprendizagem se faria dentro de um processo de comunicação voltado na relação democrática de poder e onde interlocutores anulariam as ideologias e um aceitaria e respeitaria as informações do outro.

Salgado, observa que

sabemos que, enquanto pais e educadores, já deixamos de ter, há muito tempo, a exclusividade no papel de educar as crianças(e adultos), uma vez que essa função hoje também é cumprida por outros atores e instâncias sociais, com é o caso da mídia” (2005, P.18) .

Salgado amplia os agentes educativos na sociedade e enxerga a mídia como um ator a mais que executa o papel de educar. Segundo Thompson

o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo. Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que difere de interação face a face que caracteriza a maioria dos nossos encontros quotidianos. Eles são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros situados em locais distantes. De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum. (2009, p.13 e 14)

Os meios de comunicação como a televisão, o rádio e atualmente a internet possibilitou novas maneiras dos indivíduos comunicarem consigo e com o outro na sociedade. A utilização dos meios mediáticos por um grupo social dominante, onde utiliza a linguagem como elemento carregado de ideologias, possui a capacidade de fazer agir em prol de suas causas e de outro escolhido a seu critério. Pode ainda utilizar desses meios para direcionar comportamentos e pensamentos daqueles presentes em outros locais. Essa propriedade dos meios de comunicação transforma a organização social, criando novas formas e ação e interação entre os indivíduos e cria uma nova forma de exercer o poder.

2.6.2 - Recepção e apropriação das mensagens da Mídia pelo indivíduo

Para compreender como a apropriação da mensagem mediática contribuiu com a formação do self do indivíduo na sociedade moderna, utilizaremos o conceito definido por Thompson

self, é um produto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. Esta é uma narrativa que se vai modificando com o tempo, à medida que novos materiais, novas experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida. (2009, p.183 e 184)

A construção da identidade (self) nas sociedades modernas teve um profundo impacto com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Antes do desenvolvimento das mídias, os materiais simbólicos ou culturais eram adquiridos numa relação face a face e realizado a nível local onde a interação com o outro se dava com mais intensidade. Os conhecimentos era basicamente local que passava de geração a geração através da oralidade. Raros os casos onde os horizontes culturais ampliavam através das histórias de viajantes e mercadores. Essas condições sociais são alteradas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação tanto impressos como veiculados. Para Thompson,

o conhecimento local é suplementado, e sempre mais substituído, por novas formas de conhecimento não locais que são fixadas num substrato material, reproduzidas tecnicamente e transmitidas pela mídia. O conhecimento técnico é gradualmente separado das relações de poder estabelecidas pela interação face a face, à medida que os indivíduos vão sendo capazes de ter acesso a novas formas de conhecimentos não mais transmitidos face a face. Os horizontes de compreensão dos indivíduos se alargam; eles não se estreitam mais nos padrões de interações face a face, mas são modelados pela expansão das redes de comunicação mediada. A mídia se torna, nos termos de Lerner, “um multiplicador da mobilidade” uma forma vicária de viajar que permite ao indivíduo se distanciar dos imediatos locais de sua vida diária. (2009, p.184 e 185)

Em se tratando de comunicação em massa, realizada pelos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão, jornal e revista, presentes nas sociedades modernas, o indivíduo, denominado receptor, na relação de comunicação, apresenta uma desvantagem em relação ao emissor que produz e transmite as mensagens mediáticas educativas. Na verdade, o indivíduo quase não tem participação nesse processo de comunicação, mas isso não significa que ele não tenha poder ou controle sobre ela.

Não podemos esquecer que o significado de uma mensagem transmitida pela mídia não pode ser compreendida como um fenômeno estático, permanentemente fixo e transparente para todos. A recepção da mensagem é uma atividade situada, ou seja, é recebida pelo indivíduo em um contexto espacial e temporal, dentro de uma realidade de relação de poder particular. Thompson nos diz que o

Significado ou o sentido de uma mensagem deve ser visto como um fenômeno complexo e mutável, continuamente renovado e, até certo ponto, transformado, pelo próprio processo de recepção, interpretação e reinterpretação. Os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses produtos adquirem sentido. (2009, p.44)

No decorrer da vida estamos constantemente modelando e remodelando nossos conhecimentos, ideias, concepções pelas mensagens e pelos conteúdos oferecidos pela mídia e por outros agentes educativos. Essa recepção não se dá de forma imediata e singular, mas de forma lenta, às vezes imperceptível, no decorrer do tempo e da vida.

Esse processo de formação pessoal e de auto compreensão da apoderação da mensagem cotidianamente incorporada na vida do indivíduo, receptor, dá segundo Thompson

uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que ele é e de onde ele está situado no tempo e no espaço. Nós estamos ativamente nos modificando por meio de mensagens e de conteúdo significativos oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas). Este processo de transformação pessoal não é um acontecimento súbito e singular. Ele acontece lentamente, imperceptivelmente, dia após dia, ano após ano. É um processo no qual algumas mensagens são retidas e outras são esquecidas, no qual algumas se tornam fundamento de ação e de reflexão, tópico de conversação entre amigos, enquanto outras deslizam pelo dreno da memória e se perdem no fluxo e refluxo de imagens e idéias. (2009, p.46)

Leopoldo, citado Valmir, 2008, 86 nos diz que

a mídia vai “como gotas de água que não param de pingar sobre uma pedra - por mais dura que ela seja - penetrando os ouvintes, os telespectadores, até conformá-los a seus interesses. Um duplo instrumento educativo, presente em todas as nossas casas, mesmo as mais humildes, que vai criando, talvez sem que nos demos conta, um determinado tipo de homem”.

A insistência incessante (ação educativa) da mídia na divulgação de mensagens ideológicas para alterar comportamentos e as ideias do ouvinte que não aguenta a pressão da mensagem e desiste aceitando seu conteúdo, não me parece proceder. Há sempre um filtro do ouvinte, receptor, que julga, compara e analisa a mensagem recebida. Se a mensagem for conveniente, o indivíduo aceita e incorpora no discurso e nas suas ideias, isso de forma provisória, uma vez que a informação vai ser conflitada e reelaborada ou

até negada no decorrer da sua existência dentro do processo de ensino e aprendizado social. A mensagem também é relativizada de acordo com o grupo social. O indivíduo apresenta diferentes formações no campo político, ideológico, religiosa e etc. e, portanto, uma mensagem não tem o mesmo significado e não é recebida da mesma forma para o indivíduo, assim como não tem o mesmo impacto. O contexto em que essa mensagem for recebida é também um fator que deve ser levado em conta para poder afirmar o poder da mídia sobre o indivíduo. Dessa forma vários fatores devem ser levados em consideração quando a mensagem é recebida pelo indivíduo para afirmarmos uma aceitação e um modificação de comportamento.

2.6.3 - O Rádio como agente educativo

Entre os vários meios de comunicação social de massa, temos a contribuições do rádio, na sua função educativa. Desde os anos 20, com o surgimento do rádio no Brasil, este veículo vem sido pensado com a finalidade educativa. Edgar Roquette Pinto, antropólogo brasileiro, enxergou no rádio um instrumento de educação. Sua ideia era que o rádio tivesse a nobre função de “trabalhar pela cultura e pelo progresso dos que vivem em nossa terra” Costa, F. (s.d.)

O rádio tem a função primordial de entreter, informar, formar opinião, divulgar valores e cultura, vender produtos e serviços e ainda desenvolver a experiência estética, situações essas que não podem estar afastadas da relação dos sentidos que incidem sobre o imaginário e repercutem no campo sensorial do ouvinte. O rádio entusiasmo com sua sonoridade e com seus locutores, com suas propagandas e músicas.

As possibilidades quantitativas que oferece de poder chegar a milhares de pessoas de uma só vez e penetrar na intimidade dos lares levando um aparato de símbolos de poder e de diversão e de arte e informação são impressionantes. Segundo Kaplun,1978 citado em Júnior,2004, p.84

O rádio é visto como um veículo para difundir uma mensagem (educativa, política, científica, religiosa, etc). Para o educador, uma grande aula; para o padre, um imenso templo, para o político, uma enorme praça pública. Em todos os casos, o que importa é o que se quer comunicar. O meio é considerado apenas isso – um canal transmissor.

As mensagens divulgadas pelo rádio refletem as intenções das concepções do grupo social que administra esse meio, ou seja, depende do emissor. Ainda em Kaplun 1978 citado em Júnior, 2004, p.84

o rádio é muito mais do que um mero transmissor de mensagens. “O rádio não é um veículo, mas sim um grande instrumento potencial de educação e cultura popular, mas que, como todo instrumento, exige ser conhecido, manejado, adaptado a suas limitações e possibilidades. Saber usar o rádio é uma técnica e uma arte”.

O rádio é um veículo de comunicação que transmite mensagem ao grande público. As mensagens podem vir carregadas de concepções ideológicas políticas, religiosas, culturais e outras. Essas mensagens podem servir para fins formativos e construtivos, ou não, depende do ouvinte. Como em qualquer processo de comunicação. Em todo caso, o processo educativo esta em operação, está acontecendo.

As mensagens recebidas pelo receptor irão passar pelo seu crivo pessoal, seu self, onde levará em conta inúmeros fatores, inclusive o contexto em que esta inserido. Dessa forma a mensagem poderá ou não interferir, modificar comportamento, ideias, opinião do ouvinte receptor. Ou seja, no final do processo, é o ouvinte quem permitirá consciente ou não se uma mensagem faz ou não sentido a ele e se incluirá na sua opinião, no seu comportamento social, na sua a vida cotidiana, ao seu self.

2.7 - O rádio e a difusão da mensagem anti-comunista

2.7.1 - Introdução

O tópico foi dividido em duas partes. Na primeira, faz um histórico da origem do rádio no Brasil e em seguida resgata a história do rádio e da TV no Estado do Pará. Descreve a trajetória de uma das rádios mais antigas do Brasil, a Rádio Clube, A poderosa que está em pleno funcionamento e é uma das rádios mais ouvidas do Brasil.

A segunda parte do tópico, procura identificar os momentos históricos na história do Brasil, em que a mensagem anti-comunista foi utilizada com fins, principalmente, ideológicos. Identificamos três momentos distintos em que as classe dirigentes de cada época, utilizaram os recursos das mídias para divulgar uma mensagem anti-comunista em prol de defender seus interesses e manter o ”*status quo*”. As mensagens anti-comunistas foram mais trabalhadas e divulgadas no Brasil, após a revolução Russa; no período do governo de Getúlio Vargas, no período da segunda guerra mundial e no pós 2ª guerra mundial. Esses últimos estão dentro do mesmo processo. Nesses momentos as propagandas anti-comunista ganharam força e visibilidade. As mídias sociais nesses momentos históricos, estavam desenvolvendo tecnicamente e ganhavam destaque pela sua eficiência em chegar a mensagem ao seu

público. A tecnologia no campo da comunicação e da informação, ocorrido nos anos 50 e 60, possibilitará a mensagem anti-comunista se alastrar com mais força, alcance e “veracidade” no país e pelo mundo.

As mídias, como o rádio e a televisão, serão bastante utilizados durante a Guerra fria no Brasil, principalmente no final dos anos 50 e início dos anos 60. Essas questões serão abordadas ainda na segunda parte do capítulo II. Nesse tópico buscaremos descrever o acirramento e a intensificação da propaganda da mensagem anti-comunista no Brasil e ainda as estratégias dos grupos de interesses diversos que unidos em torno do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), utilizaram os diversos meios mediáticos de forma intensa e diversificada para difundir e provocar junto a população um clima de golpe de conspiração comunista no país. Esse ambiente gerou reações sociais de diversas ordens que culminou em um golpe de estado realizado pelos militares no Brasil em abril de 1964.

2.7.2 - A História do Rádio no Brasil e no Estado do Pará

2.7.2.1 - A História do Rádio no Brasil

“Existem anos agitados, mas, com certeza, o ano de 1922 foi um dos mais marcantes de nossa história. Completávamos 100 anos como país independente, mas ainda nos encontrávamos presos a uma estrutura colonial de poder. A Oligarquia do Café com Leite, que alternava políticos de São Paulo e Minas Gerais na presidência, enfrentava a oposição popular e militar. Enquanto isso, na Semana de Arte Moderna, realizada entre os dias 11 e 18 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo, artistas brasileiros davam seu grito de independência. ‘Tupi or not Tupi’, essa era a questão. Di Cavalcante, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Carlos Drummond de Andrade, entre outros, defendiam a entrada da arte brasileira no século XX, colocando o país no compasso da arte mundial, sem perder o direito da brasilidade.(...)”

Mas, o que mexia mesmo com o país era a sucessão presidencial. O presidente Epitácio Pessoa acabara de eleger seu sucessor: Arthur Bernardes. Foi o suficiente para surgirem protestos em diversos estados. O presidente decidiu intervir na Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, reprimindo os manifestantes oposicionistas. Pior a emenda do que o soneto... A revolta cresceu, então, com a solidariedade dos militares. O Marechal Hermes da Fonseca, que já havia sido presidente, também protestou e acabou preso” (Casé, 1995 citado em Baldo, 2004 , p. 1 e 2)

O início dos anos 20 no Brasil foi um período conturbado. Durante os primeiros 30 anos da República, proclamada em 1889, o Estado de São Paulo e Minas Gerais, principais pólos do setor cafeeiro no país, monopolizaram a política nacional, revezando-se no papel de fornecedores de chefes da nação. Configurava-se assim um estilo político conhecido como “política do café com leite” que foi rompido na eleição de 1919. A “Política do café com leite”, consistia em um acordo entre os políticos dos dois maiores colégios eleitorais do Brasil no período da “Republica Velha” entre 1889 e 1930. O acordo consistia num revezamento na presidência da Republica. Em uma eleição era eleito um candidato do Estado de São Paulo, maior produtor de café e na outra eleição elegeia-se , o candidato do Estado de Minas gerais , maior produtor de leite.

No campo artístico o Brasil fazia um levante cultural. Os artistas da época buscaram na história brasileira e na cultura nacional a identidade do Brasil. Queria ficar livre da influência cultural estrangeira. Buscava-se a brasilidade que foi refletida nas obras expostas da Semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo em 1922.

No campo tecnológico, o Brasil experimentava sua primeira transmissão de radio. Oficialmente o rádio foi instalado a 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência. Na ocasião, irradiou-se o discurso do presidente Epitácio Pessoa, e a ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, diretamente do local da Exposição comemorativa, no Rio de Janeiro. Através de oitenta receptores especialmente importados para a ocasião das comemorações de 1922, membros da sociedade carioca puderam ouvir o discurso do Presidente da República. A transmissão foi possível, por interesses econômicos de expansão de mercado e por demanda da repartição Geral dos Telegráficos quando a Westinghouse propôs-se a fazer uma demonstração do seu equipamento de transmissão. Foi instalada, assim, no alto do Corcovado, a estação transmissora de 500 watts, em colaboração com a Light (Energia Elétrica) e a Companhia Telefônica Brasileira. A iniciativa atraiu a atenção da sociedade da época, mas não existia um projeto que possibilitasse a continuidade das transmissões, que foram encerradas logo em seguida a programação do evento.

A primeira emissora a entrar ar no Brasil, no entanto, foi a PRA-A, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de abril de 1923 por Roquette Pinto e

Henrique Morize, da Academia Brasileira de Ciências. A emissora nasce com o cunho nitidamente educativo.

Roquette Pinto, antropólogo e sociólogo, considerado o “pai da radiodifusão no Brasil”, percebeu a potencialidade do veículo e projetou colocá-lo a serviço da cultura e da educação. Tanto que o compromisso de sua emissora era “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. E este continuou a ser o slogan da rádio, em 1936, quando Roquette Pinto a transferiu para o Ministério da Educação e Cultura, cujo titular, à época, era Gustavo Capanema. O compromisso firmado foi o de que ela se mantivesse, sempre, sobre a mesma orientação: “As instalações serão gratuitamente transferidas ao Ministério que, em consequência, obriga-se a não utilizar a emissora para outros fins senão o de desenvolvimento da cultura popular e a jamais permitir a publicidade comercial ou a propaganda política” (Lopes, 1970 citado em Haussen, 2001 p.18)

“Ainda nos anos 20, o rádio já começa a espalhar-se pelo território brasileiro. As primeiras emissoras tinham sempre em sua denominação os termos ‘Clube’ ou ‘sociedade’, pois na verdade nasciam como clubes ou associações formadas pelos idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio.” (Ortriwano, 1985 citado em Baldo, 2004, p. 5)

As primeiras emissoras de rádio no Brasil tinham sempre os nomes de “Clube” ou “Sociedade”, uma vez que nasciam como clubes ou associações formadas por idealistas intelectualizados ou não, mas pertencentes das camadas mais abastadas da sociedade da época que acreditavam na potencialidade do novo meio de comunicação. Neste primeiro momento as rádios mantinham-se através de mensalidades pagas por um grupo que possuíam aparelhos receptores em casa, assim como doações a estes clubes. Raramente se fazia anúncios pagos pelo rádio. Na época a propaganda no rádio era proibida. Portanto, as rádios nos anos 20 e início dos 30 no Brasil não tinha estrutura econômico-financeira para se desenvolver e alcançar o grande público e o ainda desenvolver o comércio.

O rádio no Brasil nasceu com a elite e para a elite. Não foi, no primeiro momento, um veículo voltado para as massas. Eram poucos os que tinha poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores e reunir na sala com a família para ouvir operas e musicais. A programação das rádios nessa primeira fase não atingia o objetivo original. Levar educação, ensino e alegria para maioria da população brasileira como desejava Edgar Roquette Pinto.

2.7.2.2 - A História do Rádio no Estado do Pará

A Clube distribui sua programação para qualquer parte do planeta, através das ondas médias, ondas tropicais, internet, canal SKY para o Brasil, canal satélite 23, e nos dias de jogos no canal 21 da Mais TV. "Em qualquer lugar é possível ouvir a Rádio Clube com sua programação 24 horas baseada no tripé jornalismo, esporte e entretenimento", diz o diretor de jornalismo e programação da rádio, Nonato Cavalcante.

"Graças à fidelidade dos ouvintes, ao apoio dos anunciantes e ao profissionalismo dos radialistas, a Clube não ficou somente na memória. É realidade".(Neto & Rodrigues, 2008, p.12)

A História do rádio no Pará inicia em 22 de abril de 1928 com o prefixo "PRAF- A voz do Pará". Inaugura assim a Rádio Clube do Pará, por Eriberto Pio, Roberto Camelier e Edgar Proença. Atualmente, a Clube, como é conhecida popularmente, é a primeira do Estado do Pará, a primeira da região amazônica e a quarta do Brasil. No início de suas atividades teve os transmissores montados artesanalmente e sempre estavam dando defeito. Isso fazia com que a rádio Clube passasse a maior parte do tempo fora do ar. Na época, a elite local ditava o gosto e a programação da emissora, pois era ela que doava os discos à rádio e mantinha financeiramente com o pagamento de mensalidades dos sócios do clube. A programação era composta somente de músicas clássicas.

O Ministério da Viação e Obras Públicas, órgão que fiscalizava as rádios no Brasil no governo de Vargas, publicou em 1937, uma portaria que determinava que as rádios tivessem no mínimo 1000 watts de potência para funcionar no país. A Rádio Clube do Pará só tinha 400 watts. A PRC-5 quase fecha por falta de dinheiro e por dificuldade técnica. A Clube só se manteve no ar porque recebeu doações da elite paraense e do governo estadual e municipal. Essa situação fez com que a Rádio Clube deixasse de se manter das cotas de participação e torna-se uma empresa comercial mantida pelos seus sócios.

Nos anos trinta a rádio Clube teve um papel importante na prestação de serviço no Estado do Pará. A rádio possuía um programa chamado "Mensageiro do interior". O programa enviava mensagem aos ouvintes dos municípios do interior do Estado. Esse sistema facilitou a comunicação entre a capital, Belém e as cidades do interior do Estado do Pará. Com dimensões territoriais grandiosas que é a Amazônia, as mensagens

que vinham através das ondas da Clube era o meio mais rápido de se chegar ao destinatário, que mesmo que não ouvisse, era informado por outros da mensagem. Os próprios Correios realizaram uma reclamação formal junto ao Ministério das Comunicações informando que os serviços de mensagem da rádio Clube estavam limitando os serviços da empresa.

Na década de 40, conhecida como a “a era de ouro” a Radio Clube ainda não tinha concorrência no norte do Brasil. Iniciou operar em ondas tropicais, alcançado ainda mais, os lugares mais distantes da região amazônica. Na época os sucessos de audiência ficavam a cargo das radio novelas e dos programas de auditórios. Sem concorrência, a rádio ficava cada vez mais popular.

Edgar Proença e Roberto Camelier, proprietários da Rádio Clube, tinham a preocupação de não envolver a rádio com a política regional e nacional. Principalmente porque temia a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas que determinava que músicas deveriam ou não tocar na rádio. Apesar da censura, o Clube divulgava as obras governamentais e realiza críticas aos problemas de infraestrutura da cidade, do Estado e do Brasil.

Os locutores e os radialistas da PRC-5 viviam a empolgação da “era do rádio”. O sucesso das rádio novelas e dos programas de auditórios eram seu foco na programação. Fazer as pessoas se emocionarem e ser reconhecido pelo público era a ideologia cultivada pela rádio. Viam, portanto o rádio como um grande meio de comunicação de massa e de entretenimento, apesar dos políticos locais, como o Interventor federal Magalhães Barata utilizarem os microfones da Clube para realizar discursos e propagandas políticas.

Os políticos e os partidos compravam horários, na rádio, principalmente no período eleitoral, para divulgação de suas ideias e programas, como faziam os anunciantes. As mensagens, pelas ondas da Clube chegaria ao eleitorado analfabeto nos mais distantes locais do interior do Estado, principalmente onde não chegaria o jornal impresso, por exemplo.

A Rádio Clube tentou ser na década de 40 e 50 uma emissora apolítica e teve uma relação, de certa forma amigável com os jornais governista e oposicionista do Estado. Não sofreu intervenção ou perseguição do governo federal, como ocorreu com alguns jornais oposicionistas.

A Rádio Clube vai ter concorrência apenas em 1954, quando entra no ar A Rádio Marajoara. Foram 26 anos reinando na planície amazônica. A concorrência chega a altura da “Poderosa”, como a rádio Clube será carinhosamente conhecida a partir década de 60. A rádio Marajoara chegaria para disputar mercado e perturbar os longos anos de reinado solitário. A Rádio Marajoara era ligado aos Diários e Emissoras Associados, de Francisco de Assis Chateaubriand, proprietária do maior império de comunicação do Brasil na época. Ele trouxe a TV para o Brasil, a TV Tupi e possuía, no Rio de Janeiro a Rádio Tupi. Seu conglomerado de rádios e TVs rapidamente se espalhou por todo o Brasil.

No Pará, a Rádio Clube viu e sentiu os impactos da chegada da concorrente. Pois seus profissionais, anunciantes e ouvintes migrarem para a Rádio Marajoara. A Clube foi se recuperar uns dois anos depois, ao trazer novos locutores, mudar a programação, sobretudo investir , na cobertura do futebol.

Em 1961, outra concorrente entra na disputa de audiência e de mercado consumidor. Vai ser mais um golpe na Rádio Clube. A Amazônia estaria entrando na era da imagem e do som, juntos. É a Televisão chegando para uma população que na sua maioria era analfabeta e dispunha de poucos meios de comunicação e com poucos recursos financeiros para adquirir um aparelho de TV. O novo veículo chegou novamente para poucos. A TV Marajoara, canal 2, mais uma filial do conglomerado de Chateaubriand, vêm entrando na região, trazendo a experiência das programações dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Traz também novas formas de propaganda e de divulgação de ideologias. As rádios sentem a sua presença, pois diminui a audiência das emissoras. As rádios Clube e Marajoara tiveram que modificar a programação, para poderem manter seu público e seus anunciantes.

O rádio na Amazônia sempre teve seu público fiel, os moradores ribeirinhos dos grandes rios e dos lugarejos e cidades distantes do centro de Belém que dependiam das mensagens e se entretém com a companhia do rádio no trabalho e em casa. Pessoas que não dispunha de escolaridade e recursos financeiro para adquirir, agora, uma televisão. Sabendo disso, os políticos regionais e nacionais e internacionais utilizavam o rádio como principal instrumento de propaganda política para divulgação de suas ideologias e para atacar seus adversários partidários e ideológicos e conquistar apoio nos mais longínquos lugares da planície amazônica.

Nessa época, os partidários dos grupos políticos regionais e nacionais tentavam buscar apoio com os proprietários das rádios, mas isso nem sempre era possível, pois estes tinham amizade com os adversários.

Dessa forma, alguns políticos da situação e da oposição irão adquirir e ser proprietários de sua própria rádio. Surge assim, em 1960, a Rádio Liberal AM (Inicialmente Difusora) que era de propriedade do general Moura Carvalho do PSD (Partido Social Democrata) que em 1960 era vice governador do Estado do Pará e que em seguida iria ser eleito o prefeito da cidade de Belém. Alguns meses depois, a oposição iria fundar a rádio Guajará cujo proprietário seria Lopo de Castro, ex-prefeito de Belém que era membro da Coligação Democrática Paraense. As duas rádios servirão de palanques para governo e oposição, divulgarem suas ideologias e conquistarem mentes e votos necessários para chegar ao controle do Estado.

A disputa dos grupos políticos pelo controle no Estado do Pará chegou ao ponto dos equipamentos e transmissores da Rádio Guajará serem destruídos por golpe de machadinhas e tiros de metralhadora por indivíduos mascarados em 1962 em Belém. A rádio ficou fora do ar por vários dias. A violência alcançou ainda a residência do diretor da rádio, Linomar Bahia. Apareceram no muro de sua casa marcas de balas e sua esposa sofreu ameaças de morte por telefone. O Partido Social Democrático (PSD) que era considerado adversário político da rádio foi acusado dos atentados, mas este negou qualquer participação nos fatos.

A década de 50 no Brasil foi um período de muita efervescência política. A era do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, conhecida como nacional-desenvolvimentista, impulsionou o desenvolvimento econômico a partir de 1955. Foi inaugurada a nova capital do Brasil, Brasília, em 1960 e foi construída a estrada que ligava Brasília a capital paraense. Esses feitos transmitiam um clima de positividade e de desenvolvimento no Brasil.

O clima ficou turvo quando chegaram as dívidas contraídas pelo chamado milagre econômico brasileiro. O país vai passar por instabilidade econômica. Em 1961 o presidente Janio Quadro renuncia. Assume João Goulart seu vice. O governo de Jango vai ser marcado por profundas crises políticas e econômicas, assim como de grande movimentação da classe trabalhadora que exigia mudanças sociais. Foi um período de transição entre os *anos de ouro* da Era JK e os *anos de chumbo* do regime militar. Dentro desse contexto estava agindo os grandes meios de comunicação que estavam associados a grupos hegemônicos de capital nacional e internacional que controlava os

meios de comunicação e que realizava uma grande campanha de propaganda anti-comunista em todo o país, influenciando na tomada de decisões políticas e econômicas do governo e também nas manifestações populares de apoio ao governo ou contrário a ele. Segundo Dreifuss

o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) formavam uma estrutura presidida por empresários ligados ao capital multinacional e associado que conspirou ativamente contra o governo Goulart, financiando as principais ações políticas e ideológicas em nível nacional. (1981, p. 162)

Esse período da História consistia em uma ação de conflito ideológico no contexto da Guerra Fria vivida no Brasil no final dos anos 50 e início dos 60. No Brasil os militares com apoio da elite orgânica, da igreja católica, da classe média urbana e de empresários de empresas nacionais e internacionais de diversos setores inclusive e principalmente da comunicação, tomaram e assumiram o governo federal em 31 de março de 1964.

No Pará o novo governo teve total apoio do clero e dos empresários, principalmente dos meios de comunicação que cobria as prisões de sindicalistas, fechamento de jornais opositores e ainda a cassação dos mandatos dos políticos locais como do governador do Estado e do prefeito de Belém. Segundo UFPA,

No período da ditadura militar, os movimentos de esquerda entraram na ilegalidade; os cidadãos brasileiros perderam seus direitos políticos; outros foram exilados; muitos perderam a vida na luta contra a ditadura; a censura amordaçou a imprensa, marginalizou a cultura e estimulou a contra-cultura, na música representada pelo iê-iê-iê de Roberto Carlos. É neste contexto político, econômico e social que se insere o rádio paraense. (2011, p.69)

Diante desse novo cenário nacional a programação das rádios na década de 60 vai sofrer interferência política diretamente. As rádios paraenses, após o golpe militar, poderiam veicular livremente notícias de cassação de políticos e prisões de opositores do novo regime. Noticiaram isso como “furo de reportagem”. Mas qualquer notícia desfavorável aos militares era logo retirada do ar com ameaça da rádio sofrer intervenção e ser fechada. Alguns radialistas que ousaram desafiar o regime militar denunciando torturas, espancamentos e assassinatos ocorridos em Belém pelo governo militar, foram presos ou foram obrigados a se retratarem publicamente.

Antes da programação das rádios e da Televisão ir ao ar os *sripts* deveriam ser levados ao censor dos militares para dar sua aprovação. Músicas de cunho ideológico e de conteúdos pornográficos eram retiradas da programação e a rádio sofria uma

advertência, se fosse reincidente era punida. As rádios evitavam desobedecer as ordens do regime, era melhor tê-los como aliados. Por isso, a obediência era quase que total.

Um episódio que aconteceu no Sul do Estado Pará em 1970, mas que pouco se sabia, por ser censurado e abafado pelos militares, foi a Guerrilha do Araguaia. Uma reação armada dos membros do PC do B (Partido Comunista do Brasil) contra os militares golpistas. Se sabia notícias da Guerrilha, através da Rádio Tirana da Albânia. As poucas notícias veiculadas pelos meios de comunicação local resultaram em prisões e perseguições dos militares. Para as rádios era mais lucrativo esta apoiando o governo e as ações dos militares. As rádios pertencentes a grupos adversários no Estado, acusavam uma a outra de ser comunista para dar motivos de uma intervenção militar e ser fechada. UFPA, informa que

durante toda a década de 60, o rádio funcionou como um importante meio de comunicação entre o interior e a capital, pois neste período, o sistema de transporte no Estado era precário. A programação do rádio paraense vai ser voltada para os assuntos de interesse desse público, uma tendência que vai aumentar com o aparecimento da TV, quando as rádios se voltam para a programação regional. (2011, p.90)

Na década de 70 o Pará já dispunha de novas rádios e emissoras de televisão. Rádios Liberal, Rádio Cultura e Rádio Guajará e TV Liberal e TV Marajoara. As emissoras de TV ganham cada vez mais espaço na preferência do público em Belém. Com o aparelho se popularizando, 50% da população da capital já dispunha do aparelho, as programações das emissoras vão atraindo telespectadores e anunciantes. Surge nessa década as rádios FMs que vai ter uma melhor qualidade no som e vai atrair um público jovem que aderiu a programação que era basicamente musical.

Nesse contexto, a audiência das rádios AMs foi muito abalada. O público fiel do interior do Estado que veio acompanhando as rádios por décadas continuava com a audiência das AMs, uma vez, que a frequência das rádios FMs não alcançava as mais longínquas cidades e comunidades do interior do Estado.

A década de 80 vai ser marcada no campo político pelas manifestações populares exigindo eleição direta para o país. Grandes greves foram realizadas e caminhávamos para um processo de redemocratização. Os militares deixam o governo e o Congresso elege deputados e senadores para elaborar uma nova constituição para o Brasil. A censura é eliminada das programações das rádios e TVs.

Nesse clima de redemocratização, a partir do final dos anos 70, pessoas comuns, radialistas, irão utilizar o rádio como meio de se tornarem públicas a ponto de receberem os votos dos ouvintes, tornando-se deputados estaduais e vereadores no

Estado. Eles utilizaram da sua popularidade em programas de rádio que apresentavam e que tinham alta audiência. Faziam do microfone palanque de reivindicação de serviços básicos que o Estado não oferecia a população e utilizavam-se do assistencialismo para demonstrar interesse em solucionar os graves problemas sociais e de infraestrutura da cidade e do Estado.

No campo radiofônico era a vez das FM's. As principais rádios FM's da década de 80 em Belém do Pará foram: Rauland FM, a mais antiga, surgiu no final da década de 70; Rádio Liberal FM; Rádio Cidade FM; Rádio Carajás FM, Rádio Belém FM; Rádio Guajará FM, Rádio Cultura FM. Segundo UFPA,

As rádios AM's mantiveram seu modelo de programação, com informativos, principalmente crônicas policiais, pouca música se comparadas às FM's e um contato mais direto com o ouvinte. Nesse aspecto, estas rádios continuaram a atuar como intermediárias entre o ouvinte e as esferas do poder público. Os ouvintes ligavam para as rádios AM's para pedir empregos, o que motivou a criação da “bolsa de empregos”; para solicitar ajuda médica, asfalto e outras demandas. É nesse contexto que surgem os novos “radialistas políticos”. (2011, p. 120)

Os radialistas irão utilizar o rádio como meio de chegar ao poder. A intenção era sempre ajudar as pessoas carentes que solicitavam junto ao radialista, emprego, cirurgias, óculos, atterro e outros.

2.8 - A Origem do “medo vermelho”: as mensagens anti-comunistas em três momentos históricos no Brasil

2.8.1 - Após a Revolução Russa

Os jornais brasileiros vão se manifestar sobre as ideias socialistas ainda no século XIX, quando se deu a Comuna de Paris em 1871. A imprensa brasileira vai dar muita repercussão ao movimento. Passou a falar na Associação Internacional dos Trabalhadores (a Primeira internacional) e exagerou no desempenho dado no levante dos trabalhadores franceses. Segundo Konder

os políticos e jornais conservadores difundiam informações a respeito de crimes e atrocidades praticadas pelos amotinados. Acusados pelas tropas do governo conservador, que se recusava a negociar com trabalhadores “subversivos”, alguns grupos rebeldes (e não a direção da Comuna) haviam executados cerca de 90 prisioneiros. Derrotada a insurreição, os “defensores da ordem” promoveram uma

verdadeira carnificina, na qual mataram mais ou menos 25 mil pessoas, acusadas de terem participado da Comuna. (...)

Apesar do banho de sangue promovido pelos vitoriosos, eles conseguiram difundir no mundo inteiro a imagem de que a Comuna havia sido “obra de celerados”. E os ideais socialistas eram apresentados como instigadores das violências cometidas pelos revolucionários. (2003, P. 30)

Em uma sociedade conservadora, patriarcal, escravocrata e analfabeta como a brasileira nesse período, o ocorrido em Paris era um absurdo. A elite brasileira tinha uma profunda admiração pela França. Tinha os pés na América, mas os olhos em Paris. Era claro que a imprensa brasileira, não tardaria em denegrir a Comuna de Paris, condenando totalmente suas ações.

A imprensa e os políticos conservadores brasileiros divulgaram as atrocidades e os crimes ocorridos em Paris, capital e espelho do mundo na época. O ocorrido tinha que ter um responsável e uma base ideológica. A imprensa e os políticos difundiram pelo mundo afora que os ideais socialistas, já presentes e divulgados entre a classe operária europeia, era “o pano de fundo”, “o combustível” que insuflaria os “subversivos”. Dessa maneira as ideias socialistas já ficavam sendo associadas a violência, a morte, a desordem, a subversão. Para Konder,

alguém (não se sabe quem) se lembrou de perguntar o que se deveria fazer com os cidadãos franceses que depois de terem participado da Comuna, tivessem conseguido fugir e viessem para cá (Brasil). O Ministro dos Negócios Estrangeiros (hoje o cargo é chamado de Ministro das Relações Exteriores) assegurou aos deputados que o governo brasileiro não vacilaria em extraditar qualquer rebelde foragido que aqui chegasse, para que o governo francês o punisse. Com isso se alegrou um deputado conservador, que fez um discurso qualificando o “comunismo”- que como o próprio nome sugeria, tinha inspirado a Comuna – como o “cancro do mundo moderno”. (2003, p.31)

Estávamos 46 anos antes da Revolução Russa, onde os comunistas, liderados por Lenin conquistam o poder em 1917 e os ideais socialistas já são vistos com temor e rejeição pela classe política dirigente e pela imprensa brasileira.

A Revolução Russa em 1917 foi aceita pelo governo brasileiro, mas os desdobramentos da insurreição bolchevique de outubro/novembro do mesmo ano, não foi visto com simpatia pelo Brasil que rompeu relações diplomáticas com os Russos em 1918. Segundo Sá Motta,

o radicalismo bolchevique, com seu projeto de revolucionar o mundo e destruir as classes dominantes tradicionais, naturalmente causava consternação à elite dirigente brasileira, particularmente tendo em vista a onda de greves em cidades industriais brasileiras no período 1917-1918. A existência de país com governo orientado para os

interesses operários constituía perigoso mau exemplo para o proletariado brasileiro, e urgia evitar o risco de contágio. (2007, p.30 e31)

Para os dirigentes brasileiros na época, se fazia necessário romper relações com um governo que direcionava suas ações para a classe trabalhadora que no Brasil era nascente, mas que já fazia muito barulho e estava passando por momento de organização e reivindicação trabalhistas realizando greves e paralisações nas principais capitais do país. Segundo Konder,

de 1917 a 1920, houve mais de 200 greves no Rio de Janeiro e em São Paulo. No Rio, o Dia do Trabalhador (1º de maio), em 1919, foi comemorado na Praça Mauá por uma multidão de 50 mil pessoas. Lançou-se uma pedindo a limitação de jornada de trabalho em oito horas. (2003, p.42)

As ações dos bolcheviques na Rússia em 1917 foram noticiadas na imprensa brasileira, basicamente nos jornais, de formas terríveis. As histórias descreviam as violências praticadas pelos revolucionários e amenizava os atos praticados pelas tropas do exército branco em meio a guerra civil. Segundo Sá Motta,

“além das imagens de barbárie, que mobilizaram construções tradicionais da cultura européia sobre o mundo oriental, evocando representações sobre as "hordas asiáticas" e o "perigo turco", houve outro tema central nos ataques ao bolchevismo. A ideia de que cometera traição ao mundo ocidental.(...)Lênin retirou seu país do conflito para concentrar recursos na construção do experimento socialista, mas aos olhos ansiosos dos aliados ocidentais tal ato seria motivado pela intenção de aliviar a situação militar dos alemães, que passaram a lutar apenas na frente ocidental. (2007, p.231)

Durante a década de 20 a imprensa brasileira continuou publicando denúncias sobre as experiências na URSS com o novo regime. Eram notícias de greves, manifestações lideradas pela esquerda, aniversário da revolução e histórias de espionagem sempre com o véis depreciativo e escandaloso.

Nessa época os primeiro livros anticomunistas vão entrar em circulação na Europa, escritos em francês e logo chegaram ao Brasil. Não demorou e começaram a ser traduzidos e editados em português por editoras de expressão no mercado editorial como Companhia Editora Nacional e Livraria Globo.

De 1917 a 1930, os jornais dos grandes centros urbanos nacionais e o “boca a boca”, conversas informais, eram os meios de se manter informado. O rádio só entra como experimento em 1922 e a primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, só entraria no ar em 1923. A rádio não tinha condições técnica de espalhar a

mensagem anticomunista, assim como não era essa a intenção de seus fundadores, pois tinha um caráter educativo.

No Pará a rádio Clube entra no ar em 1928, mas ficava mais fora do ar que em funcionamento. Além do mais poucos tinham rádio em suas casas, pois o preço era elevado e tinha que ser importado. Portanto, em uma época de poucos meios de informação e com uma população basicamente analfabeta as informações eram adquiridas em uma relação face a face.

Quando o assunto era a Revolução Russa, como a população letrada reagia? E a grande parcela analfabeta da população como enxergava essa questão? Não podemos dizer ao certo, mas as notícias que contam do lado de lá que era divulgada nos jornais eram sempre trágica, violenta e anticristã.

Está se construindo no Brasil um imaginário sobre o comunismo e a URSS. Essa concepção vem sendo divulgado muito antes da 1917 com a Revolução Bolchevique na Rússia. Inicia com A Comuna, ocorrido na França em 1871, quando a imprensa e os políticos brasileiros da época, irão se manifestar pelos jornais a respeito. Trataram os revoltosos franceses como subversivos que agiam sobre a influência das ideias socialistas.

2.8.2 - No período do governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945)

No final dos anos 20 e início dos anos 30 o mundo passava por uma grande crise econômica. No Brasil, estávamos não apenas passando pela crise internacional, mas por um momento de transição política. As oligarquias rurais que governavam o Brasil desde as primeiras décadas da República vão perder espaço e poder. A burguesia e a classe média urbana, juntamente com os militares não aceitavam mais as decisões políticas do governo federal voltadas basicamente para o setor agrário em declínio. A retirada das oligarquias do poder no Brasil se deu através do movimento chamado Revolução de 30.

A Revolução de 30 foi um movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República no Brasil, chamada de Republica Velha (1889-1930). O movimento teve a liderança dos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Culminou

com um golpe de Estado em 1930 depondo o presidente da república Washington Luís e impedindo a posse do presidente eleito Júlio Preste. Getúlio Vargas, o candidato derrotado nas eleições que representava o setor empresarial urbano, a classe média e militar, assumiu o “governo Provisório” em 3 de novembro de 1930. É o fim da República Velha e início do governo de Getúlio Vargas que vai ficar no poder até 1945. Naquele clima de conflitos e mudanças dos anos 30 o rádio vai ter um papel fundamental para os dirigentes do Brasil e para uma sociedade que aos poucos deixa a vida agrária. Segundo Júnior,

o rádio era a tela que transmitia a imagem de um país cheio de contrastes entre o urbano e o rural, entre a mudança e a conservação, entre a fama e o anonimato, refletindo os dois Getúlios que conviviam num só ditador. As rádios Nacional, Clube do Brasil, Tupi, Mayrink Veiga, Record, Inconfidência, Farrroupilha, Jornal do Comércio, (Rádio Clube do Pará) irradiavam o Brasil, repleto de microfônias e interferências. (2004, P.12)

A Revolução de 30 não acalmava os ânimos dos grupos políticos no Brasil. O conflito continuava só que agora, era entre as elites revolucionárias. Soma-se a isso as greves dos trabalhadores urbanos. Para Hausen,

de 1930 a 1932 houve vários choques entre os “tenentes” que se organizavam no Clube “3 de outubro” e as antigas oligarquias estaduais. Os confrontos provocaram grande mobilização pela reconstitucionalização do país; e São Paulo foi o principal ponto da campanha, cuja intensidade levou a guerra civil pela constituinte. Um novo conflito estava por vir, a Revolução Constitucionalista de 1932 encabeçada pelo Estado de São Paulo.

O governo de Vargas venceu militarmente São Paulo, mas a proposta por uma Assembleia Constituinte foi vencedora. Uma nova Constituição foi promulgada e Vargas foi eleito pelos constituintes como o Presidente da República.

A radicalização das propostas da Aliança Nacional Libertadora e da Ação Integralista Brasileira provocou novos confrontos que, por sua vez, levaram ao levante comunista de 1935. (2001, p.37 e 38)

Nos anos 30 o liberalismo estava em crise. Na Europa os governos autoritários apresentavam-se como solução para superar os modelos de governos democráticos liberais que demonstrou ser ineficiente. A URSS também apresenta seu modelo social e econômico e político para o mundo, principalmente para a classe trabalhadora.

No Brasil essas alternativas ganharam muitos adeptos no meio político e sindical e procuraram ganhar simpatia e adesão dos brasileiros através do partido Comunista e da Ação Integralista Brasileira (AIB). As propostas logo se combateriam através de propaganda negativa de uma contra as outras. O governo Vargas vai articular

politicamente os dismantelamentos dessas alternativas políticas e irá implementar estratégias que denegriu os ideias socialistas e eliminou os membros e as concepções ideológicas da Ação Integralista Brasileira e dos socialistas. Mas vai ser a AIB que sairá na frente com a propaganda anti-comunista.

A AIB (Ação Integralista Brasileira), movimento político de caráter fascista que atuou no Brasil entre os anos de 1932 a 1937 vai engrossar a propaganda e o combate das ideias anti-comunista no Brasil a partir dos seus jornais e revistas. A AIB vai ser extinta junto aos demais partidos em 1937 em função do golpe com qual Getúlio Vargas instituiu a ditadura do Estado Novo (1937-1945).

A Ideologia de Estado, o nacionalismo e o catolicismo eram os ingredientes da doutrina pregada por Plínio Salgado e outros ideólogos da AIB no Brasil pós-revolução de 30. O lema *Deus, Pátria e Família* denotam o espiritualismo e a presença religiosa na doutrina. O lema revela a visão do universo, do homem e da sociedade almejadas pelos integralistas para a sociedade brasileira nos anos 30. Segundo Leal,

a AIB no pouco tempo de atuação, empenhou-se fortemente em sua propaganda e na construção de uma grande estrutura política, nos níveis nacional, regional e local, para a qual foi estratégica a criação de uma complexa base de imprensa partidária, que chegou a contar mais de uma centena de jornais além de revistas e uma de alta cultura. Não conquistou o poder, mas é considerado o primeiro movimento de massa do Brasil, tendo reunido cerca de um milhão de pessoas entre militantes, aderentes e simpatizantes. (2006, p.8)

Os integralistas tinham descrença no liberalismo, por ser “egoísta e individualista”. Eram anti-capitalistas internacionais e combatiam o judaísmo financeiro e a maçonaria. Eram ainda anti-socialistas e anti-comunistas, por ser oriunda de uma mesma concepção materialista da história e por apresentar uma ameaça à Pátria e à família brasileira. Dentre os inimigos, os mais atacados das frases destaque na imprensa integralista é o comunismo.

Será, sobretudo pela imprensa que os integralista atacam o comunismo, seja pelo temor do crescimento do comunismo no país, seja como estratégia política, pois o anticomunismo era um elemento de mobilização social, principalmente nos setores médios da sociedade da época, onde se encontrava maior número de militantes do movimento.(Leal citado em Oliveira, 2004, p.105)

A imprensa partidária integralista vai lançar em todo país sua mensagem anticomunista. A população brasileira vai assim construindo aos poucos um imaginário de temor e de medo do comunismo e dos seus defensores. Um outro fato que iria

agravar e até confirmar o medo dos “vermelhos” em assumir o poder no país, foi a Intentona comunista, ocorrida em 1935. Segundo Konder,

Os militares que ficaram decepcionados com os resultados da Revolução de 30 e com o governo de Getúlio de Vargas se aproximaram dos comunistas. O Partido Comunista do Brasil e Carlos Prestes utilizaram a Aliança Nacional Libertadora (ANL), e “decidiram fazer dela um verdadeiro instrumento da tomada do poder.” (2003, p. 61)

A ANL foi uma organização política composta por oficiais de diversas armas, operários e intelectuais, criada em março de 1935 que objetivava lutar contra a influência fascista no Brasil, principalmente a Ação Integralista Brasileira (AIB). No seu programa básico tinha como pontos principais a suspensão do pagamento da dívida externa do país, a nacionalização das empresas estrangeiras, a reforma agrária, proteção aos pequenos e médios proprietários, a garantia de amplas liberdades democráticas e a constituição de um governo popular. Segundo Leal, quando funda-se

a Aliança Nacional libertadora (ANL), em março de 1935 o ataque ao comunismo se intensifica, tanto em *A Offensiva (jornal)* quanto no *O Integralista (jornal)*, evocando mais intensamente sentimento religiosos, de amor à família e de nacionalismo. Além disso, aumenta a associação entre liberalismo, capitalismo e comunismo. (2006, p.81)

A ANL crescia e aumentava a tensão política no país. Frequentemente entrava em conflitos com os integralistas. No dia 5 de julho de 1935, a ANL promoveu manifestações públicas para comemorar o aniversário dos levantes tenentistas de 1922 e 1924. Nessa ocasião, contra a vontade de muitos dirigentes aliancistas, foi lido um manifesto de Prestes propondo a derrubada do governo e exigindo "todo o poder à ANL". Vargas aproveitou a grande repercussão do manifesto para, com base na Lei de Segurança Nacional promulgada em abril de 1935, ordenar o fechamento da organização. A ANL perdeu o contato com as massas e ganhou força interna com os membros do partido Comunista e os “tenentes” que deflagrou um levante armado para depor o governo de Getúlio Vargas em novembro de 1935, iniciando na cidade de Natal, Recife e na capital do País, Rio de Janeiro. Esse movimento foi chamado de Intentona Comunista ou Revolta Vermelha.

Getúlio Vargas não teve dificuldade de dominar a situação e promoveu uma intensa repressão contra vários grupos de oposição ao seu governo que atuavam no país que estavam relacionados ou não ao movimento. A ANL foi desarticulada.

A repressão ao movimento levou o Congresso Nacional decretar o Estado de Guerra, suspendendo as liberdades e garantias individuais. O fato preparou o caminho

para que Getúlio Vargas decretasse o Estado Novo em 1937, reforçado pelo chamado Plano Cohen de 1937. Segundo Sá Motta,

se durante os anos iniciais de seu governo, Vargas pensou em aproximar-se da URSS, a chamada Intentona Comunista de novembro de 1935 sepultou qualquer possibilidade nessa direção. O evento teve impacto profundo sobre a elite do país e consolidou os argumentos e valores contrários ao comunismo já em circulação previamente. A Intentona de 1935 deu origem a uma grande onda anticomunista, que não se resumiu apenas à repressão e à censura, mas implicou a criação de mecanismos de propaganda e contrapropaganda visando a erradicar o risco de expansão das ideias revolucionárias no Brasil. As representações e instituições inspiradas na campanha contra o comunismo enraizaram-se e teriam impacto em eventos futuros. (2007, p.234)

A propaganda anticomunista na década de 30 no Brasil era intensa. A imprensa falada ou escrita assim, como a fotografia dos jornais de circulação nacional, a imprensa partidária e religiosa e ainda imprensa oficial do estado se prestavam a divulgar uma mensagem negativa do comunismo e de seus adeptos.

Uma dicotomia foi se criando no imaginário coletivo brasileiro. De um lado o comunismo, mau e perverso que todos os brasileiros católicos, patrióticos e obediente a moral e aos bons costumes, defensor da família e da propriedade, da liberdade e das leis, deveriam rejeitar, negar e expurgar os “seguidores de Moscou”. Por outro lado a figura de um ser do bem, patriota e sensato estava sendo construído sobre a figura do presidente Vargas. Vargas através do seu órgão de imprensa e propaganda (DIP), constrói para si a imagem do “salvador” da nação brasileira utilizando o clima construído de rejeição aos comunistas. Ele seria o mais capaz de manter com punho forte a nação contra as investidas do comunismo ateu e maldito. Isso ficou mais evidente com a Intentona Comunista.

Com a Intentona Comunista em 1935, criou-se no país um “clima de Guerra”. O que só era um promessa e um medo estava se concretizando. Os comunistas estão tomando o poder. Estão mostrando do que são capazes e ainda estão usando as forças armadas para isso. O estado de sítio é implantado em todo país e foi sendo prorrogado ininterruptamente levando a reboque a censura a imprensa até novembro de 1937.

O combate ao comunismo era constante e todos deveriam fazer sacrifícios e concessões políticas. Nesse cenário de insegurança e temor dos “vermelhos”, Vargas aproveita o ambiente favorável a si para dar em novembro de 1937 o golpe e manter se

no poder com a justificativa que de o que estava fazendo era o melhor para o país, naquele momento da descoberta do Plano Cohen.

Contando com a direta colaboração dos Integralistas nos diz Fausto,

O “Plano Comunista”(chamado pelo governo Vargas de Plano Cohen) era um imaginativo desfile de horrores, prevendo como lance final a tomada do poder, com incêndios de prédios públicos e a “condução das massas aos saques e às depredações, nada poupando para aumentar cada vez mais sua excitação, que deve ser mesmo conduzida a um sentido nitidamente sexual, a fim de atraí-las com facilidade”. O plano foi forjado pelo capitão Mourão Filho, lotado no estado-maior do Exército e chefe do serviço secreto da AIB (Agência de Inteligência do Brasil) que se destacaria décadas mais tarde como general a desfechar o golpe de 1964. Getúlio e a cúpula militar aprovaram a farsa, e logo o Plano Cohen foi estampado em todos os jornais e martelado na emissão radiofônica da Hora do Brasil.(p.79).

A disseminação do anti-comunismo através do imaginário social no Brasil é uma construção bem anterior a 1935. O Plano Cohen só viria aumentar o medo dos comunistas que já existia. Houve uma vasta produção cultural de diversos segmentos sociais tanto políticos como religiosos que dentro dos seus espaços de influência e interesses, realizaram uma campanha de combate ao “inimigo ateu”, aos comunistas e a URSS muito antes da Intentona Comunista. Porém a perseguição oficial, a nível de Estado se daria a partir do Estado Novo implementado por Vargas em 1937. Segundo Gonçalves ,

a perseguição aos opositores comunistas foi uma das características que distinguiu o Estado Novo, e marcou o quase aniquilamento do PCB, com a prisão, exílio ou morte de muitos de seus quadros, uma incipiente e débil tentativa de resistência e rearticulação encontrou eco já a partir de 1938. (2006, P.29)

A trajetória institucional como anticomunista resulta da nomeação de Cavalcanti em janeiro de 1936, como membro da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo – CNRC – organismo criado com a finalidade de investigar atos e/ou crimes contra as instituições, sugerir processos administrativos e judiciários, visando a repressão aos participantes civis e militares do levante de novembro de 1935. (2006, P. 85)

Dentro do contexto da guerra de propaganda anti-comunista no Brasil dos anos 30, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ocupava lugar privilegiado. A imprensa partidária ou não partidária, os órgãos oficiais do Estado ou os cultos religiosos produziam e divulgavam nos meios de comunicação que dispunham notícias depreciativas contra ela. Naquele país era apenas desgraça, barbárie, um verdadeiro inferno. Depois de 35, com a Intentona Comunista, a imagem da URSS ficou ainda muito mais depreciada pela imprensa brasileira. Segundo Sá Motta,

Ela (Rússia) passou a ser vista, sobretudo depois de 1935, como potência agressora, Estado inimigo, responsável por treinar, financiar e infiltrar agentes subversivos no Brasil, devotados à destruição da pátria e de seus valores básicos religião, família e, dependendo do autor do discurso, a liberdade. Ela representava doutrina revolucionária "exótica" e contrária aos valores brasileiros e, simultaneamente, potência estatal agressora. (2007, p. 234)

Isso se deu principalmente depois da polícia ter descoberto evidências da participação de um grupo de agentes da Internacional Comunista envolvido no Movimento de 1935, A Intentona Comunista. O que era especulação tinha se tornado fato. Portanto, atacar a Imagem da URSS com representações contrárias aos “valores democráticos e cristãos” será fundamental, para minar os esforços de propaganda dos revolucionários comunistas que viam naquele país o paraíso socialista, fonte de inspiração revolucionária.

Segundo Sá Motta (2007) “a década de 30 no Brasil e o período do Estado Novo constituíram momentos chave de solidificação do anti-comunismo no Brasil, principalmente entre as elites sociais, políticas e burocráticas “(p.230). Para a população brasileira, constituída de um grande número de analfabetos, basicamente católicos, foi um período de grande temor e medo da URSS, do ideário comunista e dos seus adeptos, pois, toda propaganda anti-comunista do período era direcionado ao povo brasileiro de norte a sul, rico ou pobre, culto ou não.

Criar uma mentalidade de caos sobre a URSS e de rejeição sobre o ideário comunista foram os principais objetivos de Getúlio Vargas quando usou o rádio como veículo de propaganda anti-comunista. A igreja católica, por sua vez, usou os cultos religiosos e a AIB (Ação Integralista Brasileira) utilizou sua imprensa partidária e a imprensa não partidária nacional, para pregar o anti-comunismo. Todos unidos e de sua maneira, divulgavam as propagandas anti-comunistas no Brasil, nos anos pós 35, com objetivo de amedrontar a população brasileira dos perigos dos comunistas.

2.8.3 - No contexto da 2ª Guerra Mundial e no pós-guerra no Brasil

2.8.3.1. A formação educativa no contexto da Guerra Fria no Brasil

Segundo Júnior,

Nos anos 40 a estratégia política enxergou no rádio o veículo laboratório das técnicas modernas de comunicação de massa. O noticiário, entendido como expressão da verdade, ajudou a formar mentalidades, a gerar juízos de valor pautados no respeito à ordem e à autoridade. A guerra psicológica integra este universo, em que a palavra “crise” se associa à desordem e, portanto, representa uma ameaça ao *status quo*. (2004, P.16)

Os anos 40, no primeiro momento, nos parece que é um período de pouca movimentação anti-comunista no Brasil. Afinal Getúlio Vargas nos anos 30, após a Intentona Comunista, já havia reprimido o movimento comunista e eliminado os maiores expoentes nacionais. Mas fatores externos como a segunda Guerra Mundial incentivarão a retomada das propagandas anti-comunista no país.

Um outro fato que colocou em evidência e reacendeu a nível institucional e nos meios de comunicação, o anti-comunismo junto a sociedade brasileira, foi a celebração anual, a partir de 1941, que homenageava os soldados mortos em confronto com os participantes da Intentona Comunista ocorrido em 1935. A homenagem era organizada pelo Exército Brasileiro no Rio de Janeiro. Segundo Gonçalves,

No Brasil, reforçar o anti-comunismo investindo numa espécie de tradição inventada foi uma das estratégias encontradas para que ele sobrevivesse na imaginação da sociedade, sobretudo, nos anos decisivos em que o Brasil rompeu sua neutralidade e aderiu à aliança ocidental. (2004, P. 67)

A homenagem aos soldados mortos em combate na Intentona Comunista de 1935, objetiva suscitar na população brasileira os sentimentos de repúdio ao regime soviético, o ódio, o temor e a repulsa aos mitos negativos àquele país. A homenagem lembrava o estigma que o comunismo trazia: violência, destruição, corrupção moral, desordem e caos.

A homenagem aos soldados, institucionalizou formalmente o anti-comunismo brasileiro, utilizando o imaginário mitológico da população brasileira trabalhados por grupos sociais ao longo dos anos nas décadas anteriores.

Homenagear os soldados mortos na Intentona Comunista era uma forma de deixar vivo o medo dos brasileiros aos agentes e ao regime bolchevique principalmente nesses anos de guerra em que a União Soviética estava envolvida. Para Gonçalves,

de nada valeria o esforço da repetição(das homenagens aos soldados) se não fossem agregados a esse movimento dois elementos potentes de inculcação e fertilização dos imaginários. O primeiro se configurava pelo aporte a instrumentos materiais como os veículos de comunicação, como rádio e jornais, dedicados a amplificar a produção de sentidos. O segundo elemento, complementar, era definido pela “sedução verbal” do emissor que comportava a capacidade para acionar os mecanismos simbólicos.

Essa articulação permite constatar que o imaginário anti-comunista somente pode ser veiculado se estiver dissimulado no acervo simbólico de uma sociedade, apta à apreensão de seus significados. (2004, p. 71)

Não podemos esquecer que estamos nos anos da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto os nazistas invadiram a Rússia em julho 1941. Os Ingleses por sua vez, se tornam aliados dos Russos contra o inimigo comum, a Alemanha. Segundo Gonçalves,

A conjuntura foi interessante porque revelou como a hostilidade ao comunismo pôde ser forjada tendo em conta as forças simbólicas captadas e invocadas pelo imaginário social. A oposição gerada no passado retornou em forma de crise e desconforto político. Para sua solução, dois substratos afetivos, o nacionalismo e o nazismo, opondo-se ao internacionalismo, confluíram, apontando em direção aos inimigos. Em 1941, na linguagem do anti-comunismo de guerra, o comunismo, representando o crime e a desagregação do homem, converteu-se em abjeção maior quando mostrou capacidade de se consorciar ao poder do capitalismo financeiro, este, configurado pela ideologia liberal e administrado pelos grupos judaicos dispersos pelo mundo. Favorecer e reforçar esses argumentos, foram mecanismos que visaram imprimir força e eficácia simbólica ao imaginário. (2004, p.30 e 31)

Os anos de 1943 e 1944 caracterizam pelo declínio gradativo do autoritarismo do Estado Novo no Brasil, mas a prática de homenagear os soldados mortos na Intentona já estava incorporada no calendário cívico paralelo do Exército.

Vários setores da sociedade brasileira clamam pela democratização do país. O Partido Comunista envolvido no processo, acredita na sua legalização e em uma era nova, principalmente nesse momento de pós-guerra.

O Partido Comunista ganhará seu registro de partido político no Brasil em 1945, com Getúlio Vargas ainda na presidência. Vargas dá anistia aos presos políticos que ele perseguiu durante seu governo. Cria dois partidos para apoiá-lo nas eleições de 1945. Os partidos criam o movimento “queremista” onde defendia uma nova Constituinte com Getúlio no poder. Os militares temendo a manutenção de Vargas na presidência dão um

golpe e depõem Getúlio da presidência. Eleições são marcadas para eleger uma constituinte e um novo presidente da República. Dutra vence as eleições.

A legalização do Partido Comunista no Brasil criou um ambiente propício de reflexão sobre a atuação e a representação do partido no Brasil. A invasão comunista está anunciada e o mito da conspiração comunista contra o Brasil reacendeu no sei social. Segundo Gonçalves,

a representação sobre o perigo que vinha de fora, habitava na idéia de um país administrado e controlado por ações desnacionalizantes concentradas no PCB, como reprodutor fiel da política soviética. Mesmo prevalecendo a noção de que o PCB era um agrupamento político dirigido de fora do país, uma agremiação antiamericana e antinacional, o *Suplemento(jornal)* estabelecia algumas sugestões de combate ao comunismo que não incluíam necessariamente a cassação do partido, mas evitariam a indesejada presença de Stalin na “cadeira presidencial”. O *Suplemento(jornal)* propunha a utilização de certos meios que a democracia consagrava: a propaganda pela imprensa, pelo rádio, na tribuna e na cátedra. No âmbito do Parlamento, o PSD era apontado como força viva de resistência aos comunistas, embora não fosse menosprezada uma aliança com udenistas. (2004, p.131 e 132)

O registro do PCB foi cassado em maio de 1947 por decisão dos 3 juízes do Tribunal Superior Eleitoral. Esse fato demonstra o anti-comunismo encorpado e muito vivo na sociedade brasileira. Para Gonçalves,

As denúncias para a abertura do processo remontavam a março de 1946 e o PCB foi enquadrado em quatro casos possíveis de cancelamento de registro de partidos políticos, conforme dispositivos constitucionais e legislação ordinária: 1) recebimento de contribuição pecuniária ou qualquer outro auxílio do estrangeiro; 2) recebimento de orientação político-partidária de procedência estrangeira; 3) manifestação, por atos inequívocos dos órgãos partidários autorizados e contra seu programa, de objetivos colidentes com os princípios democráticos; 4) atos inequívocos dos órgãos autorizados do PCB manifestando objetivos diversos do seu programa, colidentes com os direitos fundamentais do homem, definidos na Constituição. (2004, p.154)

Essa decisão do governo brasileiro esta sendo tomada em período de pós-guerra e está de acordo com a orientação do governo norte americano que oferecia ajuda financeira aos países aliados europeus envolvidos na guerra, mas desde que estes realizassem determinadas política quanto aos comunistas, como cassação dos Partidos Comunistas e dos seus membros nos seus países. Foi o que ocorreu na Bélgica, na França e Itália.

Segundo Gonçalves, “para os países latino-americanos, a proposta norte-americana foi no sentido de refinar a luta contra ameaças à segurança nacional, com o preparo e o treinamento das polícias locais com o objetivo de descobrir e neutralizar comunistas”. (2004 p. 155)

No pós-2ª Guerra Mundial a influência norte-americana ficou mais forte no mundo. Os dólares disponíveis para reconstrução das consequências da guerra estavam a disposição dos países que concordassem em realizar ações política que pudesse parar e combater o avanços dos ideais socialistas nos seus países.

O rádio nesse contexto de guerra, se tornou o maior veículo de propaganda anti-comunista e exemplificaria o acordo entre EUA e Brasil no combate “aos vermelhos”.

As propagandas anti-comunistas eram veiculadas por grandes empresas de comunicação. No pós-guerra, no Brasil aumentou o número de investimento em propaganda de empresas norte-americanas. Segundo Junior,

em 1947, as agências de publicidade destinaram 750 milhões de cruzeiros aos meios de comunicação. Cinco anos depois, em 1952, as cifras alcançaram 3,5 bilhões de cruzeiros, ou seja, um aumento de 360%. Desse montante, quase 25% atendiam as emissoras de rádio (2004, P.104)

Segundo Werneck Sodré,

As empresas industriais e comerciais que despendiam a quase totalidade da importância de 3,5 bilhões de cruzeiros, e as empresas de publicidade que serviam de intermediárias, eram, na quase totalidade, estrangeiras; finalmente, as empresas que assim manipulavam, e continuam a manipular, a opinião, jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão, acabavam por ser financiadas, mantidas, sustentadas, orientadas por aquelas, e por refletir e defender os seus interesses, que não eram, e não são, os nacionais. A inocuidade do dispositivo constitucional que reservava a brasileiros a exploração da imprensa fica comprovada. (1966, p. 466)

A propaganda atingia principalmente uma camada média urbana consumidora de produtos das empresas norte-americanas instalada no país. Essas empresas tinham grande interesse em manter a economia brasileira longe dos ideais socialistas.

Nos parece que os Estados Unidos tinham dois principais interesses em manter o Brasil como aliado no contexto de “Guerra Fria”. Primeiro precisava manter e proteger as empresas de capital norte-americano instaladas no Brasil e segundo combater o ideário anticomunista no país. Para isso os meios de comunicação se fizeram muito úteis principalmente o rádio e o jornal. Estes foram usados como instrumentos de combate ideológico para manutenção dos lucros e do interesse de uma elite nacional de capital estrangeiro.

Como exemplo dessa estratégia de combate ao comunismo, foi criado o programa de rádio: *Nos Bastidores do Mundo*, uma produção norte-americana que era veiculada diariamente em dezenas de rádios e nos principais jornais do Brasil. Os

programas eram planejados e voltado para impressionar o ouvinte com história de relatos de viajantes norte-americanos a URSS, por exemplo. Estes retornavam aos EUA e descreviam o que tinham visto de horror nas terras Russas. Assim nascia livros e romances. Os livros seriam utilizados como fonte confiável e símbolo da verdade do que aconteceria na URSS. Comentaristas de nomes renomados de instituições confiáveis faziam o trabalho de comentar a obra. Os comentários tinham o vício degenerativo da imagem do país e do governo russo. Escandalizava-se com as atrocidade de que se cometia naquele país.

Os recursos de sonoplastia e a tonalidade de voz utilizada pelo apresentador nos programas eram rigorosamente sincronizados para que o ouvinte criasse uma imagem de segurança da verdade de quem falava e ainda provocar um sentimento de medo, pena, desumanidade sobre o regime soviético e dos seus seguidores.

Em agosto de 1950, o programa é estreado no Rio de Janeiro, capital do Brasil. As rádios menores que estavam em outros Estados do Brasil, recebiam os textos e divulgavam os programas na rádio local. Nos mais distantes lugarejos do Brasil a mensagem anti-comunista chegava diariamente nas ondas dos rádios e nas linhas de jornais. A mensagem era para todos. Segundo Júnior,

O programa *Nos Bastidores do Mundo* – uma produção do United States Information Service (USIS) – projetava a visão da política externa dos Estados Unidos nos anos 50, durante a Guerra Fria. O comentário, de quatro minutos em média, era transmitido diariamente por dezenas de emissoras e publicado nos jornais dos Diários Associados, da cadeia pertencente ao empresário Assis Chateaubriand. No Rio de Janeiro, a partir de agosto de 1950 veicularam o programa as rádios Tupi, Globo, Mauá, Jornal do Brasil, Mayrink Veiga e MEC. Na Rádio Globo, as transmissões eram às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14h. Cidades do interior recebiam apenas o texto do comentário, cabendo a leitura a um locutor local. A variedade de emissoras sugere que os horários do programa eram comprados com recursos da embaixada norte-americana. (2004, p.131)

O rádio, veículo hegemônico no auge da Guerra Fria, representava o meio de comunicação ideal para difundir conceitos simples apoiados no lugar comum. A estratégia do USIS era disseminar o medo da ameaça comunista nas camadas médias e de baixa renda dos países latino-americanos, gerando um clima de desconfiança a qualquer proposta de distribuição de riqueza (incluindo a reforma agrária e a ampliação dos direitos trabalhistas) e um antagonismo contra as nações do leste europeu. (2004, p. 147)

PROPAGANDA ANTICOMUNISTA DIVULGADA PELAS RÁDIOS NO BRASIL
NA DÉCADA DE 50

NOS BASTIDORES DO MUNDO

TÉCNICA: MÚSICA OH SUZANA, FICA 15 SEG E DEPOIS CAI EM BG

LOCUTORA: Este é o comentário de Al Neto. Nos Bastidores do mundo – o que há por trás das notícias. Ao microfone, Al Neto.

MÚSICA: SOBE, FICA 8 SEG E CORTA.

AL NETO: Para um cidadão russo, um pedaço de pão branco e uma frase menos feliz podem significar a prisão perpétua e até a morte. Certa feita, o engenheiro WILLIAM WOOD viajava em um trem do Estado entre Cochoguino e Leningrado⁸¹. WOOD achava se na Rússia a serviço do governo soviético. Naquele trem um operário russo viajava ao lado de WOOD. Ao servir-se da merenda que levava, WOOD ofereceu um pedaço de pão branco ao operário. O operário aceitou e, depois de comer um pouco do pão, observou: “fazia mais de cinco anos que eu não provava um pedaço de pão branco”. /// (OT) Esta frase condenou-o Ao chegarem a Leningrado, WOOD observou que um dos passageiros do trem pusera-se a seguir o operário. O resto do caso é simples. Naquele trem, como em todos os outros lugares, havia agentes do NVD, a Polícia secreta do Kremlin. Um agente ouviu o operário dizer que há cinco anos não comia pão branco. Tal observação contrariava a propaganda do Partido Comunista. O Partido diz que os operários têm sempre de tudo, do bom e do melhor, naquele paraíso soviético. /// WOOD tratou de interceder pelo operário, mas foi inútil. Soube depois que o mesmo havia sido internado em um campo de trabalhadores escravos. Destes campos, escreve WOOD, só se sai para o cemitério.

(PAUSA) Bem, é por casos como o que acabo de contar-lhes que WILLIAM WOOD afirma: o povo russo é um grande aliado das democracias. O que WOOD quer dizer é simplesmente o seguinte: o povo russo odeia o regime comunista. Se José Stalin ainda governa a Rússia, é porque dispõe de número suficiente de polícias. Os comunistas governam a Rússia pela força das armas. O povo não se pode rebelar porque não tem armas. Quem quer que ouse discordar, ainda que superficialmente, do Partido Comunista é imediatamente eliminado. Os que não são puramente e simplesmente assassinados são internados em campos de concentração. É assim, escreve WILLIAM WOOD, que José Stalin reina. Reina à ponta de sabre, estalando chicote, evocando das

sombras as paredes das masmorras./// As conclusões de WOOD estão reunidas num livro que acaba de aparecer em New York e que se intitula “O nosso aliado – o povo russo”.

TÉCNICA: VINHETA DE OH SUZANA. FICA 8 SEG E CORTA.

LOCUTORA: Acabaram de ouvir o comentarista Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã, a esta mesma hora. /// E agora atenção. Se você quiser receber gratuitamente publicações de interesse para você e sua família, escreva para Al Neto, caixa postal Meia- Nove-Nove-Meia-Nove-Nove, Rio de Janeiro.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA, FICA 10 SEG E CORTA. (Junior, 204, p.132)

2.8.3.2 - A conquista do Estado no Brasil e o anti-comunismo na imprensa como mensagem educativa

Um terceiro momento em que vai retornar com muita força as propagandas anti-comunistas na imprensa brasileira, vai ser em torno do período que antecede o golpe militar ocorrido em 1964. Esse momento histórico é diferente dos momentos anteriores quanto as propagandas de divulgação da ameaça de golpe dos “vermelhos”.

O golpe militar ocorrido no Brasil em 1964, não se resumiu apenas em uma ação militar onde o alto-escalão das Forças Armadas brasileira tomaria o poder Executivo. A ação militar também não nasceu do imediato, nem de uma trama instantânea que se teceu nos gabinetes dos militares superiores e ainda, não foram apenas estes, os responsáveis pela deposição do presidente João Goulart da presidência da República.

Nos anos cinquenta, vivia-se em um contexto de Guerra Fria no Brasil. Os conflitos ideológicos eram evidenciados no campo políticos, econômicos e social. A renúncia do Presidente Jânio Quadros e a posse do seu vice, João Goulart em 1960, evidenciaram toda a trama e as ideologias em disputas no país.

No final da década de cinquenta e início da década de 60, uma complexa e organizada elite nacional de interesse internacional realizou, uma campanha política, ideológica e militar que objetivava afastar do Executivo o grupo político reformista e a classe trabalhadora emergente.

Em abril de 1964, os militares tomam o poder no Brasil. Esse fato foi fruto de uma organização complexa da elite nacional e consequência do trabalho de um grande “elenco social”. “Produtores”, “atores”, “diretores”, “patrocinadores”, coadjuvantes” atuaram e executaram suas funções de maneira escondidas ou declaradas para o sucesso do golpe. A elite nacional usou os mais diversos meios de comunicação para convencer o grande público e os militares de que, suas idéias eram as melhores para a pátria, a democracia e a família brasileira. Segundo Dreifuss,

o que ocorreu em abril de 1964 (no Brasil) não foi um golpe militar conspirativo, mas sim o resultado de uma campanha política, ideológica e militar travada pela elite orgânica centrada no complexo IPES/IBAD. Tal campanha culminou em abril de 1964 com a ação militar, que se fez necessária para derrubar o Executivo e conter daí para frente a participação das massas. (2008, p.247)

O uso dos meios de comunicação foi indispensável nessa “campanha” e foi usado a exaustão. Valia de tudo! Pois, era fundamental garantir os objetivos das classes envolvidas. Portanto, várias estratégias de ação foram elaboradas para combater e eliminar o “inimigo vermelho”.

Em novembro de 1961, uma complexa organização nacional liderada por um grupo de intelectuais fundou no Brasil o complexo político-militar chamado de Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e ainda o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Esses institutos eram formados por empresários ligados ao capital multinacional e associado, profissionais liberais e militares. Seus objetivos eram conspirar contra o governo nacionalista-reformista de João Goulart e ainda neutralizar a ação política e ideológica de uma camada social que apoiava as reformas políticas do governo. Para Dreifuss,

em termos de doutrina, ele (IPES/IBAD) se viu expressando os objetivos e ideais de Aliança para o Progresso. Foram inseridos nos jornais de domingo em todo o Brasil mais de um milhão de cópia *Cartilha para o Progresso*, feito pelo IPES, e que apresentava os pretensos benefícios que a Aliança para o Progresso proporcionaria (ao país).(2008, P. 253)

O IPES desenvolveu uma dupla vida política. Ao público demonstra ser uma respeitável organização de homens de negócios e intelectuais que apoiavam as propostas das reformas do governo, mas que também almejava participar dos acontecimentos políticos e sociais. Quanto ao lado encoberto Dreifuss (2008) revela que (o IPES) coordenava uma sofisticada e multifacética campanha política, ideológica e militar. Os

fundadores do IPES, (eram) avidamente dedicados a “manipulação de opiniões e (a) guerra psicológica (...) (P.186)

A elite de intelectuais e empresários de interesse econômicos multinacionais e associados, unificado sob a liderança do IPES, segundo Dreifuss, lançou

a campanha político-militar que mobilizaria o conjunto da burguesia, convenceria os segmentos relevantes das Forças Armadas da justiça de sua causa, neutralizaria a dissensão e obteria o apoio dos tradicionais setores empresariais, bem como a adesão ou passividade das camadas sociais subalternas. Mas antes de se iniciarem hostilidades a nível político-militar, desenvolveu uma campanha ideológica multifacetada contra o bloco histórico-populista. Tal ação compreendia a desagregação dos quadros populistas, assim como aqueles de imaturos grupos reformistas, adiando as ações do Executivo e tentando conter o desenvolvimento da organização nacional de classes trabalhadora. (2008, P. 246 e 247)

As modalidades de ação utilizadas pela elite orgânica para a doutrinação da sociedade brasileira eram divididas em dois pontos: 1) ação ideológica e social, 2) ação político-militar.

O IPES/IBAD tinham muito claro o que deveriam fazer na sociedade brasileira para alcançar seus objetivos. Suas ações foram pensadas, arquitetadas, planejadas. Dessa vez de forma profissional. As melhores agências de propagandas do país, na época, foram contratadas para realizar uma campanha onde se criasse um clima de insegurança social em relação a ameaça de conspiração de golpe comunista em curso no país. Os donos dessas agências eram membros contribuinte do complexo grupo do IPES/IBAD.

O medo, os brasileiros já tinham desde a década de 30 com a Intentona Comunista. A elite não deixou desaparecer o medo existente no imaginário coletivo dos brasileiros e o utilizou como arma psicológica. Essa tática já vinha sendo utilizada para eliminar os opositores da elite orgânica de interesse internacional, não apenas na década de sessenta, mas nas anteriores também. O que se fez, foi ressuscitar o que nunca morreu ou desapareceu na sociedade brasileira, o medo comunista e a ameaça de conspiração. A propaganda anti-comunista iria continuar, só que agora de forma mais organizada, planejada de forma profissional e alarmante como sempre. Para Dreifuss,

Uma vez em ação, a elite orgânica, fazia uso de todo o recurso disponível, legal ou ilegal. Segundo o líder ipesiano Glycon de Paiva, essas atividades que beiravam a ilegalidade, poderiam ser resumidas como a preparação de civis para assegurar um clima político apropriado para a intervenção militar. Em sua, opinião a ação política tinha de ser sigilosa. Suas recomendações envolviam a “criação de um caos econômico e político, o fomento à insatisfação e profundo temor ao comunismo por

patrões e empregados, o bloqueio de esforços da esquerda no congresso, a organização de demonstração de massa e comícios e até mesmo atos de terrorismo, se necessário. As áreas alvo para a doutrinação específica e pressão política direta eram os sindicatos, o movimento estudantil e classe camponesa mobilizada, as camadas sociais intermediárias e a hierarquia da igreja, o legislativo e as Forças Armadas. (2008, p.247)

“A infiltração comunista” foi o principal motivo que determinaria e justificaria a ação do IPES/IBAD, a partir de 1961. A elite orgânica precisava convencer e mostrar aos empresários, as forças armadas e ao povo brasileiro em geral, que todos estavam sujeitos a uma imediata intervenção comunista. Para alcançar seus objetivos, a elite orgânica, realizou uma campanha que divulgou em diversos meios de comunicação, a “infiltração comunista”. Isso causou um forte impacto na sociedade brasileira. Segundo Dreifuss,

Os canais de persuasão e as técnicas mais comumente empregadas para alcançar os objetivos da elite orgânica compreendiam a divulgação e publicações, palestras, simpósio, conferências de personalidades famosas da imprensa, debates públicos, filmes, peças teatrais, desenhos animados, entrevistas e propaganda no rádio e na televisão. A elite orgânica também publicava, diretamente ou através de acordo com várias editoras, uma série extensa de trabalho, inclusive livros, panfletos, periódicos, jornais, revistas e folhetos. Saturava o rádio e a televisão com suas mensagens políticas e ideológicas.

Para moldar a opinião pública, a elite orgânica se utilizava também dos discursos, exposições e pronunciamentos públicos de personagens de destaque e prestígio social que seria reproduzido em outros Estados e cidades, através dos diversos recursos da mídia. “Escritores, ensaístas, personalidades literárias e outros intelectuais emprestavam seu prestígio, escrevendo e assinando, eles próprios, artigos produzidos nas “estufas políticas e ideológicas” do complexo IPES/IBAD”. (2008, P. 249 e 250).

As atividades desenvolvidas pelo IPES/IBAD eram muito diversificadas, precisava, assim, de um grande numero de profissionais da área específica da comunicação para se ter sucesso na campanha contra o governo de João Goulart e combater os ideais marxistas-leninista e seus adeptos que circulava no país. Segundo Dreifuss,

o IPES alistava um grande número de escritores profissionais, jornalistas, artistas de cinema e de teatro, relações públicas perito da mídia e de publicidade. O complexo IPES/IBAD também era capaz de articular e canalizar o apoio de alguns das maiores companhias internacionais de publicidade e propaganda, criando assim, uma extraordinária equipe para manipulação da opinião pública. Jornalistas profissionais se integravam no esforço geral como “manipuladores de notícias” e propagandistas, trabalhando sobretudo através das unidades operacionais dos Grupos de Opinião Publica, Estudo e Doutrina de Publicações. (2008, P.249 e 250)

Uma peça fundamental na estrutura da produção e divulgação de notícias e material ideológico e político produzido e reproduzido pelo IPES, foram as agências de

notícias, como o Planalto, que “era administrado pelo próprio IPES que fornecia material a 800 jornais e emissoras de rádio por todo o país com várias remessas semanais de material noticioso constituído de informação e análise, serviço este inteiramente gratuito. (2008, P. 253)

Os maiores e mais importantes jornais, rádios e rede de televisão do país, estavam sincronizados com os objetivos do IPES. Os proprietários destes eram membros dos grupos que compunha o complexo IPES/IBAD e colaboraram de forma prática e direta na campanha. Segundo Dreifuss,

O IPES conseguiu estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública, através de seu relacionamento especial com os mais importantes jornais, rádio e televisões nacionais, como: Os Diários Associados (poderosa rede de jornais, rádio e televisão da Assis Chateaubriand, por intermédio de Edmundo Monteiro, seu diretor geral e líder do IPES), a Folha de São Paulo (do grupo Octávio Frias, associado do IPES), o Estado de São Paulo e o Jornal da Tarde (do grupo Mesquita, ligado ao IPES, que também possuía a prestigiosa Rádio Eldorado de São Paulo). Diversos jornalistas influentes e editores de O Estado de São Paulo estavam diretamente envolvidos no grupo de opinião pública do IPES. Entre os demais participantes da campanha, incluem-se: J. Dantas, do Diário de Notícias, a TV Record e a TV Paulista, ligadas aos IPES através do seu líder Paulo Barbosa Lessa, o ativista ipesiano Wilson Figueiredo, do Jornal do Brasil, o Correio do Povo do Rio Grande do Sul, e O Globo, das organizações Globo do grupo Roberto Marinho, que também detinha o controle da influente Rádio Globo, de alcance nacional. Eram também feitas em O Globo notícias sem atribuição de fonte ou indicação de pagamento e reproduzidas como factual. Dessas notícias, uma que provocou um grande impacto na opinião pública foi que a União Soviética importaria a instalação de um Gabinete Comunista na Brasil, exercendo todas as formas de pressões internas e externas para aquele fim. Outros jornais se puseram a serviços do IPES. (2008, P. 250)

No campo editorial o IPES possuía uma estrutura completa para editar, publicar, traduzir, distribuir e financiar livros, livretes, revistas e folhetos. As produções poderiam ser próprias, como também aquelas de fontes da mesma concepção política-ideológica do IPES. A qualidade das publicações acompanhava a qualidade das discussões e do público direcionado. Se a publicação fosse para atingir, a massa como a edição de panfletos, o papel poderia ser do tipo de inferior qualidade, disfarçando a origem da editora. Mas se a intenção fosse confrontar opiniões de radicais do governo ou de simpatizantes, “socialistas, comunistas ou nacionalista eram confrontadas com material de propaganda de variados graus de sofisticação, que se estendiam desde as publicações sensacionalistas e vulgares até a prosa acadêmica “séria”(Deifuss, 2008, p.253)

Algumas das publicações produzidas pelo complexo IPES/IBAD tinham um caráter de propaganda “deturpadora”, ou seja, eram basicamente fatuais e continham

informação cuidadosamente selecionada à qual adicionava-se uma certa “torção”. Já outros trabalhos eram mentiras declaradas ou ficção. Ainda em Dreifuss,

Um clássico exemplo de um modo mais vil de guerra psicológica era a publicação regular de *O Gorila*, distribuído dentro das Forças Armadas. Em uma das edições depois de apresentarem o que consideravam os dogmas básicos do marxismo, os autores comentavam que o programa parecia ser bom. No entanto, tudo não passaria de uma isca, pois, “Atrás da aparente, beleza, estão os assassinatos em massa, a abolição da dignidade, os campos de trabalho forçado, a rejeição de toda a noção de liberdade e fraternidade”. Caracterizavam, então o comunista: “Ele é aparentemente inofensivo ... nunca se trai, sempre trairá outros. Ele fala de paz e amor fraternal”. “Ele será o seu mais querido amigo, o mais sincero, o mais leal ... até o dia em que ele o assassinará pelas costas, friamente ... Eles matam frades, violam freiras, destroem igrejas”. O General Moacir Gaya se encarregava dos planos para a distribuição de panfletos e outros materiais similares produzidos ou divulgados pelo IPES. (2008, p.254)

No início dos anos sessenta, a propaganda no rádio e na televisão era intensa. Uma verdadeira Guerra psicológica foi realizada contra o governo de João Goulart, a esquerda e o trabalhismo. A elite orgânica, através do Grupo de opinião Pública e o Grupo de Doutrina e Estudo de São Paulo cobria os eventos dos associados e apoiava atividades políticas e ideológicas que estava de acordo com as concepções do IPES. Os programas produzidos no Rio e São Paulo eram retransmitidos para as rádios e televisões de todo país. Em Belém do Pará a rádio e TV Marajoara, associada da poderosa rede de jornais, rádio e televisão do Assis Chateaubriand, retransmitia, a nível regional a programação da elite orgânica. Segundo Dreifuss,

Procurava-se também moldar opiniões dentro das Forças Armadas, infundindo o senso de iminente destruição da “hierarquia, instituição e da nação” e estimulando uma reação quase histórica das classes médias que por sua vez, fortaleciam a radicalização militar para a intervenção. Finalmente visava contrabalançar a sua própria mensagem social, econômica e política com o impacto da ideologia nacional-reformista do governo dentro das classes trabalhadoras. (2008, p.262 e 263)

A campanha de doutrinação política e ideológica da elite orgânica, no início dos anos sessenta objetivava atingir o conjunto da sociedade brasileira. Daí utilizar os diversos meios de comunicação e mídias. O rádio foi o meio de comunicação mais eficiente e utilizado com muita destreza para doutrinação social no Brasil nesse período. Vargas já havia utilizado esse veículo nos anos trinta para divulgar seus feitos e sua imagem.

Nos anos sessenta, a utilização para fins doutrinários foi realizada com mais eficiência e teve um alcance e um impacto muito maior nos ouvintes, uma vez que as ondas sonoras cobriam todo o território nacional e chegava a todas as classes sociais. O rádio já havia popularizado, era muito querido pelos brasileiros. Isso se deu a partir das rádios novelas que foram sucesso de audiência nos anos quarenta e início do anos cinquenta. As técnicas de locução e a confiabilidade que os locutores passavam ao público, faziam do rádio um instrumento perfeito para doutrinar uma população com baixa escolaridade e crédula no que ouvia pelo equipamento.

Certo que o rádio perdeu seu lugar com a chegada da televisão nos anos cinquenta. A grande massa não podia comprar um aparelho de televisão pelo seu preço elevado. Por isso esse meio vai ser estratégico para a elite orgânica, pois a notícia chega onde outros meios de comunicação dificilmente chegaria. Para a região amazônica que possui dificuldade de acesso devido seus rios e floresta, o rádio era o meio certo para realizar o trabalho de doutrinação ao ouvinte. Segundo, Dreifuss,

O rádio era um poderoso meio de doutrinação geral e um valioso foco para se montar ações ofensivas contra o Executivo, principalmente em um país com massas de pessoas pobres, sem condições de terem televisões. Além disso, sendo analfabeta uma grande proporção da população e, conseqüentemente, não atingida pelas atividades doutrinantes da imprensa escrita, o rádio transistor, relativamente barato e acessível nos mais recônditos cantos do país, representava uma ajuda considerável para a elite orgânica. Como acontecia com a televisão, o IPES não patrocinava abertamente os programas de rádio. No entanto, as suas ligações com o rádio não eram apenas em forma de apoio financeiro aos programas semanais anti-comunistas, dirigidos a um público de classes trabalhadoras, como os da Rádio Tupi de São Paulo, mas também de patrocínio de uma variedade de programas e figuras públicas, conferências e discussões. (2008, p. 267)

Grande parte da propaganda da elite orgânica eram realizadas pelo rádio. Os programas iam ao ar em horários nobres e em transmissões especiais nos finais de semana. Na aproximação das eleições eleitorais em 1962 a quantidade de programas aumentava e o número de rádio contratadas para divulgação também. Nas programações, os ouvintes escutavam seus personagens preferidos da televisão e do teatro, participando especialmente na doutrinação política e ideológica da população. O financiamento dos programas ficava a cargo da ADEP(Ação Democrática Popular) e da Promotion S.A. Segundo Dreifuss, no

auge de suas atividades (a elite orgânica), dispunha de mais de oitenta apresentações semanais no rádio, para todo o país, nos horários especiais. No apogeu da campanha anterior às eleições (de1962), financiava mais de trezentos programas diários praticamente controlando o horário nobre das estações de rádio do país. Através de 82

estações, transmitia programas como “Congresso em Revista” e “A Semana em Revista”. Produzida em linguagem popular, tais apresentações levavam aos ouvintes os pontos de vista da elite orgânica, que por sua vez, também formava sua própria “Cadeia de Democracia”, compreendendo mais de cem estações de rádio em todo o Brasil. (2008, P. 267 e 268)

As propagandas realizadas pela elite orgânica IPES/IBAD, tinham um leque muito amplo de ações e utilizava diferentes meios de comunicação para atingir diferentes classes e grupos sociais brasileiros. Para atingir, por exemplo, os grupos intelectualizados da sociedade, utilizava-se os cartuns e charges em jornais como O Dia, a Luta Democrática, a Última Hora e o Globo. Esses jornais de grande circulação nacional tinha suas matérias reproduzidas em jornais de circulação regional por todo o país. Seus focos eram “a iniciativa privada, a produtividade e a pluralidade política, assim como rejeição de diretrizes “estatizantes” ou socialistas”. (Dreifuss, 2008, p.270) Os cartuns vinha atender a um vasto segmento da população que tinha limitada capacidade de leitura. Para esse público foi incentivado a divulgação de livretes, cartuns na imprensa, revistas e folhetos com as mesmas linhas ideológicas adotados em outros meios de comunicação.

Os filmes também foram muito utilizados como meio de doutrinação e educação da sociedade brasileira. O IPES/IBAD produzia filmes que eram exibidos em cadeia nacional e direcionado aos mais diversos grupos e camadas sociais. Os filmes iam de faroeste americano, que pregava a harmonia social até comentários da exploração dos estudantes com fins políticos. Passava-se os filmes para os trabalhadores das indústrias e trabalhadores rurais. Os pobres que não podiam pagar o cinema assistiam, em projetores montados em caminhões nas favelas e nos bairro populares das grandes e pequenas cidades do país. Dreifuss (2008) nos diz que os filmes também era produzido diretamente para atingir o grupo das forças armadas do Brasil. Segundo Dreifuss,

Finalmente, o IPES também produzia uma série de filmes com um duplo apelo às Forças Armadas e ao público em geral, difundindo e legitimando o papel de “construção nacional” dos militares. Elaboravam-se filmes sobre a Marinha Mercante, a Força Aérea, a Marinha de Guerra e o Exército. O IPES recebia, ainda, o apoio de fontes estrangeiras principalmente da embaixada americana. Nei Peixoto do Vale matinha contato com Harry Stone, o representante da Motion Pictures, o qual também fazia o fornecimento de material básico. (2008, p.270)

Para não deixar de fora da doutrinação, a elite orgânica realizava instrução ideológica para os seus próprios membros. A intenção era que houvesse uma sintonia de

ideias, interesses e objetivos comuns entre os associados nas reuniões, nas conferências, em entrevistas, em aparições e manifestações públicas. Essa linha comum era muito importante no jogo político e ideológico do complexo IPES/IBAD.

Outra instituição que funcionou como canal de doutrinação social e que ajudou em muito o IPES/IBAD no seu trabalho de educação social contra o governo de João Goulart e o comunismo, foi a igreja católica. Principalmente no final da década de cinquenta e início de sessenta. Uma ala da igreja estava ligada ao movimento social reformista e que comungava com as ideias do governo de João Goulart. Mas, uma grande maioria dos católicos, defendiam o chavão “Deus, família e liberdade.”

O IPES/IBAD utilizou essa estrutura nacional que é a Instituição religiosa católica. A intenção era atingir a classe média e as bases sociais populares com os ideais da elite orgânica. A igreja tinha total penetração nessas classes e estas poderiam dizimar os ideais do IPES/IBAD também no campo e nos movimentos sociais organizados, onde a classe média tinha liderança. Segundo Dreifuss,

O complexo IPES/IBAD não confiava apenas nos intelectuais orgânicos locais para disseminar suas opiniões. Alguns europeus e americanos também participaram. O IPES trouxe da França a militante escritora de direita Suzanne Labin, cujos livros ele distribuiu. A escritora francesa proferiu conferências sobre as *Táticas de infiltração comunista e a Guerra política* para as mais variadas platéias, em tão diversificados lugares do Rio e de São Paulo como a ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra), a ESG (Escola Superior de Guerra), o Centro de Indústria do Rio de Janeiro, o Sindicato dos Armadores, o Colégio Santo Inácio, o Teatro Municipal, o Instituto de Educação do próprio IPES, o Automóvel Clube e o Colégio Mackenzie. Houve conferências e reuniões em outras cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba. (2008, P. 272)

Esses eventos de cunho internacional, eram tratados com muita importância pela elite orgânica e merecia um destaque e uma divulgação em todos os meios de comunicação que o IPES/IBAD tinha penetração. Afinal, estava-se sobre a ameaça de uma intervenção comunista no país, defendiam a elite orgânica, e todos os brasileiros deveriam estar apostos e bem informados sobre as estratégias utilizadas pelos “vermelhos” para conquistar a mente e o poder no Brasil.

Jornais, rádios, revistas, televisão cobriam os eventos e distribuíam as matérias em rádios e jornais de todo o país. Os programas de rádios do IPES/IBAD divulgavam e debatiam com os intelectuais brasileiros sobre as ideias anti-comunistas da escritora

francesa Suzanne Labin nos programas de rádio financiados pela elite orgânica como o programa : “Rede de Democracia”.

As informações e os debates davam um ar de verdade, seriedade e preocupação por parte da elite orgânica quanto a situação política do país. Porém a intenção mesmo era gerar um clima de insegurança social, desespero e medo aos “desavisados” brasileiros contra o “perigo vermelho”.

Vejamos como o Jornal, associado ao IPES/IBAD no Estado no Pará, “O Liberal”, contribuía com a efervescência anti-comunista no início do anos 60 no Brasil.

“... Os verdadeiros democratas devem-se acautelar contra ... o “movimento do recuo do martelo”, do comunismo, que lança mãos de todo os recursos para penetrar, até mesmo efetuando em determinadas ocasiões, autênticas retiradas estratégicas que apenas antecipam o retorno à luta com mais virulência e intensidade. (...) A massa enorme de cidadãos inteiramente desavisados das artimanhas e manobras extremamente maliciosas de que se utilizam os adeptos de Moscou, para alcançar o baluarte e a desistência democrática e solapar os alicerces das instituições.

Apontando os vermelhos como os “pescadores de águas turvas” o Sr. Jorge Boaventura (professor da faculdade de Filosofia) frisou que os homens verdadeiramente patriotas deste país, ultimamente com ênfase particular, através da “Rede da Democracia”, estão empenhados numa grandiosa tarefa de mobilização da consciência nacional para alertá-la contra o perigo, as operações solertes de infiltração e as audaciosas tentativas de envolvimento de grupos aliados às forças do comunismo internacional.

Concitou, afinal, a todos que o escutavam, no mais longínquo recanto do país, através da cadeia formada pelas rádios Tupi, Globo e Jornal do Brasil a que se organizem em núcleos de resistência democrática, redigindo manifestos e memoriais e os enviando à “Rede de Democracia” para que se saiba precisamente do vulto e da profundidade da penetração que está obtendo essa maravilhosa cruzada de orientação política em defesa dos valores da liberdade.

O deputado Raul Brumini, como já o fizera em audições anteriores da “Rede Democrática”, leu e comentou trechos do livro “ A Luta Política”, de Suzanne Labin, no qual a autora faz uma autêntica exegese de tudo o que caracteriza em suas sutilezas nos mínimos detalhes, a atuação internacional dos comunistas e seus esforços para a desagregação institucional no âmbito interno de cada país”. (Jornal O Liberal, 12 de março de 1964)

No início dos anos sessenta, a elite orgânica nacional, para defender seus interesses nacionais e internacionais, organizou-se como classe e planejou de forma profissional a conquista do Estado brasileiro. Utilizando os mais diversos meios de comunicação para divulgar uma propaganda anti-comunista, convenceu setores militares e a população brasileira de seus interesses. Conquistou o poder e governou com mão de ferro o país e a os setores reformistas.

Capítulo III

METODOLOGIA

3.1 - Introdução

O capítulo III aborda as questões metodológicas do trabalho. Partimos primeiramente, construindo uma panorâmica do contexto histórico e social do Brasil para localizar o objetivo do estudo, neste caso, registrar e analisar as concepções anti-comunistas divulgadas pelo meio de comunicação, principalmente pelo rádio, que estão presentes na mentalidade da população amazônica, sobre o Estado Comunista (marxista-leninista) e sobre as imagens dos adeptos de tais ideias.

Lembramos que as concepções anti-comunistas foram construídas dentro de vários momentos da história recente do Brasil. Partindo desses objetivos procuremos demonstrar a relevância desse estudo, pois ele, possibilita compreender o processo educativo em que foi submetido a população amazônica e brasileira. Essa educação foi imposta e construída e implicou na construção da formação política e ideológica da população amazônica. Achemos que este estudo, tem relevância, porque buscou uma explicação que possibilitou compreender o processo de construção de uma educação voltada para o medo das ideias marxista-leninista e de seus adeptos, na região amazônica. Dessa forma o trabalho procura avaliar o impacto, principalmente no campo político, desse processo educativo na formação política e ideológica dos cidadãos da região amazônica no Brasil.

Para a produção do trabalho, descreveremos os critérios utilizados para selecionar os participantes e ainda de que forma estes foram encontrados. Também será descrito com mais detalhes, o perfil desses participantes na pesquisa. Ainda na metodologia, um tópico do capítulo III, é sobre a recolha dos dados. Neste tópico, descreveremos a técnica e a forma de entrevista que melhor se adequou ao trabalho e que, portanto, possibilitou alcançar os objetivos propostos.

Quanto a análise dos dados coletados, utilizamos a análise do discurso, por ser o adequado para a pesquisa qualitativa, a qual se encaixa esse trabalho. Também descreveremos os cuidados realizados com os entrevistados no momento da recolha dos dados, ou seja, da entrevista. E por fim a grelha de categorização onde descreveremos as categorias e as subcategorias dos temas abordados no guião de entrevista.

3.2 - Objetivo do estudo

Entre os vários meios de comunicação social de massa, temos a contribuição do rádio, a sua função educativa. Desde os anos 20, com o surgimento do rádio no Brasil, este veículo vem sendo pensado com a finalidade educativa. Edgar Roquette Pinto, antropólogo brasileiro, enxergou no rádio um instrumento de educação. Sua idéia era que o rádio tivesse a nobre função de “trabalhar pela cultura e pelo progresso dos que vivem em nossa terra” (COSTA, s.d.)

O Rádio é o principal meio de comunicação e de educação social na Amazônia. As dimensões territoriais, as dificuldades de acesso aos centros urbanos e o isolamento de cidades e lugarejos faz das ondas radiofônicas o principal meio de aquisição de informação e de educação social na região.

Grupos sociais hegemônicos nacionais e regionais utilizaram esse meio de comunicação de massa no Brasil, a partir da década de 30, para divulgar valores, concepções ideológicas, políticos e culturais, assim como utilizaram como instrumentos para aquisição e manutenção do poder político regional e ainda para eliminar os seus adversários políticos e ideológicos. Mas também foi utilizado como instrumentos de comunicação enviando mensagens para as mais diversas comunidades no interior da Amazônia.

A sociedade paraense desde o surgimento do rádio no Estado, na década de 20, com a inauguração da Rádio Clube do Pará (1928), vem sendo influenciado pelas ondas sonoras. Entre as notícias e músicas, ideários políticos e ideológicos foram divulgados ao longo dos anos, por grupos políticos locais e nacionais, construindo no imaginário do povo paraense uma concepção mental sobre a religião e política, por exemplos. Dentre as muitas concepções ideológicas divulgadas e construídas, a relacionado ao anti-comunismo foi a mais elaborada e planejada e que refletiu no comportamento social, no campo político e social da população amazônica.

A Rádio Clube em Belém do Pará e a *Rádio Marajoara*, uma das primeiras do Brasil, participou de vários momentos da História nacional. Serviu, como ainda serve, de instrumento de divulgação do ideário capitalista e combateu através dos microfones, os adversários políticos e ideológicos. Informou e influenciou seus ouvintes com notícias que deturpava o ideário marxista-leninista na década de 50 e 60 na área de sua abrangência, na Amazônia e onde seus transmissores pudessem alcançar. Seus objetivos consistiam em deturpar a mensagem marxista-leninista que se espalhavam no país,

causando aos ouvintes, medo e desconfiança do ideário marxista-leninista e de seus seguidores.

A *Rádio Clube de Belém*, na década de 50 e 60, assim como a *Rádio Marajoara*, o jornal *O Liberal* e *A Província do Pará* fizeram parte de uma rede de rádio, jornal e televisão nacional que objetivava impedir a adesão de brasileiros à proposta marxista-leninista encampada, no âmbito da Guerra Fria, no Brasil. O ideário marxista-leninista estava tendo bastante aceitação nas camadas sociais brasileiras e entrou em conflito com os interesses de políticos, dos militares, e dos grupos capitalistas nacionais e internacionais.

Como estratégia de combate ideológico, programas de rádio e TV, livros, debates entre intelectuais foram produzidos e escritos por um grupo social hegemônico capitalista que produzia, divulgava e distribuía através das rádios, TVs, jornais de todo país, notícias que alertavam para o perigo eminente dos “vermelhos”, os marxista-leninistas que pretendiam realizar a Revolução Comunista no país. Esse grupo era formado por membros que representava o capital nacional e internacional e estavam preocupados com os seus investimentos no país e com a ameaça e o avanço do ideário marxista-leninista na década de 50 e 60 no Brasil.

Como a população brasileira, em especial a amazônica, apresenta uma formação religiosa católica cristã muito intensa, devido o processo de colonização portuguesa, os temas que envolvia os dogmas e princípios religiosos cristãos católicos, assim como a propriedade privada e o trabalho eram os temas mais abordados nas notícias anti-comunistas divulgadas nos rádios, jornais e impressos por todo país. Esses temas foram escolhidos porque poderiam ser capitados e rejeitados com mais facilidade pela população, pois seu impacto era de imediato, pois mexia com a fé, com a própria manutenção da instituição que era as igrejas cristãs e com o próprio Deus, assim como o trabalho e o seu produto. Daí o grupo hegemônico capitalista explorar mais essas questões, pois a população seria mais receptiva e se alarmariam com mais intensidade.

O complexo processo de tomada do Estado pelos militares no Brasil, na década de 60, foi pensado, implementado e articulado de forma política, ideológica e educativa, pois foi organizada, planejada e executada por um grupo político ideológico, com interesse nacional e internacional e apoiado pelos militares nacionais. Suas ações

consistiram em divulgar, através dos meios de comunicação de massa (rádio TV, jornal), mensagens anticomunistas no país e onde as ondas do rádio alcançassem.

As mensagens “educativas” tinham que chegar a todos brasileiros do país, de norte a sul, pobres ou ricos do campo ou da cidade. Alias, se tinha estratégia para alcançar cada camada e grupo social. As estratégias possuíam conteúdos, objetivos, metodologias e avaliações. Era portando, pedagogicamente pensado e arquitetado para se ter como resultado a criação de um ambiente de medo, de insegurança social no Brasil.

Para alcançar tais objetos, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) disseminaram uma propaganda anti-comunista onde se comprometeram em divulgar e fazer chegar a todos os brasileiros o “conhecimento” do ideário e das estratégias marxista-leninista utilizadas na conquista de mentes e do poder político nos países onde já havia sido implementado o regime marxista-leninista, como a China, Cuba e U.R.S.S..

Todo esse intenso e complexo processo de educação social tinha alto investimento humano e financeiro e precisava ser avaliado permanente para averiguar os resultados esperados, ou seja, se estava surtindo efeito o plano político-militar e ideológico implementado pedagogicamente pela “elite orgânica” DREIFUSS (1981) no Brasil na década de 60. Essa avaliação se daria a partir das observações das opiniões e comentários dos sujeitos sociais sobre o comunismo, ou ainda se os “slogans” e verbetes antimarxista-leninistas como: “tá russo”, sinônimo de algo ruim, difícil, estavam sendo interiorizados, divulgados e utilizados nas relações sociais, nas conversas informais em casa, na rua, na igreja ou ainda nos resultados das eleições. Ou seja, avaliava-se positivamente se a mensagem divulgada, pelos meios de comunicação social, estava criando uma ambiente de medo, insegurança e desconfiança ao ideário marxista-leninista e daqueles que se intitulasse marxista-leninista ou defendesse alguma idéia que demonstrasse ser “anticristã”.

Portanto, o processo de conquistar “almas e mentes” através das mensagens antimarxista-leninistas divulgadas por um “grupo hegemônico”(IPES/IBAD) através dos meios de comunicação era educativo e objetivava modificar, moldar pensamentos e comportamentos dos cidadãos brasileiros para impedir sua adesão aos ideários marxista-leninista no Brasil.

A população amazônica longe dos grandes centros urbanos e do poder político, com quase nenhuma outra fonte de informação e com uma baixa escolaridade, fez do rádio o mais influente meio de informação e de recepção das mensagens anti-comunista. Por ele chegavam às notícias nacionais e internacionais de cunho formativo, informativo e ideológico.

Com as informações anti-comunistas na cabeça e com desconfiança do que se ouvia poderia ou não ser verdade, a população em conversas, muita das vezes, repassava nas rodas de amigos e vizinhos as notícias vindas do mundo exterior da forma tradicional, de “boca a boca” ou face a face.

Ideias “distorcidas” divulgadas pelos membros sociais e pelos meios de comunicação de massa como o rádio, sobre a ideologia marxista-leninista, sobre o Estado marxista e os seus seguidores, foram interiorizadas e aceitas por parte da população amazônica. Falas e ideias, como: “tá russo”; “... de que se os comunistas assumirem o poder no Brasil iriam fechar as igrejas...”, “...vão confiscar as terras dos agricultores e as casa de todos que tivessem mais de uma...”, “...de que todos só iriam trabalhar para o governo...”, de que “...os comunistas eram ateus e comiam criancinhas...”, de que “...ninguém teria mais liberdade...”. Essas falas eram e ainda são comuns e espelhava o trabalho educativo ideológico realizado pelo rádio e outros meios de comunicação na região.

o rádio é a escola dos que não tem escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir a escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (CASTRO citado em COSTA, s.d)

As frases e ideias anti-comunistas eram e são comuns na região amazônica e refletia o trabalho educativo, político e ideológico, do complexo IPES/IBAD, onde o rádio e outros meios de comunicação na região amazônica se incumbiram de divulgar. Segundo Pinto,

o ideológico de cada discurso é apenas uma pequena parte do que se chama ideologia ou formação ideológica – uma família de ideólogos historicamente determinados e capazes de semantizar matérias significantes muito diferentes na sociedade: textos verbais, orais ou escritos, comportamentos, programas de rádio e televisão, filmes, os espaços onde vivemos, etc. Uma ideologia pode ser nomeada (p.ex. fascismo, sexismo, racismo, neo-liberalismo), mas nunca totalmente descrita, pois só temos acesso a alguns fragmentos específicos dela, os ideológicos ativados em cada evento comunicacional. (2002, p.45)

Um medo, uma rejeição das idéias marxistas-leninistas foi se formando no seio da população amazônica e quanto mais distante estava o ouvinte da área urbana, quanto menos informação sobre a proposta marxista-leninista, mais intenso era esse medo. Não se sabia se o que se ouvia pelo rádio e contavam pelas bocas de terceiros, sobre as propostas marxistas-leninistas e o que eles faziam, eram ou não verdade. O certo é que era melhor não duvidar. PINHO (2009, P.87) nos diz que as “narrativas têm papel central no que se chama de natureza humana. As histórias contadas pelas pessoas são fundadoras de sua identidade social e a construção de uma história de vida é crucial para nossa auto-identidade”.

A partir do exposto o que pretendemos com este trabalho é registrar e analisar as concepções anti-comunistas presente na mentalidade da população amazônica sobre o Estado Comunista (marxista-leninista); e ainda relatar as imagens estereotipada presente no imaginário social sobre os militantes adeptos das ideias marxistas-leninistas. E por último, se as mensagens assimiladas, refletiram em nível de prática social e políticas dos ouvintes na sociedade. Ou seja, avaliarei o impacto desse processo educativo na formação política e ideológica dos cidadãos dessa região do Brasil, onde as mensagens de cunho ideológico foram as armas de conquista de mentes na disputa do poder, no contexto da Guerra fria no Brasil.

3.3 - Relevância do Estudo

3.3.1 - Relevância do Tema

A historiografia brasileira tem produzido bastante sobre o Golpe Militar ocorrido no Brasil em 1964. O objeto é estudado pelas lentes sociais, políticos, econômicos, militar e ideológicos. Mas quando se olha no campo da educação social e dos meios de comunicação nesse processo de golpe de Estado, verifica-se que há pouca atenção e estudos a respeito.

A utilização dos meios de comunicação de massa, como um elemento indispensável na preparação do golpe, ou seja, divulgando as mensagens anti-comunistas e de ameaça de golpe pelos russos no Brasil, é apenas citados e visto nos trabalhos, como elementos secundários do processo. Assim como, a preparação de uma

mentalidade social que deveria aceitar as propostas ideológicas da “elite orgânica” e a intervenção militar para barrar o avanço das ideias marxistas. Essas questões são pouco observadas dentro do contexto do processo que culminou no golpe dado pelos militares em 1964 no Brasil.

A preparação do ambiente social para justificar a intervenção dos militares na conquista do poder é de fundamental importância ser compreendida. Se formos afunilar a questão do Golpe militar no Brasil, estudando a assimilação e os reflexos das mensagens anti-comunista, divulgadas pelos meios de comunicação na década de 50 e 60, na formação e no comportamento social, político e ideológico dos cidadãos, encontraremos poucos trabalhos a respeito. Se o contexto for, a Amazônia, não encontraremos trabalho que trate da questão.

Portanto, o referido trabalho, vem iniciar a discussão de um tema muito relevante na formação política e ideológica do homem amazônico. Pois, busca compreender o processo educativo em que foi submetido. Um contexto de Guerra Fria, em uma sociedade em combate ideológico severo. Os sinais de temor, de medo e a insegurança que uma parcela da população teve e ainda tem da ideologia marxista-leninista e a rejeição dos “vermelhos”, são os vestígios deixados por essa educação social, que refletiu no comportamento políticos e ideológicos.

A mentalidade construída, foi fruto de um processo educativo, encampado por uma “elite orgânica” de interesse nacional e internacional, que utilizou todos os meios de comunicação da época, no final dos anos 50 e início dos anos 60. Essa educação refletiu nas opções ideológicas e políticas partidárias dos cidadãos e é verificada nas eleições dos representantes políticos para o Executivo e o Legislativo, nos níveis federais, estaduais e municipais.

Apesar de estarmos vivendo em uma sociedade de direito e democrática, com eleições livres, ainda encontramos, cidadãos que apresenta uma rejeição dos candidatos e militantes de partidos de esquerda com tendências socialistas/marxista. Essa rejeição se reflete nas urnas e na composição do quadro político no Parlamento e no Executivo.

A relevância desse trabalho, está, na busca de uma explicação, para compreender o processo de construção de uma educação voltada para o medo das ideias marxista-leninista e de seus adeptos, na região amazônica. Assim como, na contribuição do

entendimento da rejeição em que partidos políticos de ideologias marxista-leninista apresentam ainda hoje na região e por fim da utilização desses mecanismos ideológicos por partes de grupos sociais e políticos para benefício próprios, de grupos e partidários.

3.3.2 - Escolha dos participantes

A escolha dos 10 participantes da pesquisa precisava ser feita de forma cuidadosa e criteriosa, pois os participantes precisavam encaixar em um perfil que a pesquisa exigia. Para averiguar as concepções dos entrevistados sobre o imaginário anti-comunista, divulgados principalmente no final da década de 50 e início de 60, precisava de senhores e senhoras com idade, acima de 65 anos que teriam vivenciado sua juventude nesse período de maior campanha anti-comunista na imprensa brasileira. Um outro critério importante, era que os participantes tivessem morado nas cidades, lugarejos e localidades fora da cidade de Belém, maior cidade do norte da Amazônia brasileira. Ou seja, os participantes deveriam na década de 60, ter vivido sua juventude no interior do Estado do Pará, onde a informação era muito precária e muito difícil de chegar e as poucas notícias de “fora” que chegavam, era através de comerciantes de produtos diversos que vendiam suas mercadorias em barcos, os chamados “Regatão”. O rádio era e é o veículo que não tem empecilho para distribuir as mensagens através das ondas sonoras, portanto o meio ideal para levar mensagens à população amazônica. Portanto, as dificuldades naturais que a Amazônia impõem aos seus habitantes para obter informações do mundo externo, seria realizada pelo rádio.

Outro critério para a seleção dos participantes era que tivessem vindo morar, em qualquer momento das suas vidas, na Região metropolitana da cidade de Belém. Esse critério é mais estratégia de pesquisa. Os participantes morando na região metropolitana de Belém, facilitaria a minha locomoção dentro da região amazônica que é imensa. Concentrando os participantes nessa área economizaria em despesa com viagem, estadia e alimentação.

A preocupação na seleção dos participantes estava também, no grau de instrução e na profissão que exercem ou exerciam durante suas vidas. Os selecionados informaram suas profissões, são: tratorista, cozinheira, corretor de imóveis,

pintor/autônomo/contabilista, economista/comerciante, bancário, sapateiro, mecânico, autônomo (batedor de açaí) e empresário do ramo de alimentação.

Quanto ao nível de escolaridade, os entrevistados declararam ser analfabeto, semi analfabetos, possuir o ensino fundamental ou ainda possuir nível superior.

A busca pelos participantes iniciava pela pergunta para amigos e parentes se conheciam pessoas com idade avançada, que estavam lúcidas e que tinham muito medo de comunismo e comunista e que não gostavam dos partidos de esquerda do Brasil, que segundo estes eram composto por comunistas. Os amigos logo lembravam de uma pessoa, um parente ou alguém muito próximo. Perguntava se dariam entrevista para realização de um trabalho acadêmico. Os amigos conversavam com seus parentes e se este consentisse era feito contato. Era marcado a data, dia e horário por telefone e as entrevistas eram realizadas sempre nas residências ou local de trabalho dos participantes.

Após realizar a entrevista, perguntávamos ao entrevistado se conheciam alguém com idade acima de 65 anos e que também tinha “histórias de comunistas” para contar e, é claro, poderiam conceder uma entrevista. Alguns entrevistados indicaram outros que também foram entrevistados. Em um caso, fui direcionado. Foi a entrevista com o sapateiro do bairro. Na ocasião, chegou um outro senhor que batia com o perfil da pesquisa e também o entrevistei. Quando perguntado se conheciam outras pessoas idosa que poderia me conceder uma entrevista sobre notícias comunistas, os dois foram unânime em indicar um terceiro que foi envolvido nos movimentos sociais da época e conversava bastante sobre as questões políticas da atualidade. Lembro que era analfabeto, um pequeno comerciante e bater de açaí. Um outro senhor, também indicado, quando ouviu o motivo da conversa se afastou desconfiado. Disse: “comunismo que nada! Precisavam era de Jesus”. Este não quis gravar entrevista e se recusou a conversar.

3.4 - Problema de Investigação

3.4.1 - Questões de investigações

A questão central da nossa investigação é a análise e a avaliação do processo de educação política e ideológica realizada através das mensagens anti-comunista presente na mentalidade de pessoas acima de 65 na região metropolitana de Belém no Estado do Pará, Brasil. Essas mensagens foram divulgadas pelos meios de comunicação, principalmente pelo rádio na região amazônica e de forma oral, em uma relação face a face. O objetivo das mensagens anti-comunista era combater e impedir a aceitação e ampliação das ideias marxistas-leninistas pela população brasileira. Esse fato ocorreu em vários momentos da história nacional, mas para esse trabalho nos localizamos mais no final dos anos 50 e início dos 60.

Nosso foco é a população amazônica, uma vez que esta região apresenta uma característica regional própria com seus rios e floresta e ter uma população dispersa e por ainda, possuir como principal meio de comunicação, o rádio e a oralidade. A nossa hipótese é que a mensagem anti-comunista divulgada massivamente pelos meios de comunicação em diversos momentos da história do Brasil, foi interiorizada, se não de forma integral e verdadeira, mas criou dúvida e insegurança em parte da população sobre o sistema comunista e dos seus adeptos.

Buscamos comprovar que as mensagens anti-comunistas influenciaram diretamente no comportamento social dessa parcela da população que rejeitou tal concepção. Esse comportamento foi refletido nos resultados eleitorais nas eleições pós o período militar no Pará e no Brasil. Com efeito, existem razões que apontam nesse sentido. Conforme demonstraremos no capítulo IV, onde descrevemos e analisamos as concepções de um Estado comunista, assim com o perfil do comunista que estava presente no imaginário dos entrevistados. Por fim, buscamos comprovar como tais entrevistados se comportaram politicamente nas eleições pós período militar, votando em candidatos não comunista e até mesmo rejeitando tais candidatos e suas propostas.

A pesquisa também procura identificar e analisar as estratégias educativas de cunho ideológico e político utilizadas pelos meios de comunicação e pelos grupos sociais hegemônicos no Brasil e no Estado do Pará que divulgou as mensagens ideológicas anti-comunistas na Amazônia e no Brasil; e por fim, analisa e avalia as concepções anti-comunistas e as ações dos adeptos das ideias marxistas-leninistas,

presentes na mentalidade do grupo social com idade superior a 65 anos ouvintes ou não das Rádios no Estado do Pará.

3.4.2 - Participantes do estudo

Os participantes desse trabalho de pesquisa são senhores e senhoras que moram na região amazônica e que possuem mais de sessenta e cinco anos. Estes residiam em cidades do interior do Estado do Pará, mas que atualmente moram em Belém ou em cidades próximas a ela. Alguns são analfabetos, outros conseguiram estudar até o primário ou secundário e outros ainda cursaram universidade. Os níveis de escolaridades são diversificados assim como o social e o religioso. As profissões em que ocupam ou ocuparam, também são diversificadas. São economista, sapateiro, dona de casa, tratoristas, pintor, motorista, pequeno empresário. A grande maioria são aposentados, mas que ainda trabalham em seus ofícios.

Alguns entrevistados participaram de movimentos religiosos da Igreja Católica que tinham uma tendência política/social, como as CEBs (Comunidade Eclesial de Base), outros foram simpatizantes do movimento do partido comunista do Brasil. Outros ainda não se envolviam nos movimentos e nas discussões políticas da época. Mas todos ouviram falar em comunistas e comunismo e tem “histórias para contar”. As compreensões a respeito do que se passava a nível político e ideológico no final da década de cinquenta e no início da década de sessenta no Brasil são diferenciados e não estão relacionados a nível de escolaridade ou de credo religioso e muito menos as suas profissões.

3.4.3 - Instrumentos de recolha de recolha de dados

Para realizar este trabalho de pesquisa, utilizamos o instrumento para a coleta de dados, a entrevista. A escolha pela técnica se deu devido a necessidade de formulação de questões específicas aos inquiridos a serem respondida pelos participantes. Quanto a forma da entrevista, optamos pela semi-estruturada, pelo fato de nos parecer ser a técnica mais adequada para responder as questões de investigação.

De acordo com Quivy e Campenhoud (citado em Borracha), as principais vantagens das entrevistas semi-estruturadas são: *i)* possibilidade de acesso a uma diversidade informativa; *ii)* capacidade de o investigador esclarecer alguns aspectos no decorrer da entrevista, algo que a entrevista mais estruturada dificilmente permite; *iii)* criar, na fase inicial de qualquer estudo, pontos de vista e hipóteses para o aprofundamento da investigação, definição de novas estratégias e seleção de outros instrumentos.

A técnica de coleta de dados através da entrevista, assim como a forma, semi-estruturada são as mais adequadas para a este trabalho, uma vez que, permite que o investigador possa instigar a memória e os relatos dos entrevistados, procurando buscar as concepções sobre temas diversos e sobre o que a pesquisa procura responder. No nosso caso, sobre as concepções anti-comunista e o comunismo. Segundo Bardin,

O locutor exprime com toda a sua ambivalência, os seus conflitos de base, a incoerência, do seu inconsciente, mas na presença de um terceiro a sua fala deve respeitar a exigência lógica socializada. "Bem ou mal" a sua fala torna-se necessariamente um discurso. É pelo domínio da palavra, pelas suas lacunas e doutrinas que o analista pode reconstruir os investimentos, as atitudes, as representações reais. (2009, P. 170)

A técnica de recolha de dados pela entrevista semi-estruturada, direciona a opção pela investigação qualitativa, uma vez que o tema também exige essa escolha. Portanto, utilizaremos a investigação qualitativa, pois é a mais adequada para a abordagem da pesquisa.

Huberman e Miles 1991 citado em Neto, 1995, P.423, nos diz que, os dados qualitativos são bastante "sedutores". Permitem descrições, explicações e interpretações "ricas", solidamente cimentadas em procedimentos que, ao invés do que acontece com as abordagens quantitativas ortodoxas, respeitam a individualidade de cada situação específica, o contexto em que ela ocorre e a sua temporalidade. Além disso, esses dados tornam possível ao investigador projetar o seu pensamento para além dos horizontes confinados das hipóteses e dos quadros conceituais e epistemológicos de partida.

Para análise dos dados utilizaremos a análise de conteúdo ou análise do discurso. Utilizando ainda, Huberman e Miles (citado em Neto) A técnica fundamental de tratamento e exploração dos dados qualitativos é a *análise de conteúdo* (ou análise qualitativa), a qual incide sobre o discurso (normalmente verbal), isto é, sobre os protocolos (diretos ou indiretos) produzidos pelos sujeitos investigados.

3.4.4 - Procedimento de recolha de dados

Para alcançar os objetivos propostos no estudo, optamos pelo procedimento de recolha de dados, a entrevista individual semi-estruturada.

A entrevista é definida por Haguette (citado em Boni, V. & Quaresma, S. J.) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Neste sentido, foi elaborado o guião de entrevista contendo cinco questões que foram norteadas pelo objetivo geral do estudo e seguindo os três princípios básicos: clareza, coerência e neutralidade. As questões formuladas combinaram perguntas abertas e fechadas. Os participantes puderam discorrer sobre as perguntas de forma descontraído. Foi utilizado nas entrevistas um gravador portátil que armazenou os dados coletados. As entrevistas foram realizadas nas residências ou local de trabalho dos participantes em horário e datas combinados. Procuramos respeitar os procedimentos ético e a relação humana com os participantes no momento da entrevista. Sendo sempre cortes e atencioso as suas respostas.

3.4.5 - Grelha de categorização

A grelha de categorização foi dividida em cinco temas, a saber: Conhecimento da existência do comunismo; Rádio; Mensagem anti-comunista; Eleição e Comunista/comunismo e Visão do comunista/comunismo. A partir dos temas criamos as categorias e estas por sua vez, foi dividido em sub-categorias. Vejamos do que trata as categorias.

No tema: Conhecimento da existência do comunismo, foi criada a categoria: Meios pelo qual o entrevistado teve conhecimento do Comunismo. A intenção era identificar de que forma os entrevistados ficaram sabendo sobre a existência do comunismo, dos adeptos e das ideias do sistema.

No tema: Rádio foi criada a subcategoria: Audição de rádio. Essa categoria buscava identificar a rádio mais ouvida pelo entrevistado e o motivo pela qual a ouvia, assim como saber se tinham ouvido notícias ou programa de cunho anti-comunista e por fim se poderia descrever a notícia ou programa ouvida pelo rádio.

No tema: Mensagem anti-comunista foi criado a categoria: Depoimentos anticomunistas. Nesta categoria a intenção foi coletar as narrativas do que o entrevistado ouviu falar sobre o comunismo e identificar os sentimentos deles quando ouvia as histórias e as informações sobre o sistema comunista.

O quarto tema: Eleição e comunista/comunismo recebeu como categoria: Votos recebidos em eleição. As sub-categorias buscam identificar se os entrevistados votaram ou não em candidatos comunistas nas eleições, assim como justificar o motivo da votação ou não nesses candidatos.

O Último tema: Visão comunista/comunismo, procurou nos sub-temas perceber as características dos comunista e do comunismo a partir do que os entrevistados tinham ouvido falar sobre eles, assim como saber identificar a reação do entrevistado ao saber que alguém era comunista.

Capítulo IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Introdução

O capítulo IV relata e analisa o que parte da população amazônica ouvia dizer sobre o comunismo e o comunista. Demonstra como os meios de comunicação social e a oralidade se fizeram atuante na região amazônica, divulgando as mensagens anti-comunistas. O capítulo busca demonstrar que a ideologia dominante da época, conseguiu implementar suas ações e chegar ao objetivo desejado que era impedir o avanço das ideias comunista na região. Mas há outras análises a se fazer fora do campo histórico, mas no campo educacional. A implementação de uma educação social que influenciou diretamente na formação política e ideológica de uma grande parcela do homem amazônico que refletiu na composição do parlamento a nível local e também nacional, ou seja, a educação de caráter anti-comunista determinou os grupos políticos que assumiram o controle do Estado.

O capítulo descreve sobre a educação implementada por grupos dominantes da época. Uma educação voltada para o medo e para o controle social na região amazônica e no Brasil. Identifica que o medo do comunismo é uma prática que já tinha sido usada em épocas anteriores pelos governos, pelo Estado e por outros grupos sociais. A ação educativa buscou sempre o mesmo objetivo, causar um mal estar social a partir da divulgação da ideia de conspiração comunista no país.

Outro tópico abordado no capítulo é referente a imagem construída e presente no imaginário coletivo, dos comunistas. Há uma busca de desqualificar moralmente a imagem pessoal de um simpatizante ou militante dos ideais comunistas, assim como dos países que adotaram o sistema. Por fim, o capítulo, busca mostrar que o processo educativo anti-comunista implementado em diversos momentos históricos no Brasil, vai ser refletido no comportamento político e ideológico, de parte da população. Isso vai ser refletido nas urnas nas primeiras eleições para presidente da República do Brasil, após o período militar.

No momento de redemocratização, os partidos e a imprensa brasileira novamente utilizaram a velha estratégia adotada em períodos anteriores da história do Brasil. Recorreram ao imaginário coletivo da população brasileira, acionando e estimulando o medo da conspiração comunista no país. O capítulo, também busca mostrar que nas primeiras eleições democráticas, pós-ditadura militar, as imagens estereotipadas dos comunistas e do sistema comunista, foram revitalizadas e exploradas na imprensa para

denegrir a imagem do candidato popular reformista de tendência marxista-leninista, para assim impedir sua vitória nas eleições presidenciais. Mais uma vez a ideologia dominante recorreu aos métodos já testados e utilizados em momentos anteriores, só que dessa vez em um momento de redemocratização, a estratégia deu certo pelo menos em três eleições. Esse fato identifica o quanto o processo educativo trabalhado pela imprensa e pelos grupos dominantes em vários momentos da história do Brasil, ainda estava presente. Influenciou diretamente na formação política e ideológica de parte da população amazônica onde o resultado foi nas urnas e na composição dos grupos políticos que controlaria o Estado.

4.2. O “comunismo” no imaginário paraense: uma educação para o medo

(...) Quando dizia assim: olha? Lá morre muita gente. Ora se morre muita gente, né? Faziam medo prá gente né? Já pensou seu fosse prá lá, ou se uma pessoa minha for prá lá vai morrer. Agente não ver mais! (...)E5

(...)E sobe esse negócio de comunismo então. Eles falavam assim que fulano lá nesse lugar, não sei por onde, acontecia, dente por dente olho por olho, matou morreu, não sei o quê. Não sei se era verdade?(...)E5

O ensino da mensagem anti-comunista na região amazônica, chegava pelas palavras escritas nos jornais, onde a grande maioria da população tinha pouco acesso, chegava através das ondas dos rádios, onde a população tinha mais acesso ao aparelho, chega também pelas homilias dominicais da igreja católica, chega de barco, chega a pés. Mas, é através da conversa informal, da oralidade que a mensagem circulava. Vinha de geração a geração. Os mais velhos, contavam para os mais novos o que ouviu dos seus pais, dos amigos e de outros sobre como era e o que se fazia no comunismo. Segundo Para Thompson,

a recepção é uma atividade *situada*. Os produtos da mídia são recebidos por indivíduos que estão sempre situados em específico contexto sócio-histórico. Esses contextos se caracterizam por relações de poder relativamente estáveis e por um acesso diferenciado aos diversos recursos acumulados. A atividade de recepção se realiza dentro de

contextos estruturados que dependem do poder e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial. (2009, p.42)

E acrescenta que

Os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses produtos adquirem sentido. (2009, p.44)

Enquanto que para Pinto,

desde a primeira infância ao acordarmos para a comunicação e a linguagem, estamos entrando no amplo mundo das representações (conhecimento e crenças), das relações e identidades sociais, e aceitamos alguma forma de controle social (...) Entramos nesse mundo de aparências, no mundo do ideológico e do poder, que é o mundo da linguagem, e no qual estamos condenado a “viver”.(2002. p.43)

Ouvia-se o povo falar. Diziam sem certeza o que ouvia dizer e acontecer em terras distantes sobre o comunismo. Eram sempre história que mexiam com a imaginação do ouvinte. Grande parte da população amazônica apresenta pouca escolaridade, daí não ter conhecimento mais específico sobre o sistema comunista. Assim como não dispunha de meios de informações como bibliotecas, revistas e jornais. Essas informações geralmente é adquirida dentro dos centros acadêmicos, nas Universidades. Portanto, uma grande parcela da população amazônica que viviam em lugarejos distantes e até mesmo nas cidades pequenas não sabia exatamente o que era o comunismo, mas sabiam o que faziam nos lugares onde tinha. Segundo Thompson,

os estudos realizados deixam de lado decididamente a ideia de que os receptores dos produtos da mídia são consumidores passivos; eles mostram mais de uma vez que a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere. Eles também mostram que o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de varias maneiras em diferentes contextos. (2009, p.42)

Na região Amazônica, ouvia-se dizer “*que (no Comunismo) tudo era do governo; que o sujeito não tinha direito a ter nada; que se trabalhava em função do governo*”; Ouvia-se *que “esse partido (o comunista) era ruim porque só trazia maldade*”. Falava-se “*muito dos assassinatos em massa na União Soviética, das prisões na Sibéria de onde ninguém voltava; de que era um regime policialesco, inflexível que eliminava os seus adversários*”. Falava-se, “*já na época, que Lenin havia provocado muitos assassinatos. Stalin muito pior que ele, pois havia mandado assassinar, no México, um dos líder da revolução, Trotsky*”.

A efervescência do anticomunismo no Brasil se deu no final dos anos 50 e inicia dos anos 60. Nesse período o governo do presidente Jânio Quadros e depois de João Goulart foi muito conturbado. Grupos políticos, econômicos e militar acusavam a aproximação do Brasil com os comunistas. Janio em agosto de 1961 condecora Che Guevara, guerrilheiro argentino que fora líder da revolução cubana ocorrido em 1959. A intenção de Jânio era agradecer o pedido aceito de libertar 20 sacerdotes presos em Cuba que estavam condenados ao fuzilamento. O pedido foi feito pela igreja Católica para o presidente e este por sua vez fez ao governo cubano. Esse fato repercutiu de forma negativo na imprensa brasileira que não tardou em confirmar o que já se “sabia”: “eles estão entrando”.

Jango realizou uma política externa independente. Restabeleceu relações diplomáticas e comerciais com a URSS e com a China. Nesse momento essas ações era algo impensável em um contexto de Guerra Fria. Jânio não aguenta a pressão política interna e externamente e renuncia. Seu vice Jango estava na China. Os ministros militares se opõem assumir a presidência, pois viam nele uma ameaça ao país, devido seu vínculo com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Impasse superado. Jango lançou em 1962, o Plano Trienal que incluía uma serie de reforma no país. Destacam a reforma agrária e a reforma educacional onde combateria o analfabetismo multiplicando em todo país a experiência do Método Paulo Freire.

Essas situações políticas foram muito aproveitadas pelos grupos anti-comunista na época para convencer a população de que “eles estão entrando”. O que se diziam e ouviam, há tempos de que eles, prendem, matam padres, fecham igrejas estava acontecendo. Se tinha motivos concretos para desconfiar do governo de Janio e de Jango devido suas relações muito próximas com os países ditos comunistas e por implementar reformas de cunho socialista. A população irá reagir principalmente a classe média urbana que organizou em São Paulo a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”, onde a intenção era a mobilização nacional e alertar que o governo de Jango culminaria na implantação de um regime totalitário comunista no Brasil.

A população amazônica longe do centro do poder ouve pelo rádio e por mercadores que chegam de barcos, as notícias vindas de Brasília. A mensagem não era

nova, já se conhecia, mas parecia que estava se concretizando o que os “antigos” diziam.

Quem estava disposto a arriscar e perder sua liberdade, seu trabalho e ainda por cima ser morto ou escravizado? Ninguém tinha certeza de que o que se diziam sobre o comunismo era verdade. Mas também poucos negavam.

Ouvia-se falar *“que no lugar onde morava Fidel Castro, não se saía de lá, morria enforcado e de outras coisas. Caso não obedecesse a lei tinha que ficar a força e passar fome, morrendo se acabando preso. O homem era mal. Matava, fazia isso, fazia aquilo”*. Dizia-se que *“no comunismo matava-se velho para não dá despesa prá nação, marido que não produzisse filho era obrigado a trocar de mulher prá poder produzir filhos e o que diziam mais? Matavam criança”*.

As histórias que os mais velhos contavam ou que se ouvia dizer, há gerações, sobre o sistema comunista relatam atitudes desumanas, arrepiantes e imoral. Demonstrava a crueldade de um lugar que mais parecia o inferno, onde os dirigentes eram os piores homens, onde fazer o mal era o seu objetivo. Os nomes dos principais líderes socialistas como: Carlos Preste, Fidel Castro, Lenin, Stalin, Trotsky eram bem lembrados e eram responsabilizados e associados ao acontecimentos horríveis nos lugares onde havia comunismo. Eram caracterizados com ditadores e cruéis. Segundo Gonçalves ,

todos os comunistas brasileiros, Prestes foi, durante sua longa trajetória política o mais requisitado para modelar a inspiração do imaginário anticomunista. Não somente através do discurso político que acendia a paixão anticomunista, e não somente pela reafirmação de suas ligações com o comunismo mundial e com a URSS. Prestes foi também, muito solicitado pelas representações depreciativas construídas pela iconografia anticomunista. (2004, P.131)

Geralmente não se tinha informação mais detalhadas sobre o sistema comunista, mas o que se ouvia dizer a respeito, não deveria ser descartado. Naturalmente as pessoas decidiam que não estavam dispostos a viver uma vida naquelas situações. Sem liberdade, podendo ser trocada e usada sua mulher por outro homem, sem salário, sem religião, com um governo sanguinário. Tudo isso era inconcebível para uma sociedade machista, patriarcal, católica e analfabeta como a brasileira.

Alias, se podia impedir que um governo ditador, imoral, destruidor das famílias assumisse o Brasil. Poderia impedir que um governo onde a população não teria direito a não ser trabalhar para o Estado e ainda onde não se podia cultuar Deus e os santos. Para que ariscar? É só não dar ouvidos aos comunistas. Entre o certo e o duvidoso era melhor ouvir os que os mais velhos já haviam dito e que já estava gravado e vivo na memória de grande parte da população. O comunismo não presta!

Nas palavras de Nunes o

Comunismo era palavra satanizada por todo o vasto arsenal da indústria da comunicação, no Brasil e em todo o Ocidente. (...) A luta política no Brasil daqueles dias era marcada por esse medo do comunismo, alimentado diariamente pela grande imprensa (2004, p. 32 e 33)

Com essas notícias vindas do rádio e que se ouvia dizer pelas gerações e por padres e por pessoas influentes na sociedade ou simplesmente no dia a dia, criou-se um medo, consciente ou inconsciente, do comunismo em uma grande parcela da população paraense e também brasileira. O medo foi sendo construído desde o início do século XX e que era ativado e utilizado por grupos e classes, defensores do sistema capitalista que tiravam proveito da imagem negativa dos comunistas já trabalhada por governos anteriores para justificar suas práticas políticas, principalmente no período eleitoral. A prática consistia em revitalizar o perigo da conspiração e das imagens negativas já trabalhadas na mentalidade da população brasileira pelos governos de época anteriores. Segundo Thompson,

na recepção e apropriação da mensagem da mídia, os indivíduos são envolvidos num processo de formação pessoal e de auto compreensão – embora em forma nem sempre explícitas e reconhecidas como tais. Apoderando-se de mensagens e rotineiramente incorporando-as à própria vida, o indivíduo está implicitamente construindo uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que ele é e de onde ele está situado no tempo e no espaço. Nós estamos constantemente modelando e remodelando nosso cabedal de conhecimento, testando nossos sentimentos e gostos e expandindo os horizontes de nossa experiência. Nós estamos ativamente nos modificando por meio de mensagens e de conteúdo significativo oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas). Esse processo de transformação pessoal não é um conhecimento súbito e singular. Ele acontece lentamente, imperceptivelmente, dia após dia, ano após ano. É um processo no qual algumas mensagens são retidas e outras são esquecidas, no qual algumas se tornam fundamento de ação e de reflexão, tópico de conversação entre amigo, enquanto outras deslizam pelo dreno da memória e se perdem no fluxo e refluxo de imagens e ideias. (2009, p.46)

Um sentimento de rejeição popular foi criado em grande parte da população paraense e brasileira e a sensação de mal estar social era ativado, quando se falava em comunismo. Tinha-se o receio, o medo, a insegurança, o temor de que a sociedade

brasileira e paraense pudesse ser transformada em sua estrutura socio-cultural. Tinha-se a sensação de ameaça constante de que “ele” “já esta entrando” no Brasil e vai se implantar com toda sua maldade.

4.2.1 - O Estado comunista

(...) tudo isso aqui será nosso. É meu, é teu é nosso. Tudo o que é meu é teu e o que é teu é meu. Ah! Ainda tinha mais essa !E todo mundo tinha consciência que a mulher era de todos. Tu podia “comer” a mulher do cara e ele comer a tua. Não tinha problema. Era a mesma coisa. Entendeu? Tudo era nosso! Era um pacote fechado. (...)E10

Na região Amazônica, a milhares de quilômetros de Cuba, da URSS e principalmente da China, e ainda com o sistema de comunicação precário, a população amazônica, com quase nenhuma experiência democrática, “sabiam” através das notícias que chegavam via rádio, jornais ou simplesmente via oral, do que se passava naqueles países comunistas. Talvez, poucos soubessem localizar esses países no mapa, mas tinham informações das histórias do regime comunista naqueles países.

Sabiam que China, Cuba e Rússia tinham o regime comunista. Sabiam que os comunistas viviam de promessas, faziam um jogo de enganação, davam “*lavagem cerebral*” nas pessoas. Eram maliciosos e inconfiáveis. Enganavam o povo com seu discurso de igualdade de que tudo era de todos. Sabiam que o comunismo era implantado nos países pela força, e que viriam ou já estavam entrando no Brasil para implementar um certo equilíbrio social ou destruir a pátria, a família e a religião. Tinham o “conhecimento” de que a implantação do regime era de forma radical, pela guerrilha.

Essas questões sobre a implantação do estado comunista era inaceitável pelos brasileiros, pois era contrário aos princípios democráticos e cristãos. Segundo Gonçalves,

o comunismo canalizava por meio de seus agentes, os estigmas da violência, da destruição, da corrupção moral, da desordem e do caos. Suscitava no seio de uma coletividade, sentimentos de temor, ódio e repulsa, amalgamados aos mitos negativos e

às reais vicissitudes e contradições enfrentadas pelas populações dos regimes comunistas, notadamente o soviético. (2004, p. 73)

Neste contexto o autor.

Ademais, não era unicamente na esfera do político que os comunistas imiscuíam sob a forma conspirativa. Na opinião de muitos contemporâneos, o comunismo representava uma “insídia”, isto é, algo que pervertia o tecido social penetrando, inclusive, nas atividades culturais, como as artes e as letras. (2004, p. 81 e 82)

Na mentalidade de grande parcela da população amazônida paraense, tinha-se o “conhecimento” de que quando o regime comunista era implantado no país, a primeira atitude, era a perda da propriedade e de tudo que a pessoa possuía, pois, tudo ia ser de todos. Quem tinha duas casas, ia perder uma. Quem tivesse dois terrenos ia ficar somente com um. Se tudo é de todos, as mulheres também seriam. Para garantir as mudanças e a ordem, os ditadores ricos e cruéis do comunismo, poderiam matar velhos, trocar as mulheres se o marido não tivesse filhos com ela, comer criancinhas, matar qualquer pessoa que viesse atrapalhar sua implantação ou falar mal do regime. Todos iriam trabalhar para o governo comunista. Iriam receber pouca comida. A população ficaria pobre e escrava, fechariam as igrejas, pois no comunismo não há religião. Quanto a direitos, a pessoa não tinha direito a nada, trabalhavam em função do governo.

Aí esta um estado comunista presente no imaginário coletivo de grande parcela da população paraense e brasileira. Um estado pintado com tinta forte do mal e do anticristianismo. Um estado para os comunistas e não para o povo. Um estado para servir poucos e não atender as necessidades da população, um estado do caos e não para a felicidade. Um estado do diabo e não de Deus. Segundo Gonçalves,

Deus é a vida, a criação na exteriorização de sua divindade. Deus é a Pátria, a família no aconchego do lar. Deus é o amor, é a Paz. (...) A Rússia passado cristão, de um povo livre e digno, nunca poderia imaginar que ficaria divorciada de Deus. (...) Na Rússia de agora encapelam-se as ondas do mar, e nublam-se os céus e o SOL DA LIBERDADE DESAPARECEU. Lá vive um povo pobre, escravizado, dirigido por um governo rico e opulento. (...) É este o regime comunista. Repúdio a Deus, desmoronamento da sociedade, supressão da liberdade individual. (p. 78)

Tínhamos aí o estado comunista na concepção da grande imprensa e da maioria da população amazônica e brasileira. Essa imagem do comunismo foi divulgado pela imprensa por décadas e objetivava criar junto a população um temor ao comunismo ateu e ditador. Outro objetivo da imprensa era informar, alertar aos brasileiros desavisados que não dessem ouvidos para os comunistas e ainda não deveriam seguir os ideários

utópicos e ilusório, pois estariam consentindo que o regime soviético fosse implantado no Brasil.

Havia muita pressão, no final dos anos 50 e início do 60, na população brasileira. A imprensa se encarregou disso. Anunciava a presença ameaçadora dos comunistas no governo, principalmente de Janio e Jango e entre os brasileiros “*cristãos e patrióticos*”. A ameaça de golpe era constante. O medo de mudança no “*status quo*” era a principal receio da população.

A renúncia do presidente Janio Quadros e a situação gerada em torno da posse do seu vice João Goulart vai ser o fim das incertezas quanto ao que diziam sobre o regime comunista. Os opositoristas anti-comunistas de capital nacional e internacional mais os setores da classe média e da igreja católica, juntamente como os militares já estavam preparando o fim dessa história. O “terreno metal” estava semeado e já tinha chegado o momento da colheita. A mensagem anti-comunista foi bem trabalhada e aceita e a pressão psicológica realizada junto a população também.

“(…) *Se não houvesse a revolução, o comunismo estaria mandando no Brasil, o socialismo.(…)*”(A. Raiol, *comunicação pessoal, dezembro 30,2011*).

Revolução foi como os militares chamaram para o golpe de estado dado pelas forças armadas brasileira em 31 de março de 1964 onde retirou Jango da presidência e todo seu ministério reformista, assim como todos aqueles que idealizavam um estado mais justo e democrático. O governo militar implementou uma ditadura no Brasil e a caça “*aos vermelhos*” foi iniciada. Segundo, os militares se fazia necessário esta intervenção para que o Brasil não se tornasse um país comunista. Nesse momento a população brasileira quase não se manifestou por decisão também política, pois Jango não queria uma guerra civil no país.

Grande parcela da população brasileira e paraense ficaram aliviadas com o discurso militar quando assumiram o poder. Afinal foi muita pressão e muito medo do que poderia ter acontecido nas suas vidas e na vida do país naqueles momentos de acirramento ideológico.

4.2.2 - O perfil do comunista

*Pobres Comunistas!
Apesar do que tendes feito contra a nossa Pátria;
apesar de todo o mal que tendes semeado;
de todas mentiras que tendes pregado e
de todas as calúnias que tendes engendrado nós vos lastimamos!
Lastimamos quando mereceis unicamente o nosso mais exacerbado ódio!*

(citado em Gonçalves,2004)

As pessoas que simpatizavam das ideias comunistas, socialistas ou anarquistas, para os “brasileiros desavisados” tudo era a mesma coisa, deveriam ser também desqualificadas, afinal, eram elas que realizavam o trabalho de convencimento de outros brasileiros para a causa comunista. A defesa das ideias que expressavam mais direitos sociais e políticos, assim como justiça social e melhores condições de trabalho e de vida, eram associadas ao comunismo. Os princípios republicanos eram meras letras mortas e discursos de militantes agitadores.

A desqualificação dos “agentes soviéticos” foi trabalhada de tal forma que a suas idéias políticas, espelhavam sua personalidade, sua formação moral e religiosa. A desqualificação moral, criou um estereotipo dos comunistas que atravessou todo os regimes políticos do século XX no Brasil. A marginalização não tinha limite. Mesmo, sabendo que a pessoas possuíam integridade, intelectualidade, talentos e posição social conhecida e reconhecida na sua cidade, comunidade ou no país, eram associadas a imagem de mentirosos, dissimulados, enganadores, sedutor de almas, maléficos, traidores, agitadores, inimigos. Era alguém que não se deveria depositar confiança e nem dar um bom tratamento, pois são dissimulados. Eram pessoas de quem deveria sentir medo, muito medo. “*E eles ainda tinham um negócio de comer até criancinhas*”. Recusava-se sua companhia, eram desprezados e discriminados, pois quem andasse com alguém com idéias ditas comunistas, também receberia o rótulo que eles já carregavam. Segundo Gonçalves,

Quanto ao sujeito comunista, os adjetivos eram, da mesma forma, de extrema criatividade: bárbaros contemporâneos; arautos da dissolução; mãos assassinas; seres animalizados, cegos, afeitos ao crime e à pusilanimidade; abomináveis e torpes traidores, covardes e desprezíveis agressores; sinistros elementos vermelhos; piratas da idade contemporânea; agentes marxistas; mentalidade abominável; asseclas da rebelião; elementos materialistas; instintos pervertidos; inimigos da Pátria; bandos desordenados e bêbados; bárbaros sanguinários; elementos inconscientes, pobres de espírito, esquecidos dos princípios humanos e religiosos; sedentos de mando; bando de ladrões e assassinos vulgares; monstros humanos; incitadores de masorcas vermelhas; mortos morais; agentes permanentes da dissolução e da desordem; socialistas avançados, empreiteiros do mal; profissionais do crime.(2004, P. 95 e 96)

A desqualificação dos “vermelhos”, foi algo que acompanhou a desconfiança do sistema comunista. Rotular os adeptos ou mesmos os simpatizantes dos ideais comunista, foi uma estratégia para impedir o contato direto com as propostas comunistas. Já sabendo que alguém era comunista, já se saberia previamente as características morais que ela teria. Daí evitá-la, seria a primeira reação “natural”, pois saberia que não seria contagiada por conversa que a princípio seria boa, mas como são dissimulados e mentirosos, logo trairão pelas costas.

Os comunistas ou seu simpatizantes carregaram estereótipos que estavam ligados ao mal, ao caos, a imoralidade, a morte, a desordem, ao crime, a ilegalidade, a traição, ao paganismo.”*Só não diziam que era santo, o resto...*”

Grande parte da população paraense foi orientada a conviver com eles, e até mesmo reconhecê-los. Mesmo conhecendo e convivendo, o sentimento de desconfiança se fazia necessário, pois são treinados e conhecem as estratégias para assumir o poder, pois no momento certo “darão o bote” e irão submeter os cristãos, nacionalistas democráticos, ao sistema comunista. Portanto, não deveria confiar em alguém que prega idéias de igualdade, de justiça e direitos sociais, pois isso é uma estratégia comunista para chegar ao poder e submeter a população ao estado de escravidão.

Com essas ideias o sistema capitalistas estaria preservado no Brasil, assim como todos aqueles que dele usufruí. A igreja católica também se manteria como agente de controle religioso e sua estrutura não seria abalada por agentes alheios a pátria mãe. Educar o povo, “esclarecê-lo” sobre o sistema comunista e seus adeptos foi a melhor estratégia para manter o “*status quo*” e afastar qualquer perigo que ameaçasse o sistema capitalista no Brasil.

4.2.3 - O medo vermelho e o comportamento social e político

O Brasil terminou seu período colonial e implantou o regime republicano com a população sem direitos básicos, como saúde e educação pública, sem falar nos direitos políticos, onde só os alfabetizados poderiam votar, deixando de fora desse processo a grande maioria da população inclusive as mulheres. No campo político um sistema baseado no compadrio, na submissão, no controle do eleitorado pelos grandes coronéis foi o que predominou no período chamado de republica velha. Uma sociedade, patriarcal, discriminatória, excludente e elitizada, atravessa o século XX deixando rastros de exclusão e de injustiça social com marcas ainda hoje.

Na década de 30, o país vive novamente em um período sem eleição por 14 anos, foi o período de Getúlio Vargas. Eleições livres somente em 1945, 1950, 1955 e 1960. Os militares permaneceram por 29 anos sem a população ter qualquer tipo de eleição ou participação na vida política do país. Portanto, o Brasil tem sua história com pouca ou quase nenhuma experiência com a democracia e com o estado democrático de direito. Do Regime Republicano, o que sempre tivemos foi a divisão dos poderes e muito pouco além disso. Direitos era algo muito distante para a grande maioria dos brasileiros. Ainda carregávamos a ideia de que política era coisa de “*branco*” e “*gente de dinheiro*”. O sistema eleitoral e político e os governantes do século XX, provaram isso à população. Qualquer ideia contrária aos ideais capitalistas e que viesse ameaçar o “*status quo*” era combatida com um contra discurso. A ideologia dominante procurava controlar a opinião da grande maioria da população e assim manter os privilégios e os mandos da classe política dirigente. Foi o que aconteceu com os ideais comunistas e anarquistas que circulavam no país no século XX.

Educar a grande massa de analfabetos ou cultos para conservar uma sociedade de privilegiados de interesses de classes e internacional foi a estratégia utilizadas pelos grupos dirigentes. Controlar pelo medo, ou melhor, educar pelo medo era a melhor opção para a classe dirigente nos períodos históricos contemporâneo no Brasil.

O período do governo militar no Brasil, termina em 1985. É realizada eleição livre para presidente da República somente em 1989. Em 1988 é promulgada a Constituição brasileira. Muitas mudanças no campo dos direitos sociais foram concedidas. No campo eleitoral foi concedido o direito a voto aos maiores de 16 anos independente de gênero, classe, credo e escolaridade, assim como os analfabetos

ganharam direito de voto. No campo do direito civil, concedeu liberdade de crença e de pensamento. Concedeu direito de organização política partidária. É nesse aspecto que o partido comunista recebeu seu registro de partido, legalmente registrado e aceito pelas instituições eleitorais do Estado.

Os exilados políticos expulsos do país pelos militares, retornaram ao Brasil, no final dos anos 70 e na década de 80 depois do perdão político cedido pelos militares. Muito se espera pelas eleições livres no país, depois de 29 anos de ditadura militar.

O ano era 1989, primeira eleição direta para presidente da República do Brasil. Os partidos organizaram suas chapas e lançaram seus candidatos. Era uma prova de fogo para a população brasileira que votou pela última vez em 1960.

A imprensa estava livre, como garantiu a Constituição de 1988, o povo votaria no candidato que melhor apresentasse proposta para resolver os sérios problemas nacionais. Dentre os candidatos havia um que era metalúrgico e vinha de um passado de vivência em sindicatos e defensor das ideias socialistas. Com um discurso de renovação, com forte crítica a ditadura, a favor da liberdade e que denunciava os graves problemas sociais brasileiros, o então candidato Luís Inácio Lula da Silva ou Lula, como é conhecido, em seu discurso, desejava um país para os brasileiros. O candidato até então conhecido apenas no sul do país, semeava esperança e arrancava lágrimas daqueles que sonhavam em um país mais justo e solidário depois daquela décadas de silêncio.

O candidato logo subiu na pesquisa de intenção de votos. Os candidatos representantes de grupos empresariais e da classe média e apoiada pela grande imprensa nacional, sentiram-se ameaçados pelo discurso do candidato socialista. Perdendo eleitores, o grupo, partiu para o ataque. A estratégia era fazer o que já tinha dado certo em outros momentos na história do Brasil. Usar o discurso anti-comunista.

A imprensa como já tinha feito em outros momentos, bombardeou com uma propaganda de medo ao anti-comunismo. As agências de propaganda utilizaram os artistas conhecidos do público e admirados nas atuações de novelas, para transmitir com segurança e credibilidade a mensagem que o país, novamente, estava ameaçado pelos comunistas. Suas imagens e seus discursos foram utilizados nas propagandas partidária no rádio e na televisão para dizer “*que estava com medo, muito medo*” do futuro do Brasil. Outros artistas, para combater o discurso anti-comunista, tentaram passar a

imagem de união, de esperança no novo que vai chegar e usando o “*slog*”: “*sem medo de ser, sem de ser feliz!*”, tentaram suavizar a imagem já tão estereotipada do comunismo. A propaganda na TV também era transmitida pelo rádio em vários horários diários. O medo vermelho novamente foi ativado na memória dos eleitores. E a batalha ideológica tinha novamente começado.

As eleições presidenciais em 1989 no Brasil foi marcada, entre outras coisas, pela disputa da memória do eleitorado brasileiro. As agências de propaganda e os candidatos concorrentes tentavam desqualificar a imagem e o caráter do candidato Lula. Buscavam associá-lo as características já conhecidas dos comunistas e muito divulgada pela imprensa e pelos militares em período recente. Um antiga namorada do candidato Lula, com a qual teve uma filha, foi utilizada nas propagandas políticas do candidato oponente, acusando-o de racista e de ter proposto abortar a filha que tiveram. Isso para ativar o predicado, mentiroso e inconfiável e anti-cristão que os comunistas foram taxados na historia recente do país e que estava presente na memória dos eleitores.

Mensagem de que o candidato do Partido dos Trabalhadores, iria fechar as igrejas no Brasil foi amplamente divulgado e ainda que iria confiscar a poupança dos brasileiros, fechando os bancos. Essas mensagens eram comentadas no meio social de forma oral numa relação face a face. Elas não saiam nas propagandas oficiais dos candidatos concorrentes no rádio e na Televisão. A intenção das mensagens era mostrar, o candidato “vermelho” o anti-cristão e o ditador rico e injusto, pois enriqueceria com o dinheiro do povo. Nos parece, também era atingir a classe média e o grande empresariado para o campo da rejeição do candidato sindicalista. Lula perdeu a eleição nas três primeiras eleições que disputou e somente ganhou na quarta disputa, 13 anos depois, em 2002. Nas eleições posteriores, as coligações atingidas por esses tipos de propaganda recorreram as tribunais eleitorais para retirar as mensagem ofensivas. Mas no meio popular elas, as mensagens anticomunistas, nunca desapareceram.

A imagem estereotipada do comunista e do regime comunista vai ser decisivo nas eleições livres no período posterior a ditadura militar no Brasil .

(...)A primeira vez eu não votei pro Lula, não(...).A idéia do Lula não é democracia não. Ele diz que é, mas não é não. No íntimo dele não é prá Democracia não. Então ele sentiu que o povo não gosta de comunismo e foi pro lado do povão.(...)

(...)Era isso que se falava na época: era comunista, só votava nele quem era simpatizante do comunismo. Quem não era, era totalmente contra.(...)(A. Raiol, comunicação pessoal, dezembro, 30, 2011)

Desconfiança dos “agentes de moscou” permanecia na memória dos brasileiros. (...)Eu não!Votaria em ninguém. Não voto!Não voto porque não sei o que é que tem por trás disso. (...) (Graciana, comunicação pessoal, dezembro, 22, 2011)

Para Gonçalves,

a ilusão comunista provinha dos “erros” cometidos pela experiência soviética, especialmente nos pressupostos que comportavam o caráter materialista daquele sistema político. A lógica da ilusão comunista, na perspectiva dos anti-comunistas, combinava verdades e mentiras. Em que pese a percepção da verdade sobre as graves questões sociais a resolver, o comunismo se opunha fundamentalmente ao cristianismo, negava a idéia de Deus, e, baseando-se unicamente no pecado, era um sistema inaplicável à sociedade brasileira. (2003, P.279)

A imagem construída do comunismo em ser algo ilegal e que não se deveria envolver com ele, pois é caso de polícia, é algo perigoso e que dá perseguição e cadeia além de ser mal conceituado socialmente, ainda está muito presente na memória de muitos brasileiros. Um fato que demonstra essa afirmação, aconteceu quando solicitei uma entrevista a um senhor, este ouvindo falar em comunismo se afastou de mim com rapidez dizendo: “*que comunismo que nada! Tem que ter é Jesus*” e saiu as pressas. Um outro fato, aconteceu quando no início da entrevista perguntei a uma senhora o nome dela com o gravador já ligado. Ela respondeu: “*Gra... Não precisa tudo! Depois vem me buscar preso!*”

O medo, a rejeição do comunismo e dos comunistas que foi trabalhado em vários períodos da história no Brasil, vai sendo desgastado pela implantação dos direitos que a Constituição de 1988 garantiu. Mas ainda encontramos em muitas posturas, memória e ações sociais dos paraenses, vestígios de uma educação social voltada ao medo, realizada pela imprensa e por governos ao longo das décadas no Brasil.

O imaginário anticomunista deixou de ser trabalhado pela imprensa nacional e os meios de comunicação, já fazem o papel de guardião da democracia e da tolerância em qualquer que seja o ramo. A democracia se fortalece e a sociedade brasileira busca conviver com a diversidade política, religiosa, racial e social. Os partidos políticos de esquerda já não apresentam tanta antipatia social. Estamos vivendo em outro período histórico onde a guerra ideológica entre capitalista e comunistas foi superada. Mas a mentalidade de um grupo social paraense de idade avançada carrega ainda uma desconfiança do comunismo.

E tem lugar por aí senhor que já tá tomando conta mesmo né? Por exemplo Araí, prá lá de Bragança, eles estão fazendo casa e dando pro povo. É o INCRA que chamam, mas não pode vender, não pode fazer nada. Camarada tá com o terreno ele chega. “Vou fazer uma casa prá você. Você não pode vender, não pode fazer negócio nenhum”. A casa é sua, mas não pode fazer nada. Se vê já é o comunismo já tá entrando. Com certeza que é. É! Tá entrando. Quando agente ver essas vantagens? Pode botar que ele já tá. É isso. Já vão metendo a cara. (Washington, comunicação pessoal, janeiro, 04, 2012)

O programa que o nosso entrevistado se refere acontece em uma comunidade de pescadores chamado Araí no nordeste do Estado do Pará, Brasil. A comunidade está dentro de uma reserva extrativista criada pelo governo federal através Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade . O ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Ambiente (Sisname). O instituto cabe fomentar e executar programas de pesquisa, proteção preservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para proteção das Unidades de Conservação federais.

A criação da reserva extrativista objetiva, entre outras coisas, fixar o homem no campo evitando assim o êxodo rural, além de proteger os meios de vida e a cultura da população. O governo oferece apoio técnico e de infraestrutura para a comunidade nas suas atividades produtivas. Um das ações do governo é a construção de casa populares aos moradores da reserva. O morador entra como terreno e o governo constrói a casa. Em contrapartida a comunidade se compromete em preservar o meio ambiente e seus recursos naturais.

Mas como diz, o nosso entrevistado “(...) *Se vê já é o comunismo já tá entrando. Com certeza que é. É! Tá entrando. Quando agente ver essas vantagens? Pode botar que ele já tá. É isso. Já vão metendo a cara*”.

A população brasileira passou tanto tempo sem ter direitos, sem ter atenção merecida que quando o governo implementa os direitos sociais contido na constituição de 1988, onde diz que todos tem direito a moradia, o cidadão desconfia, pois esse discurso era feito pelos comunistas. Na mentalidade de uma parcela da população, direitos como esse onde o estado atende, em parte, as necessidades do cidadão rural é algo que não se fazia e que estava somente nos discursos dos comunistas. Portanto, é natural associar as ações do governo hoje com aquelas ouvidas pelos comunistas há décadas atrás. Nosso entrevistado tem 72 anos e é sapateiro de profissão.

Capítulo V

**CONSIDERAÇÕES
FINAIS,
LIMITAÇÕES E
SUGESTÕES**

A educação é um processo social, é desenvolvimento.

Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey

5.1 - Introdução

Esse último capítulo vem finalizar o trabalho. Faz uma análise crítica dos motivos pelos quais uma grande maioria de paraenses aceitou, de certa forma, “as verdades” sobre o que diziam sobre o sistema comunista e seus adeptos. O movimento de propaganda anti-comunista encampada por anos, por diversos governos e realizada de forma profissional por agências de propagandas e órgãos governamentais, bombardearam a sociedade brasileira composta por uma parcela de cidadãos analfabetos. O cidadão comum teve dificuldades de separar o que era verdade ou não nas mensagens anti-comunista que foram repassadas pelos pais, avós e outros parentes e amigos. Assim ficava difícil não acreditar no que o “rádio dizia”. Se não acreditasse em tudo, também não duvidariam do que ouvia dizer sobre os comunistas e o “sistema de Fidel.”

Nesse capítulo abordaremos também, alguns questões que limitaram a produção e a realização deste estudo, mas também apontamos questões que podem ser pontos de partidas para outros estudos dentro do tema pesquisado.

5.2 - Considerações Finais

A cidadania no Brasil ainda está em construção. A implantação do regime republicano no país, não garantiu a cidadania aos brasileiros. As mensagens educativas anti-comunistas divulgadas ao longo do tempo e utilizada pelos governos e pelo próprio Estado, demonstra que a liberdade de expressão e de pensamento que é um dos princípios republicano, não fez parte do currículo da formação da cidadania no Brasil. Houve muita intervenção no processo de construção da cidadania no Brasil. Podemos citar algumas como: as características da sociedade patriarcal, o sistema político e eleitoral da república velha, a ditadura e o populismo no governo Vargas, os interesses ideológicos após a segunda guerra mundial que foi sendo desdobrado até o golpe militar e por fim, o silencio total no item cidadania no Brasil, com o governo militar.

Em todo os períodos, pós republicano, os “cidadãos” brasileiros foram bombardeados por concepções ideológicas anti-comunistas que foram massivamente divulgadas em meio diversos de comunicação. Uma parte desses brasileiros, foram envolvidos ideologicamente pelos discursos e pelas mensagens anti-comunistas, ao ponto de aceitá-las e internalizá-las, pois receberam as informações de pessoas que mereciam confiança como pais, mães, avós, pessoas influentes no campo da ciência, da igreja, da televisão e do rádio.

Esses brasileiros foram amedrontados de tal forma que precisavam fazer opção, pois as ideais anti-comunistas, divulgadas, punha em cheque a religião, a família e o trabalho, portanto sua cultura e sua própria vida pessoal e social. Se não tinha certeza de que o que ouviam sobre os comunistas e o comunismo era verdade, era melhor não duvidar, pois com pouca escolaridade e quase sem meios e fontes de informação independente e confiáveis, era mais prudente desconfiar e até rejeitar as ideias marxistas-leninista.

Dessa forma, tais brasileiros receberam uma educação que rejeitou as ideias marxista-leninista para garantir e preservar os interesses econômicos, políticos e ideológicos de grupos nacionais e internacionais em diversos momentos da história do Brasil. Pelo medo de uma conspiração comunista e de suas vidas serem transformadas em uma das histórias contadas pelos seus avós ou pais, uma grande parcela de brasileiros aceitaram os discurso anti-comunista e recusaram a aceitar as propostas comunistas.

Quando as histórias começaram a se concretizar no início dos anos 60, sobre as questões comunistas como a condecoração de Che Guevara e assinar acordos diplomáticos com URSS e com a China, uma grande parcela de brasileiros que já não aceitavam os ideais comunistas vão para as ruas, influenciados pela imprensa ou não. Deram sua resposta ao governo dos presidentes Jânio Quadros e João Goulart.

Uma grande maioria de brasileiros fez sua opção e apoiaram de certa forma a intervenção e os discurso dos grupos e dirigentes da sua época. Principalmente a intervenção militar no país em 1964. Já se fazia hora de terminar com aquela aflição ideológica sobre a população que os meios de comunicação e a igreja faziam em todo país. Veio a ditadura que impôs a todos a suspensão dos direitos republicanos e portanto, de uma educação cidadã que os brasileiros nunca tiveram.

Penso que da forma de como se constituía um estado comunista na mentalidade de uma grande maioria da população paraense e brasileira, o governo militar foi a melhor opção. Nos parece que essa parcela da população fez uma opção consciente ou não em apoiar a intervenção militar no governo de João Goulart, pois com os militares a sociedade não teria mudanças profundas como na comunista. Ou seja, não se dividiria sua mulher com outros homens, continuaria com a religião, teria seu trabalho e se trabalharia para sustentar sua família e não o estado, viveria livre e com poucos direitos, caso quisesse questionar o governo teria mais chance de ficar vivo com os militares do que no sistema comunista. Ou seja, era melhor está do lado dos militares nacionalistas e cristãos do que arriscar em aventura ilusória, pois já se “conhecia” o fim das histórias e do que acontecia naqueles países onde havia o comunismo como em Cuba, China e URSS.

Mesmo depois do regime militar a formação da cidadania brasileira continuaria prejudicada. A constituição de 1988 que garantiu direitos, demorou para que suas leis fossem cumpridas. Os velhos costumes políticos e a utilização da mensagem anti-comunista para eliminar adversários utilizando a imprensa para ativar o medo dos “vermelhos” se fez presente nas eleições diretas na primeira década de democratização do país.

As reformulações nos currículos escolares e a garantia de escolas a todas as crianças e adultos, o direito a comunicação e acesso as universidades publicas e gratuitas só chegariam décadas depois.

A formação política e ideológica no país é uma conquista que se está fazendo de forma lenta e com o amadurecimento social e político da população. Portanto, ainda não estamos vivenciando uma sociedade com educação escolar e não escolar cidadã, mas já foi iniciado esse processo, pois quase já não se ouve nas relações pessoais e na própria imprensa algo sobre o “medo vermelho”.

Busca se uma sociedade onde a comunicação seja democrática e livre; onde as idéias sejam respeitadas e a manipulação, se ocorrer, seja direcionadas para pessoas instruídas que possa criar e ter acesso a meios de informação e comunicação diversos e alternativos, assim como a escola, a livros, a universidade.

5.3 - Limitação do Estudo

O referido estudo por si só não dá conta da diversidade e da complexidade social em que o tema está envolvido. Portanto, apresenta limitações, pois precisa de maior fundamentação teórica de outras áreas das ciências como: a da História, a da Comunicação Social, a da Educação, a da psicologia, a das ciências políticas, entre outras. Para melhor compreensão da realidade social e portanto, do tema, se faz necessário, uma melhor conexão entre as ciências envolvidas para assim compreender a realidade social vivida.

Uma limitação que pode se dizer de certa forma natural, esta relacionada a dimensão territorial que é a Amazônia. Ir nos lugarejos mais distantes onde as ondas do rádio estava presente não foi possível por questões financeiras e de tempo. O ideal seria realizar tais viagens e entrevistar pessoas do perfil da pesquisa, mas longe dos centros urbanos para perceber como as mensagens anti-comunista influenciaram ou não os seus ouvintes .

Outra, questão é sobre a ação da igreja católica dentro do contexto da propaganda anti-comunista. Ela realizou suas campanhas e orientou seus fieis para a não aceitação de tal proposta. Sabemos que a igreja católica tinha uma penetração muito grande na classe média urbana no Brasil, mas também tinha uma ala que trabalhava com uma teologia, chamada teologia da libertação, com militantes simpáticos aos ideais leninista-marxista. Este estudo não aborda tal questão, ou se faz, é de forma muito tímida.

Como o estudo buscou focar o rádio como principal mídia de divulgação anti-comunista na região amazônica, penso, agora, que deveríamos ter um capítulo ou tópico sobre a principal e mais antiga rádio da região e do Brasil, a Rádio Clube do Pará. Poderíamos ter entrevistada alguns funcionários antigos ou até mesmo solicitar as pautas das programações dos programas da época. A questão é que a rádio mudou varias vezes de endereço e nessas mudanças quase tudo se perdeu. Portanto, a Rádio não tem arquivo de suas programações das décadas de 50 e 60, as que mais nos interessaria.

Os limites do estudo podem ser ainda, outros não observados aqui. Mas como este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema e procura nas suas análises

visualizar o processo pelo ângulo da educação, muito ainda tem a se pesquisar sobre a questão.

5.4 - Questões de partida para futuras investigações

Como já mencionei anteriormente o tema estudado está envolvido em um processo histórico muito longo e complexo. A divulgação da mensagem anti-comunista pelos meios de comunicação e a assimilação por parte da população, aconteceu em vários períodos da história do Brasil. Nesses processos houve o envolvimento e participação de vários grupos sociais, políticos, econômicos e religiosos. Todos juntos, às vezes, isolados contribuíram com a construção da imagem estigmatizada do sistema comunista e do próprio militante comunista. Portanto, há diversos períodos de estudo e análise sobre o tema, sem falar dos diversos ângulos possíveis.

Um deles é o anti-comunismo pelos olhos da igreja católica. Uma questão para investigação seria a participação da igreja católica na divulgação do anti-comunismo no final da década de 50 e início dos anos 60 no Brasil, mais precisamente no estado do Pará. Outro foco é dentro do grupo militar. Como foi trabalhado o anti-comunismo dentro desse seguimento social no período que antecede o golpe militar em 1964 no Brasil. Um outro foco ainda, esta dentro das agências de propaganda da época. Como foi pensado a propaganda anti-comunista nos diversos meios mediáticos da época a nível nacional e local.

Como a nossa área de estudo é a educação, sugerimos uma avaliação do sistema educacional adotado pelos militares no Brasil, após o golpe militar. Focaria na reformulação da estrutura curricular, onde foram retirado as disciplinas de filosofia e sociologia das escolas. Estas disciplinas carregam a criticidade em suas abordagens. No lugar delas foram acrescentado outras como OSPB (Organização Social e Política do Brasil, Educação para o lar, Educação Moral e Cívica e outras) que abordavam temas de cunho nacionalista e de economia doméstica, por exemplo.

Um outro olhar sobre o tema estudado, seria avaliar a construção da cidadania dos paraenses no período do governo militar em Belém do Pará. Ou ainda, avaliar o papel da imprensa paraense como agente educativo contribuindo na formação da

cidadania dos paraenses no período do governo militar no Brasil. Como os temas são em nível de sugestões para futuras investigações, poderiam ser mais focados e elaborados, portanto mais definidos.

Referências Bibliográficas

- Arns, P. E. (1996). *Brasil: nunca mais - um relato para a História*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bakhtin, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bardin, L.(2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70
- Baldo, R.(2004). *O rádio no contexto da propaganda nacional*. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História da Mídia Sonora (UFRGS). Florianópolis, SC. Obtido em 03 de agosto de 2010 em <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/2o-encontro-2004-1>
- Briggs, A. & Burker, P. (2006). *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet* (2ª ed.rev.e ampl.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bonavita, M. E. (1982). *História da comunicação: rádio e TV no Brasil*. Petrópolis:Vozes.
- Borges, V.P. (1998). *Anos trinta e política: história e historiografia*. In: M. C. Freitas (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. (p. 159-182) 2. ed. São Paulo: Contexto.
- Cavalcanti, N. (1942, novembro 28). Homenagem às vítimas do comunismo. *Gazeta do Povo, O Dia*,p.5
- Costa, M. L. F. (s.d.). *Rádio Educativo: A contribuição de Edgar Roquette-Pinto para a democratização do conhecimento no Brasil*. Obtido em 05 de agosto de 2011 em www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../266.pdf
- Costa, O. (2005). *Rádio e política: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX*. Londrina: Eduel.
- Dreifuss, R. A. (2008). *1964: a conquista do Estado; ação política, poder e golpe de Classe* (7ª ed.). Petrópolis:Vozes.
- Dutra, E. (1997). *O ardil totalitário- imaginário político no Brasil dos anos 30*. Belo Horizonte: Ed.UFMG.
- Eagleton, T.(1997). *Ideologia - Uma Introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial
- Fausto, B. (2006). *O mito do complô judaico-comunista no Brasil:gênese, difusão e desdobramento (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas
- Ferraretto, L. A. (2007). *O rádio: o veículo, a história e a técnica* (3ª ed.). Porto Alegre: Dora Luzzatto.

- Filho, B. F. e Casto C. *O rádio de Mario Kaplun é o rádio do futuro - a aplicação da práxis de Kaplun como ferramenta para a inclusão digital*. Artigo. Obtido em 21 de março de 2012 em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/1c/GT7_-_020.pdf
- Freire, P. (2001). *Educação como prática da liberdade*. (25ª Ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A.
- Freire, P. (2002). *Extensão ou comunicação?*(12ªEd.) São Paulo: Paz e terra S/A
- Gastaldi, J. P.(1941, julho 9). A Alemanha é a única nação capaz de anular o bolchevismo. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 7.
- Gay, P. (1989). *Freud para historiadores*. Rio de janeiro: Paz e Terra S/A
- Goff, J. Le (2003). *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Gonçalves, M.(2003). O anticomunismo no Brasil. *História: Questões & Debates*, 39, p. 277-281, Editora UFPR. Obtido em 14 de dezembro de 2010 em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/download/2733/2270>
- Gonçalves, M.(2004). “OS ARAUTOS DA DISSOLUÇÃO”: Mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947. Dissertação de Mestrado da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Obtido em 03 de agosto de 2010 em <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Marcosgoncalves.pdf>
- Hausen, D. F.(2001). *Rádio e política: tempos de Vargas e Peron*. Porto Alegre: EDIPUCRS
- Hobsbawm. E.(1995). *Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007). Tendências Demográficas: Uma Análise da População com Base nos Resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000. Obtido em 24 de outubro de 2012 em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=892
- Jornal diário do Pará. [versão eletrônica]. *Rádio Clube 80 anos*. 2008, abril, 27. Obtido em 03 de maio de 2011 em <http://ee.diariodopara.com.br/?pid=41>
- Jornal O Liberal, 1964, março, 12
- Júnior, J. B. de A (2004). *Rádio e formação de mentalidades: testemunha ocular da guerra psicológica na América Latina*. Tese de doutoramento da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Obtido em 05 de agosto de 2011 em <http://www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=168113>

- Konder, L. (2003). *História das idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular
- Leal, C. S.(2006). *Imprensa integralista (1932-1927): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. Porta Alegre. Monografia – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação de Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Mariani, B.(1998). *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas.UNICAMP:Revan
- Moraes, M. (1989). *A esquerda e o golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Neto A. (1995). Contributos para uma nova didática para uma resolução de problema. Um estudo de orientação metocognitiva em aulas de física do Ensino secundário. Tese de Doutoramento não publicada, Évora: Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação.
- Nunes, A. C (2004). *1964: Relatos Subversivos – Os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: Ed. dos Autores.Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira M. R. de (2004, Novembro).*A ideologia anticomunista no Brasil*. Revista de Sociologia Política. 23,185-188. Obtido em 20 de junho de 2011 em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n23/24634.pdf>
- Pinto, M. J. (2002). *Comunicação e discurso: introdução à análise de discurso*.(2ª Ed.)São Paulo:Hacker Editores
- Pistrak, M. M.(Org.) (2009). *A comuna escolar/Moisey Mikhaylovich Pistrak* (1ª Ed.)Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. São Paulo: Expressão Popular.
- Pombo, O. X.(1950). *A hiena mostra as garras.Imunização Ideológica*. Curitiba: Tipografia da Penitenciária Central do Estado, p. 63.
- Quivy, R. e Campenhoud, L.V.(2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ª Ed.) Lisboa: Gradiva
- Reich, W. (2001). *Psicologia de massas do Fascismo*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes
- Rezende, M. J.(2001). *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade – 1964 – 1984*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.
- Sá Motta, R. P. (2002). *Em guarda contra o perigo vermelho:o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva.
- Sá Motta. R. P.(2007). O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. *Locus: revista de história*, 2, v. 13, p. 227-246. Obtido em 21 de abril de 2012 em <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>

- Salgado, R. P.(2005). *Ser criança e herói no jogo e na vida: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação, Departamento de Psicologia, PUC – RJ
- Saroldi, L. C. & Moreira, V. S. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia (3ª ed.)*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor
- Skidmore, T. (1975). *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Sodré, N. W. (1966). *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- Thompson, J. (2009). *A mídia e a Modernidade: uma teoria da mídia (11ª ed.)* Petrópolis: Vozes.
- UEPA(2012).*História da Educação*. Belém: UEPA.
- Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Faculdade de Comunicação. *O Pará nas ondas do Rádio*. Obtido em 05 de maio de 2011 em <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/>
- Valmir, M. (2008). *Educar através da produção de imagens*. jornal Mundo Jovem, 390, p. 21. Obtido em 19 de dezembro de 2011 em <http://www.mundojovem.com.br/projetos/pedagogicos/projeto-educar-atraves-da-producao-de-imagens.php>
- Wolff, J.(2003). *Por quê ler Marx hoje?* Lisboa: ed.Cotovia
- ICMBIO. Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade. Obtido em 15 de outubro de 2013 em <http://www.icmbio.gov.br/portal/quem-somos/o-instituto.html>
- II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - O rádio no contexto da propaganda Nacional – Florianópolis/RJ, 2004. Obtido em 28 de março de 2012 em <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/2o-encontro-2004-1>
- XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, 2001. Obtido em 27 de outubro de 2010 em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6COSTA.pdf>

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de Entrevista

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

O “MEDO VERMELHO”: RÁDIO, ANTI-COMUNISMO E MENTALIDADES - uma avaliação da educação ideológica e política na Amazônia.

Mestrando: Aderilson José Ribeiro Parente nº 7212

Orientadora: Professora Doutora Olga Maria Santos Magalhães

Guião de Entrevista

	Objetivos
1) O Sr(a) já ouviu falar de comunismo?	
2) Como o Sr(a) soube da existência do comunismo? Lembra do ano?	
3) O Sr(a) ouvia as rádios na sua juventude? Quais rádios? Tinha alguma de Belém? Qual rádio a Sr(a) mais ouvia? Por quê?	- Analisar os meios de comunicação, principalmente o rádio, como o instrumento de divulgação da mensagem educativa anticomunista na região amazônica.
4) A Sr(a) lembra de ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas? Como era a notícia ou o programa?	
5) Qual história a Sr(a) poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunistas faziam e quando o Sr(a) ouvia essa história o que a Sr(a) sentia?	- Registrar e analisar os depoimentos anticomunistas de ouvintes das Rádios que eram sintonizadas na região amazônica.
6) A Sr(a) votou em um candidato que se dizia comunista para presidente, prefeito ou vereador? Por quê?	- Registrar os depoimentos anticomunistas dos ouvintes e analisar se influenciaram, de alguma forma, no comportamento social e políticos dos mesmos.

<p>7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das ideias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam ?</p>	
<p>Leituras Bibliográficas</p>	<p>- Identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo grupo social hegemônico no Brasil e no Estado do Pará para divulgar as mensagens ideológicas anticomunista na Amazônia</p>
<p>Trabalho de análise pessoal.</p>	<p>- Avaliar se as mensagens educativas anticomunista interferiram no processo educativo das pessoas enquanto cidadão.</p>

Anexo 2 - Grelha de Categorização

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

O “MEDO VERMELHO”: RÁDIO, ANTI-COMUNISMO E MENTALIDADES -
uma avaliação da educação ideológica e política na Amazônia.

Mestrando: Aderilson José Ribeiro Parente nº 7212

Orientadora: Professora Doutora Olga Maria Santos Magalhães

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO			
INDICADORES	SUB-CATEGORIAS	CATEGORIAS	TEMAS
	1.1.1. Através do rádio	1.1. Meios pelo qual teve conhecimento do Comunismo	1. CONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA DO COMUNISMO
	1.1.2. Através de conversas formais		
	1.1.3. Através dos jornais		
	1.1.4. Ouvia comentários através de parentes e outros		
	2.1.1. Era ouvinte	2.1. Audição de rádio	2. RÁDIO
	2.1.2. Identificação da rádio mais ouvida		
	2.1.3. cidade da rádio ouvida		
	2.1.4. Identificação da rádio		
	2.1.5. Motivo da audiência		

	2.1.6. Notícias ou programas anticomunistas que ouviu		
	2.1.7. Descrição de notícia anticomunista ouvida		
	3.1.1. Narração do que ouvia falar sobre o comunismo	3.1. Depoimentos anticomunistas	3. MENSAGEM ANTICOMUNISTA
	3.1.2. Sentimento sentido quando ouvia as histórias sobre os comunistas		
	4.1.1. Votantes em candidato comunista.	4.1. Votos recebidos em eleições	4. ELEIÇÃO E COMUNISTA/COMUNISMO
	4.1.2. Motivos que pelo qual não votou em um candidato comunista		
	4.1.2. Motivos pelo qual não votaria em um candidato comunista atualmente		
	5.1.1. Descrição do comunista por outros	5.1. Caracterização do comunista/comunismo	5. VISÃO DO COMUNISTA /COMUNISMO
	5.1.2. Reação ao saber que alguém é comunista		
	5.1.3. Imagem de um comunista		
	5.1.4. Imagem do comunismo		

Anexo 3 - Entrevistas

Entrevista	E1	Data da entrevista: 12 / 12 /2011
Escolaridade: semi-analfabeto	Idade: 76 anos	
Profissão/ocupação antes de 1964: Tratorista e motorista		

1. O Sr. Já ouviu falar em comunismo?

Resp.:

Olha interessante! Quando eu era menino e eu ouvia falar muito em comunismo. Na época, eu não sabia destrinchar ainda nada né? Mas aqueles, os mais velhos tinham medo do comunismo. Tinha medo. Então, só que até um tempo ai essa minha ex-mulher não queria votar pro Lula. Que o Lula era comunismo, comunista. Que ela cansou de dizer: *Um homem desse não é prá votar menino. Esse cara é comunista. Se ele for presidente do Brasil até a bandeira do Brasil ele troca.* (risos). Até a bandeira do Brasil!

2. Como o Sr. soube da existência do Comunismo?

Resp.:

Olha. Eu já fui sabendo assim devido a minha evolução né? Porque eu não tive estudo. Eu não tive estudo. Meu pai morreu e eu era muito novinho. Tava com dois anos de idade. A minha mãe com poucas possibilidade de nós ter junto dela. Então nós éramos quatro filhos ela teve. Um morreu logo. Aí ficou nós três. Eu, minha irmã e a minha irmã. A minha irmã era a mais velha.

Aí eu fui criado assim pela casa do meu tio. Com idade de 12 ou 13 anos. Suportei muita porrada que pegava dela! Foi o tempo em minha mãe arrumou uma pessoa pra viver com ela. Seu Luiz. Ela era viúva e ele também era viúvo. Eles não se casaram. Ela viveu com ele muitos anos. Depois ele morreu de acidente. Rapaz. Aí nós viemos. Ela juntou os filhos sabe? Inclusive eu. Aí também passei pouco tempo com ela. Foi o tempo que me desenvolvendo. Voltei prá Belém. Aí estudo também não teve mais né? Não teve mais! Prá ti falar a verdade. Estudo eu li, tive de estudar dois livros. A carta de abc e o Paulinho de Brito. Era um livro desse tamanho assim. Todo matizado aquela letra. Até hoje está na minha cabeça. Era preto e branco aquela letra. Que até hoje sei de có. Aí fui pegando já o comunismo assim da vida mesmo. Já depois. Achei que o comunismo, não existia comunismo. Comunismo prá mim é, não existia mesmo! Era mais era conversa do povo. É!

3) O Sr(a) ouvia as rádios na sua juventude?

Resp.:

Não. Eu já fui bolar esse negócio de rádio, já agora. Por conta da. Eu gostava muito de ler. Porque ler eu aprendi assim no mundo. Deus foi que me deu. Aquele gosto. Dizer que eu gostava de mais. Não aprendi em escola não. Eu aprendi mais. Eu trabalhava na ECOMI e em 1954. Eu estava em Macapá né? Então lá naquela época era o Cruzeiro. Tinha aquela novela. Novela bonita! Cada novela da Cruzeiro né? Que era lido e falado né? Era só lido e falado. Não tinha. Era só lido não tinha e falado pelo rádio, pelo rádio, era exatamente. As novelas era pelo rádio. Por sinal, tinha um colega nosso que morava em. Era filho de Castanhal. Mazá. E era um homem bem simpático e ele lá. Era um rapaz bem simpático e ele fazia novela na difusora de Macapá, sabe? Difusora de Macapá. Ai agente assistia novela pelo rádio. E aquelas outras novelas eu lia pelo Cruzeiro. Eu acompanhava aquelas novela pela Cruzeiro e eu gostava. Naquilo eu me especializei a ler. Foi? Foi mais por isso.

E qual a rádio que o Senhor ouvia?

Resp.:

A daqui? Olha a daqui mesmo, a daqui de Belém mesmo, era a PRC5, PRC5 Rádio Clube do Pará, só tinha a Rádio Clube do Pará, a Marajoara, a Guajará. Radio Clube do Pará! Marajoara! Guajará ! tinha mais outra, PRC5. Eram quatro mesmo.

4) O Sr lembra de ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Não. não. Não. Essa parte eu não me lembro. Eu nunca vi também.

5) Qual história a Sr(a) poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunistas faziam e quando o Sr(a) ouvia essas história o que a Sr(a) sentia?

Resp.:

Eu me lembro bem que eles falavam. Nesse tempo eu era bem menino sabe? Era, não sei o que, Preste! Era quase assim. Carlos Preste! Era Carlos Preste. Esse era um dos comunistas bem falado. Carlos Preste.

Lembro também que minha mãe era. Gostava muito de votar. Deus so'livre! Aquela época. Se ela fosse viva hoje, até hoje. Um dia, desses dias, ela fez 105 anos. Se ela fosse viva, no ano passado, alias esse ano. Se ainda fosse viva fazia 105 anos. Se ela fosse viva acredito que até hoje ela votava. Porque ela votava por prazer. É! Então esse Carlos Preste era o bicho, era o bichão da, desse, como é? Comunista, Comunismo. Era o Carlos preste! Era ele mesmo!

E o que é que ela contava? O senhor Lembra?

Resp.:

Contava que ele, deixa ver se eu me lembro!? Esse partido, ele era ruim. Ele era ruim porque só trazia a maldade. Era isso que eu ouvia falar. Nesse tempo eu era bem menino mesmo! Nesse tempo do Carlos Preste.

6) O Senhor votou em um candidato que se dizia comunista para presidente, prefeito ?

Resp.:

Não. não. Nunca votei. Nunca votei. Quando me entendi já comecei a votar no PSD, UDN. Era, tinha UDN, PSD. Era no tempo do PSD. Então de lá prá eu comecei a votar.

E por que o Senhor não votava nos comunistas?

Resp.:

É porque eu já via aquele falatório né? Desde menino. Eu acho que era por isso que eu nunca dei bola pra esse negócio de comunismo. Pelo contrário, tinha medo.

7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam ?

Resp.:

Nessa época eu vivia aqui em Ananindeua né? Eu tinha pouco contato com esses negócios. Quem eu ouvia falar muito em comunista era minha mãe. Ela nunca foi simpática a esse partido comunismo, ela e esse meu padrasto. Nunca votaram, isso eu tenho certeza. Votava prá outro. Comunista? Ichi! Eles tinham medo! Tinham medo mesmo do comunismo! Então me criei naquela época né?Então eu fique sempre com aquele negocio que: comunismo prá mim não era muito simpático não!

Então eles não viam com bons olhos?

Resp:

Não, não viam não. De jeito nenhum. Comunismo, no tempo que eu era menino mesmo. Eu via falar sempre que o comunismo não prestava.

Mas nunca lhe explicaram?

Resp.

Não. não. não.Nunca, nunca, nunca. Nunca tive contato com pessoas que era apegado ao comunismo. Nunca!

E o rádio? O Senhor ouvia o pronunciamento de alguém?Ouviu alguém falar sobre o comunismo pelo rádio?Ou programa que tinha?

Resp.:

Não. Não. Nunca ouvi, pelo rádio. Nunca! Primeiro eu pouco ligava rádio. Já vim ligar de um tempo prá cá, depois que adoeci e eu não pude mais ler a minha vista não deu mais. Então para ter comunicação, prá mim é o rádio. Eu não largo ele! Tá lá. Não largo mesmo!

E hoje, Senhor Arlindo, se o senhor fosse votar, o senhor votaria em um candidato comunista?

Resp.:

Não. Não, eu não. Não sei se ele é bom ou se ele é ruim. Mas, nunca fui simpático a

ele. Do comunismo só digo isso: que a minha mãe não era simpática a isso. Esse partido não. Sempre teve medo do comunismo. E hoje em dia o comunismo tá tão. Partido social, PC do B, Partido Comunista Brasileiro e tal.

Ichi! Naquela época! As pessoas que dizia que era comunista. Ichi! Ninguém queria se aproximar. É tipo naquela época, que eu era menino, eu me lembro também, a por exemplo, a prostituta né? Naquele tempo quem tinha uma filha que era rapariga. A família desprezava né? Desprezava aquela mulher rapariga.

Seu Arlindo de onde o senhor acha que a sua mãe tirou essas idéias sobre o comunismo?

Resp.:

Rapaz, eu não posso nem te dizer da onde porque a minha mãe era filha de uma família carente, bem carente mesmo. Meus avós eram carente, bem carente mesmo! E muito pobrezinho. Agora foi a filha que teve mais estudo dos irmãos todinhos, foi a (Tereza?) mais estudou foi ela. Mas esse negócio do comunismo. Ela já veio ter esse preconceito, já depois de adulta. Eu acho. Comunista? Era o que eu sei era só isso mesmo! Que minha mãe não gostava né? Nunca foi simpática a isso. Com o comunismo.

E o Senhor também confiando na ... ai criei naquele regime né? Aí fiquei. É como. Eu sou católico. Minha mãe sempre teve. Nasci nessa religião e dessa eu vou morrer.

Entrevista	E2	Data da entrevista: 14 / 12 /2011
Escolaridade: 3º grau (incompleto)		Idade: 72 anos
Profissão/ocupação antes de 1964: comerciante		

1. O Sr. Já ouviu falar em comunismo?

Resp.:

Comunismo? Já.

2. Como o Sr. soube da existência do Comunismo?

Resp.:

Através do estudo, que eu estudei. Eu sou formado em contabilidade.

2. Na Universidade o senhor fez alguma disciplina?

Resp.:

Não. Estudei até o 3º ano técnico de contabilidade.

2. E lá o senhor ouviu falar do comunismo?

Resp.:

Foi.

3. O senhor ouvia rádio na sua juventude?

Resp.:

Ouvia.

3. E quais as rádios que o senhor ouvia?

Resp.:

Marajoara, a PRC5.

3. E qual a que o senhor mais ouvia?

Resp.:

A PRC5.

4. O senhor lembra ler ou ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Eu cheguei a ver e ouvi sim.

4. O senhor lembra qual era a notícia?

Resp.:

Eu não me lembro, eu não me lembro.

4. Qual história o senhor podia nos contar sobre o que ouvia dizer sobre os comunistas?

Resp.:

Eu ouvia dizer que é um regime que tudo era do governo. O sujeito não tinha direito de ter nada. Não tinha direito de ter nada. Então trabalhava em função do governo.

5. O que o senhor sentia quando ouvia essas histórias?

Resp.:

Eu me sentia mal. Porque eu sempre fui democrata.

6. O senhor votou em um candidato que se dizia comunista?

Resp.:

Não. Eu nunca votei.

6. Pro que o senhor nunca votou?

Resp.:

Porque achei que é um regime que a pessoa não tem direito a nada. Tá entendendo?. Só trabalha em função do governo.

7. Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam ?

Resp.:

Pessoa de atitude diferente.

7. Tinha alguma reação positiva ou negativa?

Resp.:

Sempre tinha uma reação negativa a respeito da pessoa.

7. Era vista como bons olhos?

Resp.:

Não.

6. O senhor votaria para um candidato comunista, hoje?

Resp.:

Não, não votaria e nunca votaria.

4. E no rádio o senhor lembra de algum debate ou informação?

Resp.:

Não. Não me lembro não.

4. E nas revistas e nos jornais?

Resp.:

Faz muito tempo. Eu não me lembro. Só durante a campanha política que agente ver as pessoas falarem.

6. Falavam bem ou mal?

Resp.:

Mal né?. O candidato da direita falava mal.

6. O que eles falavam?

Resp.:

A respeito do sistema de governo que a pessoa não tinha direito a nada. Trabalhava em função do governo.

2. Mas essas informações o senhor teve na Universidade?

Resp.:

Não.

2. Como o senhor ficou sabendo disso?

Resp.:

Conversas com colegas.

Entrevista	E3	Data da entrevista: 16 / 12 /2011
Escolaridade: 3º grau		Idade: 81 anos
Profissão/ocupação antes de 1964: Técnico em Contabilidade, comerciante, economista		

1.O Senhor já ouviu falar de comunismo?

Resp.: Sim, desde criança.

Anexo 3 - Entrevistas

2. Como o senhor soube da existência do comunismo?

Resp.:

Eu lhe diria que do ponto de vista religioso, a grande influência católica, foi que fermentou esse ante comunismo entre nós.

Por quê?

Resp.:

Dados os antecedentes da Revolução Bolchevique, as perseguições religiosas na Rússia e conseqüentemente o Estado Totalitário em que havia naturalmente, como sempre acontece, muitas distorções sobre a verdadeira finalidade do objetivo do comunismo. Então você até lembre. Saiba que diziam assim: comunista come criancinha! Aquele exagero natural de uma contra propaganda. Comunista come criancinha!

Depois veio a Guerra de 39 em que a União Soviética, já União Soviética, lançou-se contra a Alemanha, né? Porque foi atacada pela Alemanha.E houve um momento, vamos dizer assim de refresco, pela vitória dos Soviéticos sobre a Alemanha, apujância do exército do exercito vermelho levou que aumentasse em muito em nosso meio, principalmente no meio estudantil, a admiração pelo comunismo, focada na personalidade do Stalin.

O Sr. lembra de que ano foi que o Sr começou a conhecer o Comunismo, ouvir falar dele?

Resp.:

Bom eu ouvi falar dele, ainda na década de 40. Porque eu sempre tive a curiosidade de ler o jornal. Sempre li o jornal, desde que me entendo 14 anos. Sempre gostei de ler! Então as notícias sempre vinham. A chamada Intentona Comunista da década de 30 e do Partido Comunista liderado pelo Carlos Preste contra oficiais do Exército brasileiro em que nas caladas da noite assassinaram os colegas de farda, tudo em nome de um ideal.

De ideal não tem nada é assassinato puro mesmo. Porque essa questão política admite assassinato eu não aceito isso não. Assassinato é assassinato seja feito por questões políticas, seja feita por questões jurídicas de Estado. Porque no mandamento de Deus, é o não matarás e não diz quem é que pode matar. Então essa Intentona Comunista ela alvoroçou muito as crenças contrárias as práticas do totalitarismo, dos extremismos.

Depois veio o levante dos Integralistas liderado por Plínio Salgado, tentando apelar do poder Getúlio Vargas que era ditador na década de 30. Então houve aquele conflito dizendo que Plínio Salgado lançava-se contra os comunistas. Realmente um antagonismo muito grande. Porque o Integralismo que era a doutrina de Plínio Salgado era de extrema direita e o Comunismo de extrema esquerda. Nessa época eu era estudante do curso de contabilidade. Cheguei a participar de reunião de partido Integralista aqui em Belém. Justamente porque era um anticomunismo. Eu me integrei no partido do Plínio Salgado. Não lembro agora qual era a sigla mas, participei ativamente de algumas reuniões. Nunca fui adiante porque também pregavam extremismo. Inclusive modificações do hino nacional brasileiro. Os integralistas não cantavam o hino todo. Então sempre fui arredio aos extremismos.

3.Sr. Franti, o Senhor lembra ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas ?

Resp.:

Isso era comum. Era comum. As emissoras aqui em Belém. Nós só tínhamos aqui em Belém a Rádio Clube do Pará que era uma emissora que não ficava o tempo todo no ar. Tinha os horários. Então pela rádio nem tanto. O que era maciçamente era na imprensa. Dá Folha do Norte principalmente. Que era um jornal muito combatido.

3. Senhor lembra de alguma notícia ou programa que falava sobre o anticomunismo?

Resp.:

Não, não. Eu lembro apenas que nas campanhas eleitorais, já após a queda de Getúlio Vargas, falavas- se muito no partido comunista e chegaram a eleger senador, salve engano, com certeza deputados federais que mais adiante no Governo Dutra, o Partido Comunista foi colocado fora de lei. Então nessa época havia maciçamente a propaganda em favor dos comunistas.

4. Na sua juventude o senhor ouvia rádio?

Resp.:

Sim ouvia rádio. Rádio Clube d Pará e as vezes, se conseguia sintonizar estações estrangeiras, mas politicamente não tenho lembrança desses assuntos serem tratados pelo rádio.

Mesmo na década de 50 com a Rádio Clube?

Resp.:

Na década de 50 já apareceram outra emissora de Rádio, a Marajoara. A Marajora é da década de 50. Também não tenho lembrança que tivesse programas especificamente a favor ou contra o comunismo. Não lembro!

5. O senhor lembra de alguma história que poderia nos contar sobre o que ouvia dizer o que os comunistas faziam?

Resp.:

Como lhe falei no início, aquela contra propaganda ferrenha. Chegava a dizer que comunistas comia criancinha, até no sentido muito exagerado. Mas falava-se muito dos assassinatos em massa na União Soviética, as prisões na Sibéria quem ia prá lá dificilmente voltava e que era um regime policialesco, inflexível que eliminava os seus adversários. Falava-se já na época, que Lenin havia provocado muitos assassinatos. Stalin muito pior que ele. Inclusive com o assassinato de um dos líderes da revolução, Trotsky que foi assassinado no México a mando do governo da União Soviética. Era o que se falava na época.

E onde era que tinha essas informações? De onde é que vinha essas informações?

Resp.:

Essas informações vinham muito em reportagem na imprensa mesmo. Em algumas publicações sobre forma de livro. Como lhe falei, na militância do Partido Integralista era ferrenhamente anticomunista e lá falava-se muito nas atrocidades. Aqui coloco entre aspas, porque cada um enfeita a seu modo a contra propaganda, né? Mas posteriormente, os acontecimento do pós guerra, pós revolução. Como é que diz? Não é revolução! A era do Khrushchov que pois fim a União Soviética que vieram a denúncia deles mesmos, dos líderes comunistas, contra o passado da União Soviética. Então isso ficou muito evidenciado no mundo todo e aí já até em televisão né?

6. E o que o senhor sentia quando ouvia essas informações?

Resp.:

Eu sempre tive por habito, passar as coisas por um certo crivo. Quer dizer podem aumentar, mas não estavam inventando as coisas. Eu acreditava nisso! Embora aceitando como referências. Extrapolando talvez, a realidade. A questão da contra propaganda.

7. O senhor votou em um candidato que se dizia comunista para presidente, vereador?

Resp.:

Jamais! Era condição sine qua saber que não era comunista para receber meu voto.

Obs.: (*Sine qua non* ou *condição sine qua non* é uma expressão que originou-se do termo legal em latim que pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode deixar de ser”; *Indispensável, essencial*)

8. Senhor Franti, quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas. Como as outras pessoas pensavam e reagiam em relação a ela?

Resp.:

Eu vou lhe contar um fato que talvez ilustre bem isso. Na minha infância, tive amizade com rapaz, rapaz da minha idade. Nessa época devia estar na faixa de 14 para 16 anos. Depois separamos, mudamos de endereço, ele ficou prum lado e eu prá outro. Vimos nos reencontrar na faculdade de ciências econômicas. Esse rapaz era um dos líderes comunistas daqui do Pará. Ele trabalhava na PETROBRAS e ele era líder do Sindicato aqui. Tanto é que ele foi depois, ele foi, exilado para o México, passou uma temporada no México, exilado pela revolução de 64. Mas antes disso, na eleição do diretório acadêmico, ele veio comigo e disse:”Franti eu vou contar com o teu voto? Disse não! Você conta com a minha amizade, mas com o meu voto: não! Mas porquê? Porque você é comunista. Mas Franti, é o diretório acadêmico. Eu digo: é! Mas é um degrau para você subir e eu não lhe dou uma oportunidade de subir um segundo degrau. E não votei nele e a amizade continuou. Tanto é que quando ele retornou do exílio do México. Eu soube pela imprensa que ele tinha sido preso. Chegou no aeroporto e foi preso encaminhada práquela 5ª companhia de guarda ali no Largo da Sé. Meses depois ele é posto em liberdade e nos encontramos na rua e eu tomei a iniciativa de falar. O nome dele é Adelino. O Adelino como vai? Franti tu tens coragem de falar comigo?Por que rapaz? Tu sabes que eu sou comunista que eu fui preso. Tu ti lembras do que eu ti falei lá no diretório? Que eu não votava em comunista, mas que mantinha a amizade contigo? Era isso que se falava na época: era comunista, só votava nele quem era simpatizante do comunismo. Quem não era, era totalmente contra. Esse caso acho que ilustra bem prá você.

E como a igreja participava desse processo?

Resp.:

Eu não posso lhe falar sobre como a igreja participava. Porque não sou católico. Nunca fui católico Agora sempre soube que a igreja combatia ferozmente o comunismo, ferozmente!Era o que se ouvia falar.

E senhor Franti, quais as rádios que se podia sintonizar de outros paíse aqui?

Resp.:

Não lembro. Porque meu objetivo era ouvir música, não era ouvir noticiário. Eu sintonizava é, por exemplo: tinha uma a emissora dos Estados Unidos e tinha uma emissora na Suíça que agente captava bem aqui em Belém. Então eu procurava e já tinha aqueles horários de música. Era só o que me interessava. Não era noticiário porque

eu não falo nenhuma língua estrangeira, mal falo o português. Então não tinha essa curiosidade de sintonizar em horário políticos.

A imprensa aqui no Pará, nesse período, ela foi mais aguerrida do ponto de vista anticomunista do que o rádio?

Resp.:

Conforme lhe falei, o rádio eu tenho pouca observação, mas a imprensa sim, era aguerrida. A Folha do Norte, a Província do Pará que era os jornais mais influentes aqui época. Folha do Norte que tinha um vespertino que era Folha Vespertina e a Província do Pará tinha um vespertino que era: A Vanguarda. Então esses jornais eram anticomunistas.

E a questão dessas informações chegarem do grande público. Como as pessoas do interior poderiam ter essas informações. Como o senhor acha que poderia chegar essas informações?

Resp.:

Olha o que eu posso te falar é por dedução. Houve sempre muito intercâmbio do povo do interior com a capital pela própria natureza hidrográfica. Barcos pro um lado pro outro. Então sempre foi isso. E a igreja católica sempre exerceu a grande influência, até hoje, exerce, mas nessa época muito mais. O que o padre dizia numa igreja era lei praquele povo. Então através da própria igreja católica era feito a contra propaganda do regime anticomunista nas igrejas do interior.

As evangélicas também deveriam entrava nesse processo?

Resp.:

As igrejas evangélicas nessa época era um fracote mesmo. Existia aqui em Belém a Assembléia de Deus, mais uma ou outra pequeninha. Essas igrejas de palco, surgiu depois, muito tempo depois.

Na época da guerra, existiam duas edições de revistas. Uma editada pelos Estados Unidos e outra pela Inglaterra. Então aqui em Belém, as dos Estados Unidos era distribuído através do consolado e também da Inglaterra. Era os comandos, parece.

Que década era essa?

Resp.:

40. Época da Guerra! Mostrando os feitos de cada um, né?. Que ninguém perdia a Guerra! Todo mundo ganhava. Mas quando houve, por exemplo, a Guerra na África do Norte, eu já tava um pouco mais compreensivo das coisas. Então eu tinha grande admiração por esses generais. Eu acompanhava pela imprensa a atuação desses generais, por exemplo: Rommel (Erwin Rommel), apesar de que eu era. Sempre fui

contrário ao regime nazista, mas eu tinha uma profunda admiração pelo Rommel como general, como estrategista.

Da mesma forma eu tinha uma grande admiração pelo general inglês Montgomery (Bernard Montgomery). O general Montgomery que foi justamente quem derrotou o Rommel na África do Norte. Então eu gostava desse tipo de leitura.

Qual a revista que o senhor mais lia?

Resp.:

Tinha uma delas que o nome parece era: Em Guarda. Me parece que essa era Americana. A inglesa eu não lembro o nome, mas tinha alguma coisa como Comandos, Os Comandos? Coisa assim. Mas eram revista muito bem feitas, muito bem ilustradas. Por exemplo: os grandes acontecimentos da invasão da Rússia pelas tropas nazistas que foram levando de roldão o exercito russo entraram e ficaram muito próximo de Moscou e de Stalingrado. E quando, aqueles erros das grandes decisões do Hitler, quando o general Paulus, alemão, comandando o exército que estava penetrando a Rússia e o inverno naquele ano muito rigoroso. Ele fez uma proposta de parar ali e se recompor e esperar a primavera e o Hitler mondou que eles avançassem de qualquer maneira que foi a grande perda dele. Porque o inverno, chamava de “general inverno”, foi quem derrotou os alemães. Foi o general inverno. Morria soldado alemão congelado, congelado.

Depois os alemães, tiveram um grande mal ainda. Foi quando eles levaram a polícia político a gestapo para intimidar o povo russo. Porque o povo russo abriu. O povo russo recebeu os alemães como libertadora e o grande erro dos alemães foi justamente querer impor. Ora se eles já viviam no inferno com a polícia da KGB queriam a Gestapo? Foi quando o povo russo resolveu unir-se ao exercito e pronto o resto todo mundo sabe! Stalingrado os alemães perderam mais de 350.000 mil homens. Era o 6º Exército. General Paulus. Em Moscou, já chegaram próximo do subúrbio de Moscou. Dizem que no centro de Moscou já dava pra vê, vê! As centelhas, não é centelha, a claridade dos canhões, disparos dos canhões. E os russos só não foram derrotados mesmos pelo grande auxílio que tiveram dos Estados Unidos através de aviões e navios. Foi que salvou a Rússia. Como salvou a Inglaterra também, foi os Estados Unidos.

Isso na década de 40!?

Esp.:

40. 40 mesmo! A guerra terminou em 45.

Já final de 45!

Resp.:

Não. não! Dia 8 de maio. Aqui terminou mais atrás foi a do Japão. A Guerra com o Japão. A guerra na Europa foi 8 de maio de 1945 foi assinado o arnificil.

E todas essas informações o senhor tinha acesso pelas revistas!

Resp.:

Revistas, os programas da BBC de Londres, ai já era rádio e nos jornais. Aqui em Belém os jornais. Não era jornal de outro Estado em Belém. Era jornais de Belém. Folha do Norte e Província do Pará.

Que escreviam sobre o assunto!

Resp.:

Escreviam largamente. Como escreviam largamente sobre a Força Expedicionária Brasileira que foi lutar na Itália. Foi muita gente daqui de Belém. Muita gente daqui de Belém! Um primo-irmão meu chegou a ser convocado. Ele não foi. Ele não embarcou. Chegou a ser convocado. Meu cunhado, esse foi para a Itália. E adquiriu na Itália, chamada, como é que chamavam? É um trauma com a grande influência psicológica. Esse meu cunhado é casado com a minha irmã, mas nesse tempo ele era solteiro. Explodiu uma granada, um negócio qualquer perto dele no carro onde eles iam. Ele não chegou a ir na linha de frente. Ficou naquilo que eles chamam de retaguarda. Já se preparando para ir para linha de frente. E aí explodiu uma granada no caminhão que ele ia foi atingido e morreu gente do lado dele e tal. Esse meu cunhado eu já vim conhecer ele muito tempo depois disso. Mas viveu todo resto da existência dele com esse trauma da guerra.

Ficou marcado!

Esp.:

Ficou marcado mesmo! E aqui em Belém cheguei a conhecer. Era funcionário da Receita Estadual, na lembro, o Fulano de Tal Conduru e tinha um outro Lélío, não me lembro de que. Esse foram como voluntários da Força Expedicionária Brasileira. Sairam daqui como voluntário.

Voltaram?

Resp.:

Voltaram. Não sei se eles chegaram a entrar na linha de frente. Voltaram sim.

O que impulsionavam essa ida a Guerra?

Resp.:

Patriotismo. Aquele que se apresenta como voluntário é patriotismo. Não tinha outro motivo.

Precisa fazer a distinção entre do Nazismo, dos alemães propriamente. Os alemães também foram vítimas do Nazismo. Por que o Nazismo o que era? Era um partido político que dominou pela força e impôs. Agora o povo alemão com essa intenção da liderança do Hitler. Tem aquela famosa história se o povo queria canhões ou manteiga. Querendo mostrar se o povo queria bem estar ou se estaria concentrado no esforço de guerra e o povo preferiu a concentração dos canhões à manteiga. Porque o povo alemão sempre foi guerreiro, sempre foi um povo guerreiro! Quantas guerras eles tiveram no século XIX? Provocaram a guerra de 14, provocaram a guerra de 39 sempre com espírito de dominação. Você agora eles querem dominar politicamente a Europa. Toda essa crise que esta acontecendo eles querem dominar politicamente a Europa. E sempre bateram de frente com a França e a Inglaterra. Sempre bateram de frente com a França e a Inglaterra. São os dois países na Europa que tem condições antepor a eles.

Então meu caro. Eu tive sempre essa curiosidade da leitura. Livros, olha eu comprava. Ainda tenho uns livros sobre a guerra. Por exemplo um título sobre o 8º Exército Inglês, o exército que lutou na África do Norte. Tinha um outro livro que Eualamem ao rio Sagro na Itália. Montgomery comandando a tropa e a travessia para a Itália. Então era esse título.

E o que o senhor fazia com essas leituras? Conversava com alguém?

Resp.:

Sempre tive oportunidade de trocar idéias. Eu nem a propósito o meu filho. Ele enveredou pelo mesmo caminho. Ele leu todos esses meus livros e gosta até hoje disso. Filme de guerra eu não perdia num filme de guerra. A história dos torpedeamentos dos navios brasileiros na costa brasileira que até hoje isso não esta esclarecido. Até hoje! Dizem que muitos daqueles navios foram afundados por submarinos americanos para provocar a entrada do Brasil na Guerra por que Getúlio Vargas era simpático a Alemanha e não aos americanos. Isso nunca ficou bem explicado.

E sobre 64?

Resp.:

100% a favor de 64. Eu 100% a favor de 64. Justamente porque se não houvesse o contra golpe teria havido o golpe comunista no Brasil. Porque eles se articularam. Essa turma que tinha a liderança comunista no Brasil, eles foram treinados em Cuba prá isso e na Própria Rússia. Então houve também um contra-golpe. Os militares assumiram o poder com o apoio da grande esmagadora maioria da população brasileira que em todas as capitais do Brasil faziam aquelas grandes passeatas, aquelas grandes marchas em favor da democracia e contra o comunismo. Era manipulado? Não interessa! Porque tudo é manipulado de um lado ou de outro, é manipulado. Agora, quando deram Castelo Brando com presidente da República era os militares assumiram ali. Era a idéia de ficar uns dois anos. Não era mais do que isso. Aí vem a sede do poder e também os próprios adversários do regime militar provocaram o AI 5. Foram eles que provocaram. O Carlos Prestes que era o líder do Partido Comunista do Brasil, brasileiro,.Sei lá! que tem dois aí. Carlos Preste era contra a luta armada porque disse que os militares vão reagir e vão se perpetuar no poder. Já foi a outra corrente do Mariguela que agora esta sendo homenageado. É um criminoso! Porque assassinou sentinela em São Paulo para invadir quartel para tirar armamento em quartel. Esse cara tá agora homenageado como herói. Pelo amor de Deus! Então eles provocaram a reação. Eu vou lidar uma notícia em primeira mão. Eu tive um cunhado irmão da minha esposa, ele era médico do exército aqui em Belém. Aqui no hospital militar. Na época das guerrilhas aqui. E ele, muitas vezes, vinha conversar comigo com um desabafo. Porque ele, ele era contrário ao acontecimentos, de matança. Mas não era só os militares que matavam faziam barbaridades, era dos dois lados. E agora todo mundo tá pousando de vítima. Era dos dois lados!Muito tempo depois veio, a notícia que eu soube na época que aconteceu que eu não poderia falar prá ninguém, por isso estou te falando em primeira mão, porque meu cunhado já morreu mais de 10 anos.

É a história de uma mulher muito bonita que se apresentou nua no acampamento que a roupa dela e no braço dela arriado. Diziam que ela era uma mulher muito bonita. Ai turma vai chegando prá perto. Ela levantou a metralhadora e matou todos que estavam ali na sua direção. Eu soube isso quando aconteceu. Muito tempo depois a imprensa noticiou esse fato.

E quem era a mulher? De que lado era?

Resp.:

Era do lado dos comunistas. Era aquela, porque dentro do partido comunista tinha um braço armado, Valmar Palmares, parece que era o lado mais radical deles. Era Valmar

Palmares, parece. E ela fazia parte desse lado mais radical. Essa moça era estudante. Muitos estudantes vieram aqui pro Pará.

Agora te faço um pergunta? Não importa qual é a concepção política. A cada ação não corresponde a uma reação. Se eles vieram prá cá para fazerem um núcleo de guerrilha, o que eles esperavam? Serem recebidos com pão de ló? Houve uma reação. Essa reação foi muito violenta? Foi! Mas só de um lado? Não! Dos dois lados. E quando meu cunhado me falava isso, a revolta dele era essa. Ele dizia: infelizmente acontecem essas barbaridades. Essas barbaridades, mas é dos dois lados. Ele chegou a ir lá na frente dentro daqueles prestação de socorro a feridos. E agora tão querendo desenterra, cavar cadáveres, dando pensão vitalícia prá quem participou da revolução, mas pelo amor de Deus! É a vitória dos derrotados!

Brizola por exemplo. Você sabe que o Brizola, chegou a receber dinheiro de Cuba e depois ele não negou, prá formar uma guerrilha nas montanhas em Minas Gerais. Caraparó, parece! Tanto é que dizem que ele ficou com o dinheiro. Não aplicou em que deveria ser e diz que foi um frustração muito grande. Era o movimento aqui na Amazônia e em Minas Gerais. Os cubanos eram mestres nas guerras de montanha, né? Foi assim que eles derrotaram Fugêncio Batista, lá em Cuba. Serra Maestra. Eles desceram a Serra Maestra. Pois bem! Brizola foi acusado disso o tempo todo e nunca tive a oportunidade de ler alguma coisa em defesa dele não.

Essas informações desses acontecidos, a imprensa se apropriava dessas informações?

Resp.:

Sim. Amplamente. E com o desmentido de uns, reiteração de outros, mas esse acontecimento que eu te falei daqui. Isso aí não foi na imprensa. Porque a imprensa nesse caso, ela era. Não podia noticiar nada. A censura era feroz!

Que ano era isso?

Resp.:

Eu acho 66. Eu não lembro exatamente. Quando vocês. Veja a data do AI 5, foi nessa época. Acho que foi em 65, 66. Pera aí! O Castelo Branco, ficou dois anos, não foi? 64, 65. Já foi depois do Castelo Branco. Costa e Silva. O AI 5 foi no Costa e Silva. Aqueles Atos Institucionais. No início não fecharam o Congresso no Brasil. A censura na imprensa não era tão rígida, talvez fosse menos rígida que a imprensa do tempo de Getúlio Vargas.

A mensagem anticomunista divulgado pela imprensa continuou após o golpe militar?

Resp.:

A imprensa aplaudiu o golpe militar. A grande imprensa brasileira, aplaudiu o golpe militar.

Mas a propaganda anticomunista continuou?

Resp.:

Sim. Sim. Justificando a presença dos militares no poder como um anteparo a uma intervenção comunista. A grande imprensa brasileira sempre foi contra ao comunismo. Agora vem aquele outra história. É porque os americanos, através da embaixada americana, comprando a consciência do Brasil, controla a imprensa. Como lhe disse a

pouco. Há distorções dos dois lados. Porque a imprensa soviética, o governo soviético, através de Cuba, derramou montanha de dinheiro no Brasil prá estimular a guerrilha. Isso todo mundo sabe! A luta pelo poder era luta armada. Por isso lhe falei em contra-golpe. A luta, a conquista do poder era luta armada. Já o Carlos Prestes, ele preconizava a luta pelo poder, mas pela democracia através do voto popular. A conscientização e tudo mais. Isso veio ter um paradeiro, você acompanha isso muito bem, com o depaquete da União Soviética. Tanto é que esses resquícios de comunista que existe no Brasil. Comunista que não tem nada não! Serve para usufruir do poder, tanto é que eles estão sempre em apoio aqueles que estão no poder. São de indicados políticos. Não me parece que são ideológicos mais não.

Foi em 88 que aconteceu a Perestroika!

Bom! 88 foi a constituinte brasileira né? Espera aí! Estamos em 2011. Tem vinte e poucos anos já. A Perestroika, 25 anos parece. Agora a poucos dias eu li no jornal uns comentários a respeito disso. Dizendo assim que os Estados Unidos como a potência econômica que sempre foi. Eles provocavam, através do armamento. Eles provocavam os gastos descomunais da União Soviético em armamentos. Só que os Estados Unidos tinha todo embasamento a agropecuário, industrial em apoio ao seu orçamento e lá não tinham isso. Então a União Soviética foi a exaustão financeira. Então dizem até que o Ronald Reagan foi o grande vencedor do comunismo. Nessa reportagem, foi numa dessas revistas de circulação nacional. Recente! É bem recente isso! Eles dizem que não que o grande vencedor foi o próprio Krushev que começou, não! O Krushev não! O Krushev começou com a denúncia contra o Stalin. Foi esse último agora, o autor da Perestroika? Como é o nome dele? Gorbachev que esse sim! Foi o grande teórico que pois fim na União Soviética. Mas eles não tinham mais condições de sobrevivência. O atraso tecnológico, a não ser na parte de armamento. O desenvolvimento tecnológico da Rússia dos seus satélites estava muito por baixo por falta de recurso para conduzir as pesquisas. Agora, na parte de aeroespacial, eles nunca foram inferiores ao Estados Unidos e não são até hoje. Armamento atômico. Por exemplo: Quando houve a grande, a grande batalha jurídica nos Estados Unidos para condenar o casal. Aquele casal de cientista que deu o segredo da bomba atômica para a União Soviética. Lembra disso?

Não!

Deixa eu lembrar o nome desse casal. Eles eram americanos. Eles deram o segredo da bomba atômica. Quando eles foram presos. Me parece, eles foram julgados e até foram mortos na cadeira elétrica. Deixa eu lembrar o nome. A defesa deles foram a seguinte: eles não eram espões, eles não receberam nada em troca. O que eles fizeram, presta bem atenção prá isso! O que eles fizeram foi evitar uma guerra mundial. Dando a Rússia o segredo da bomba atômica, para se antepor sobre a arrogância americana que com a bomba atômica queria dominar o mundo. Berg. Qualquer coisa de Berg o nome deles. Um casal de cientistas. E eles, me parece, que foram executados nos Estados Unidos. Mas eles sempre admitiram isso. Fizeram em nome da ciência e da paz mundial. E os acontecimentos posteriores deram razões a eles.

Equilibrou as forças?

Resp.:

Equilibrou. Isso já foi no pós guerra. Eles tiveram esse desprendimento. Quando houve o lançamento das duas bombas no Japão. Mataram mais de 200 mil pessoas só numa cidade. Na outra foi um pouco menos. Foram palmeados no mundo todo. Assassinato em massa. Ninguém vai a julgamento por causa disso. Americano nunca foi a tribunal internacional. Mas lá é o lugar deles. O mais recente é o Iraque. Eu fico revoltado quando eu leio ou ouço uma referência ao Iraque. Dizendo: a guerra do Iraque. Não houve guerra no Iraque! Houve invasão do Iraque! Agora, há dois dias, vem falando, foi ontem ou onte-ontem, em que o Obama fez um discurso dizendo, que estavam terminando a ocupação lá e vem a notícia que morreram menos de 5mil soldados americanos no Iraque e que devem ter morrido, em contra partida, mais de 300mil civis no Iraque. Olha aí! Eles não vão para tribunais internacionais.

Os estados Unidos é um país falido! Preste atenção no que eu estou lhe dizendo! Eu venho dizendo há 10 anos atrás. Estados Unidos é um país falido! Lembra do nosso tempo de inflação aqui no Brasil? Até usava a expressão: “a casa da moeda botou a guitarra prá funcionar”. Lembra dessa expressão? Era fabricar moeda. Era fabricar papel moeda sem lastro, sem nada! É o que eles estão fazendo! Eles estão fazendo isso há tempo, não é de agora! E os bestalhões do resto do mundo estão comprando o papel deles. Esse papel pintado de verde. Desemprego lá é grande! O povo americano já vai prá rua fazer passeata. Até a pouco tempo atrás você ouvia dizer que americano iria fazer passeata em protesto sobre alguma coisa? A coisa começou a doer neles! Aquilo que eles fizeram par enfraquecer a União Soviética está acontecendo com eles. Eles não sabem quanto gastaram nessa invasão do Iraque! Falam de 1 trilhão outros de 2 trilhões. Olha aí! De 1 para 2 trilhões de dólares. Nem eles sabem quanto gastaram lá! E as barbaridades que cometeram lá. Que continuam cometendo em Guantánamo. Eles sem qualquer embasamento jurídico eles que chamavam terrorista, desconfiavam que eram terrorista, traziam para Guantánamo para passar pelas maiores necessidade, maiores torturas. Autorizadas especificamente pelo presidente americano. Eles criaram uma lei permitindo a tortura. Que país é esse? Será que não pagam por isso? Aqui se faz aqui se paga! É um velho e popular ditador. Eles esquecem das histórias das nações. As grande potências mundiais, desde o império romano, antes do império romano, as grandes potências que surgiram depois disso tiveram seu apogeu e sua queda. Tá hora da queda deles. Eles estão caindo. Você poderia pensar. Você é antiamericano? Não! Não sou. Sou anti nada. Eu não sou anti nada. Eu analiso. Costumo dizer que eu penso com a minha cabeça. Não com a cabeça dos outros. Então eu analiso e tiro as minhas conclusões. Posso tá errado? Posso! Mas quando eu venho dizendo que eles estão falido há uns 10 anos atrás. Já venho usando essa expressão. Os acontecimentos estão mostrando isso. Eles não tem que pagar. Você não lembra que este ano eles tiveram briga tremenda lá no congresso. Que o presidente precisava aumentar a capacidade de endividamento e o congresso era contra. Quer dizer, não tem como pagar dívida. Isso não é falência? Qualquer dicionário diz que isso é falência.

Economicamente é falência!

Resp.:

É falência! E isso puxa os outros! É uma reação em cadeia.

Então meu caro. Hoje fala-se em comunismo na Rússia, ó! Na China. A China fez uma coisa, eu leio pouca coisa da China, mas eu tenho a impressão que eles fizera lá um negócio que no meu tempo de estudante de economia falava para os meus colegas. Por exemplo, esse rapaz que falei o Adelino. Ele dizia: a Franti tu és americanófilo. Não sou. Eu dizia pra ele. Tu colocas a coisa entre ser e não ser. O é americanófilo ou russófilo. E eu não sou nem uma coisa nem outra. Eu sou o meio termo. Capitalismo tem coisas muito boas e o socialismo também. Por que você tem que ser extremado? Ou é uma coisa ou outra! Por que você não encontra o meio e termo, trazendo as coisas do capitalismo, trazendo as boas coisas do socialismo. É o que fez a China. Fala que o regime lá é totalitário. Talvez seja! Não há liberdade de expressão, não há liberdade daquilo, daquilo outro. Aos poucos está havendo. Agora mesmo no jornal de ontem, eu estava vendo, da globo parece. O pessoal fazendo caminhada de protesto contra isso, contra aquilo. Lá na China. Então os extremos tem que acabar. Tudo é o meio termo. Olha eu vou lhe falar uma coisa! Eu tenho uma filosofia de vida. Eu sou espírita. E a base do Espiritismo é o cristianismo. Apesar que os detratores do Espiritismo dizem exatamente o contrário. Coitado! Eles não sabem o que dizem! A máxima do Espiritismo é Deus, Cristo e Caridade. Essa é a máxima do espiritismo. Então quando alguém se diz cristão e conhece os ensinamentos de Jesus, ele tem uma outra concepção. Não é se dizer cristão porque se ouviu falar. Quando lhe falei não matarás. Não tem no mandamento divino nenhuma alternância, exceção. Fulano de Tal pode matar. Ao contrário, Jesus ainda falou assim a Pedro: embainha tua espada! Porque quem fere pela espada, pela espada perecerá. Então se eu sou cristão, a minha base de raciocínio tem que ser cristã. Então o Cristão foge aos extremos. A base do amor. A doutrina de Jesus é toda ela voltada para o amor a Deus e ao próximo. Não faça a você o que você não gostaria de fazer a mim. Então, vou fazer a você o que eu gostaria que fizesse a mim. Então, essa é a base do Espiritismo. Então quando nós tomamos um princípio filosófico, religioso em que você se convence disso, você passa a pensar com independência. Você não fica tutelada aquilo, aquilo outro. Porque você tem um norte. E esse norte é o ensino de Jesus. Esse é norte e eu adoto. Que a minha família felizmente adota.

Entrevista	E4	Data da entrevista: 16 / 12 /2011
		Idade: 67 anos
Escolaridade: 2º grau – Incompleto		
Profissão/ocupação antes de 1964: Estudante (corretor iniciante)		

1) O Sr. já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

Já. Já.

2) Como o Sr. soube da existência do Comunismo?

Resp.:

Bem. Assim tinha na época onde era implementado o comunismo atuante e que era a referência mundial é China, União Soviética. É daquela parte que eu tenho informações de como se processava Cuba aliado a União Soviética e tal. E isso tudo de uma certa forma da guerra fria. Aquela briga do ocidente com o oriente e aquele conflito, aquela situação que agente imaginava a guerra mundial que vai terminar que vai acabar que vai trazer um problema sério. Ou seja, aqueles conflitos das potências. Uma comunista a outra dita democrática. Então a minha, informação que eu tenho do comunismo já é desse momento. Porque eu sempre tive interesse pela leitura, pela informação. Nunca fui partidário, mas também nunca fui apolítico. Sempre me coloquei me posicionei a respeito das questões. Eu te confesso. Que assim. Não foi positivo minha leitura que eu via na questão comunista. Era assim. Era uma certa não aceitação da regra que estava colocada. O direito da terra, que isso era contestado. Via os pronunciamento dos comunistas, dos membros e tal, achavam que tudo era comum, era de ser de todos. Iam para esse extremo. E a estrutura montada, a estrutura do Brasil é outra. Sabe que a questão da propriedade é questão cultural que vem o grande latifúndio, o pequeno latifúndio. Mas todo mundo ali querendo ter o seu pedacinho, querendo se organizar. Claro que agente sabe que nisso tem uma grande injustiça, enfim. Muitos interesses situações que são extremamente contrária ao interesse do de menor capacidade de buscar o seu direito né?

3) O Sr. ouvia rádio as radio na sua juventude?

Resp.:

Ouvia.

3)Qual radio?

Resp.:

Tupi, a Globo. Daqui mesmo é. Aqui nossa regional a PRC5, a rádio Clube do Pará.

3) E qual o Sr. mais ouvia?

Resp.:

A rádio clube. Como geral era notícia, esporte.

3) Por que o Sr. mais ouvia ela?

Resp.:

Porque era a que eu mais gostava. Edir Proença, prá mim, uma referência jornalística, radialística. O Edir era uma pessoa que tinha assim uma. Eu vim conhecer ele, eu já numa faixa, acho uns 30 anos. Mas eu tinha uma grande simpatia por ele. Era uma pessoa que tinha assim um credibilidade muito grande comigo. Enfim. O Edir Proença.

4) O senhor lembra ter ouvido pela rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Nessa época, nem contra nem a favor. Te confesso que nunca fiquei assim, buscando me aprofundando nessa informação.

5) Qual história o senhor poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunistas faziam.

Resp.:

Se bem que isso do dizer, nunca passou assim prá mim como sendo uma realidade. Era uma versão de alguém que queria contar uma história dá sua versão. Uns que comiam criança, que matavam que faziam. Sabe? Essas coisa que eu acho, uma certa, uma grande hipocrisia. Porque o desequilibrado tanto pode estar de um lado como de outro. Isso aí independe de partido, independe de posicionamento religioso, partidário, social.

Quem falava essas coisas. Essas informações?

Resp.:

Bom. Geralmente até o segmento religioso?

5) Quando o Sr. ouvia isso, o que o Sr. sentia?

Resp.:

Eu te confesso que eu nunca fui contrário. Não me dava nenhum tipo assim de medo, angústia e pô será que esses caras vão chegar pra dominar, prá trazer essa? Nunca fiquei preocupado com essa situação. E depois na minha juventude, na minha, já adulto, convive com muitas pessoas, que eu nem sabia, mas que eram comunistas. Que já tinham passado da fase crítica, onde, a repressão e aí eles já eram convictos e aí já era a postura deles eram essa advogados, médicos.

6) O Sr. votou em um candidato que se dizia comunista para presidente, vereador?

Resp.:

Prá presidente. Presidente da República. Nós nunca tivemos. Dá minha época, eu tenho 65 anos. Então da minha época prá. 64 aí foi interrompido né? Antes. A última votação antes da revolução foi Jânio e Jango e aí depois veio essa sucessão dos militares. Aí veio Tacerdo, Sarney. Então ninguém se posicionou comunista. O Fernando Henrique já se colocou socialista. Que eu entendo que foi um dos melhores governos que o Brasil teve. Porque ele preparou o Brasil para o estado que ele chegou hoje. Essa movimentação que ocorreu no Brasil tem um planejamento lá no Fernando Henrique. Ele aproveitou. Que eu acho que o Lula fez um ótimo governo porque ele aproveitou as coisas boas que o Brasil já tinha aproveitado. Ele não entrou naquela rivalidade partidária. “Não isso aqui quem fez foi fulano, não eu vou abandonar eu quero uma outra forma”. Então esse entendimento essa maneira, essa visão de fazer a gestão eu acho inteligente, que é o que o povo precisa de dá continuidade do que está sendo feito que tá trazendo resultado.

Então o Sr. não votou por que não teve candidato comunistas!

Resp.:

É assim.

Votaria se tivesse?

Resp.:

Se tivesse sem a mínima constrangimento. Sem a mínima! Até hoje eu sei de comunista que tem um comportamento muito mais digno do que muitas, criaturas que se colocam democráticas e outras que tem um comportamento totalmente indigno.

7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam?

Resp.:

A maioria das vezes, as pessoas reagiam. Quem reagia, reagia porque tinha interesses de uma outra visão em relação a economia na questão de direitos posse de propriedade e tal ficavam temerosos né? Com essa situação. Como é mesmo a pergunta: **Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam?**

Resp.:

Eu acho assim que não tinha uma regra geral. Todos pensando da mesma forma. Existia uma variação sabe? Muito embora, uma grande maioria, por ignorância. Aí vem a questão da ignorância omitia opinião porque, às vezes, estava sendo favorecido por segmento e não queria que tivesse mudança porque tavam é influenciado por uma versão que muita das vezes, não era a realidade e aquilo ali implicava e formava idéia, formava um pensamento negativo de que aquilo não seria bom. Eu vejo hoje, por

exemplo. Eu entendo que agente tem necessidade do equilíbrio. Então se o comunismo é uma idéia que vem pra trazer um equilíbrio para a sociedade isso é bom é necessário, mas ele não pode ser radical prá chegar prá quebrar toda um barreira que já está. Tem muita coisa pra fazer. Além do que já está feito diferença, renda, distribuição de renda. Você preparar bem essa criatura que está no campo que está desinformada, o analfabetismo, a falta de oportunidade, então isso aí, por exemplo, tem espaço pro trabalho do ideal comunista, quer dizer não é leva apenas as condições econômicas financeira que isso aí deve vim junto isso aí o mínimo de conforto, o mínimo de dignidade de sobreviver com dignidade, né? Mas agora. O principal é o ser, não o ter.

7) Mas o Sr. lembra de como as pessoas pensavam, como via as outras que eram comunista? Que idéias tinham?

Resp.:

Quem está vindo agora em mente o Rui Barata, nosso Rui Barata aqui. Era considerado comunista, né? O outro que era da livraria, o Jinkins. Eram pessoas que tinham relacionamento social na cidade extraordinário eram adorados, mas entretanto, com a mudança de governo foi uma repressão muito grande, sofreram. Então a sociedade tinha uma convivência boa com essas pessoas. E o povão, na verdade, tava desinformado nisso, era irrelevante, era mais a questão da empatia tu chega uma boa relação tá bem.

E o que elas pensavam, o que o Sr. acha que elas tinham na cabeça que poderiam até rotular um comunista? Tinham algum tipo de rótulo que eles levavam por ser comunista por pregar essas idéias?

Resp.:

Na verdade eu não to te falando do pregador. Tô te falando do convívio social de uma pessoa convicta de ser comunista. Mas, não assim do pregador, do que vinha pra tentar fazer, não é rede! Mas ampliar o numero de adeptos, de tentar convencer. Eu nunca tive assim. Bom. Uma participação efetiva nessa, de participar desse movimento, vamos lá fazer uma passeata, como chama? Uma manifestação, um pronunciamento, enfim um trabalho desse de divulgação, eu nunca fui engajada nessas atividades. Eu entendia que realmente, por ignorância, tinha muita dificuldade, de entender e como tinha dificuldade de entender o que os adversários faziam aproveitavam o poder da comunicação que detinham e passavam uma mensagem negativa a respeito.

E que mensagem era essa?

Resp.:

Assim de achar que vinham de encontro que tu ia perder tua propriedade, que iam te tirar as coisa, ia ser tudo pra todo mundo. Tô me lembrando agora de uma pessoa já da minha faixa etária que ele tinha esse discurso. Ele fazia isso. E eu até em alguns momentos, contestava porque eu achava, via uma postura radical. Eu não sentia, via necessidade disso. Eu via necessidade de posicionamento, de tomar atitude. Porque é

fácil você ter o teu pensamento, tua idéia, mas tem que ter coerência entre o discurso e a prática.

E que discurso ele fazia?

Resp.:

O discurso assim:de que é um direito a propriedade, a invasão. Estimulando as pessoas a invadirem coisas.

Mas ele era comunista?

Resp.:

Ele era comunista. Ele era comunista. Fazia parte do partido comunista.

E essa postura dele causava uma contra reação!

Resp.:

Ah sim! Por exemplo, da minha pessoa. Muitos, muitos gostavam. Prá mim aquilo não tinha o menor peso. Eu pelo menos, não me sentia bem. Desse entendimento, dessa busca de mudança radical pela força. Eu acho extremamente negativo, por exemplo, em algumas coisas, é até admissível, mas em outros momentos, por exemplo, essas invasões de fazenda que vai o MST ou outro segmento e tal. Invade uma fazenda destrói uma estrutura que gerava emprego, gerava produção e tal, e tal e tal. Gente em nome de que? de buscar direitos? E o seu dever de respeitar? De entender que aquilo ali, de uma maneira ou de outra, foi feito um investimento ali, foi feito um trabalho, que aquilo ali gera riqueza. Por que você chegar e destruir?OK. Vamos ficar e aproveitar. Vamos dar seqüência. Estamos preparado prá ficar de posse disso aqui prá gente dá continuidade?

Nós já temos nossa equipe preparada prá isso? Então tem apenas a força física. Então essa disposição, essa determinação contrariando esses interesses. E como a maioria dos governos sabem que no Brasil a grande maioria é desassistida. Então são pessoas de fácil, de uma certa forma de fácil, convencimento. Se vem alguém que vai te trazer os benefícios, o auxílio e te ajudar a querer resolver o teu problema, e as pessoas tem muito essa tendência de entender de que a solução, a solução do seu problema vem através dos outros. Sabe? E isso é uma situação extremamente prejudicial. Então assim, o discurso, por si só, do comunista, não era todos, por exemplo, Oscar Niemeyer. Nunca vi um pronunciamento do Oscar Niemeyer, mas sei que ele era comunista. Carlos Prestes que informações a leituras, filme. Né? A vontade que ele tinha de justiça. Então são níveis diferentes ideais de pessoas que tem uma visão comum mesmo e outras que são mais de oportunidades que estão é querendo. Eu preciso é de ter. Eu não tenho as condições físicas materiais e é isso que eu quero, conquistar agora imediatamente. É o imediatismo.

E o senhor lembra de alguma história que falavam sobre os comunista que ficou na sua memória, além dessa deles invadirem terras?

Resp.:

A invasão de terra é uma visão já de agora.

Agora as de lá prá trás na década de 50, 60, quando o senhor ainda era jovem?

Resp.:

Eu estava com 10 anos.

5) Lembra de alguma história que algumas pessoas contavam ou que o rádio divulgou como ou até mesmo dentro de casa que ouvia falar?

Resp.:

Era uma coisa assim, por exemplo. Houveram alguns personagens famosos que fizeram sua luta, sua batalha. Julião. Eu me lembro assim, uma memória um pouco bem distante. Julião, parece que era um pernambucano e arregimentava trabalhadores na busca assim de organizar os seus núcleos de trabalho e buscar realmente tentativas de. Agora eu nunca. Eu sempre procurei formar minha própria idéia. Assim, eu tenho que ser convencido, muito bem convencido. Se eu não sei, se eu sou leigo. Vou te ouvir teus argumentos podem me convencer ou não. Eu posso continuar entendendo os meus, muito embora eu não tenho formação acadêmica, mas eu tenho muita, vamos dizer. Eu tive muita leitura, assim mais ou menos eclético na minha atuação de trabalho. Trabalhei com muito advogados prestando serviço e não tinha formação nenhuma, mas tinham uma confiança no meu trabalho. Coisa que eu achava que estava além da minha capacidade. "Não! vai lá falar com o juiz! Não! vai lá falar lá com o desembargador. Vai lá falar com o Rômulo Maiorana". Resolver coisas que não. Pô eu garoto! Jovem e tal! Porque eles sabiam que eu sabia me relacionar, argumentar ou ouvir. Pró ativo. Olha, não dá de um jeito, mas desse outro não pode? Vinha com solução. Então eu não sou facilmente influenciado. Então, desde lá de trás. Eu sempre fui mais assim de formar a minha própria idéia.

5) E o quê eles falavam para o Sr. fazer seu contra ponto? O que o Sr. ouvia dizer?

Resp.:

Que precisava mudança da estrutura de governo. A forma da divisão de renda. Que não é diferente muito do discurso de hoje! Porque hoje o comunismo, vamos dizer, ele está inserido na nossa sociedade. Né? Como um instituição legal. Saiu da clandestinidade. Então essa questão da clandestinidade que marginalizou. E a ignorância do povo. Agente ver que o comunismo, por exemplo, em outra parte do mundo é elite intelectual, não industrial ou comercial, mas é elite intelectual. São os pensadores que é a grande maioria, mas já tem empresários com uma visão de trabalho que eu acho admirável. Como Antonio Erminio de Moraes. Eu não o conheço, eu não o, talvez eu possa até falar alguma coisa, mas pela postura dele e comportamento dele, acredito que dentro da empresa dele. Quando o indivíduo vai chegando na faixa de atingir o nível de

aposentadoria. O departamento tem a conversa sabendo a programação futura. Sabendo as aptidões além daquelas que vinha tendo no período do trabalho para preparar para a aposentadoria. O cara que tem aptidão de jardineiro, vai te reciclar, trabalhar aí com a arte cultura, gosta de costurar, alfaiate, vai fazer teus cursos. Então eu acho isso fantástico. Por que na verdade, eu entendo, que é mais importante não é o ter é o ser. Não adianta eu ter muito se eu não sei ser uma pessoa equilibrada, digna. De fazer aquele ter útil. Fazer ele gerar oportunidade, trabalho. Então assim, eu não tive oportunidade de ouvir um discurso. Não tenho assim na memória, coisa, pronunciamentos comunista, assim bem contra os comunistas, eu me lembro sim, muitos militares contrários. Radicais, alguns radicais. Eu sei de episódios, por exemplo, que na época da revolução. O cara era contrário. Era comunista? Só de saber que o cara era comunista já virava inimigo, Mas aí ele teve oportunidade, de estar junto no período que aquelas pessoas estavam recolhidas no quartel. E ele era comandante do quartel. Aí ele teve oportunidade de conviver com aquelas pessoas. E aí começou uma relação de entendimento, de conversa, de esclarecimento que mudou a idéia do cara. Diz assim porra, mas isso. Essas pessoas aqui não são as pessoas comunistas que eu entendia que eram, Sabe? Pessoa com idéia, pessoas com pensamento positivo, alegre, do bem comum. E o cara lá. Era contrário, porque era contrário. Acho que lavagem cerebral. E o momento que ele teve oportunidade de conviver, em pouco tempo mudou de entendimento. Ainda bem. As pessoas que tem essa postura, assim de que a minha opinião de hoje, não necessariamente pode ser a de amanhã. Eu tenho que está aberto a mudança, eu tenho que está aberta as modificações, as melhoras.

E quem o Sr. achava que repassava essa mensagem anticomunista?

Resp.:

Olha! Acho que muito a igreja. A igreja católica ela. Muito embora tinha adeptos, e sei que o D. Elder Câmara, tinha uma idéia diferente da grande maioria, mas a igreja sempre, e muitos outros vieram. Cássio Gratus, como é o nome do outro bispo? São criaturas que estão dentro de um segmento religioso que aonde tinha ma visão, uma postura totalmente contrária. Mas que isso não impediu de que pessoas do mesmo segmento tivessem visões diferentes de mundo. Olha só? São essas contradições, quer dizer, conseguiram conviver. São alas, como agente vê hoje partidos. Partidos divididos em várias alas. Um que tem interesse, outro que tem interesse. Um que tem uma visão, outro que tem outra visão.

E qual foi a política adotada por uma dessas alas para criar essas mensagens anticomunista?

O que foi utilizado, na sua opinião, para criar essa idéia anticomunista?

Resp.:

Eu acho assim, que muito até a ignorância da população.

E quem que explorava essa ignorância?

Resp.:

Essa exploração era feito por políticos tendenciosos que tinham interesse no poder de manter as coisas do jeito que estava e uns outros segmentos, inclusive religiosos também que não queriam maiores mudanças para chegar e desmontar a estrutura que tava montada. Então, esses segmentos tinham interesse de deixar tudo do jeito que estava.

Se utilizava da ignorância, eu acredito prá repassar informações, para levar uma versão que lhe convinha na situação. As informações as visões que eu capto, que eu tenho na minha memória, situações, por exemplo: que alguns redutos eram formadores desse tipo de pessoas que teriam que ser guerrilheiros prá ir é até combater esse tipo de idéia que também era muito urbana prá não, atingir, prá não, talvez essa informação não precisasse chegar na área rural. Então era aquela guerrilha. “Vamo lá! Vamo influenciar aquele povo que tá lá”. Onde são menos influenciado. Muito embora o padre estivesse lá, mas esse discurso do padre era mito mais urbano. Então formava China, Cuba, formava os guerrilheiros e tal prá essas missões. Quer dizer era um trabalho realmente de muito risco. Então isso era aproveitado dizer que as pessoas não tinham assim, é vamos dizer. Não é questão do medo, não tinham temor a nada, queriam fazer porque tinham que fazer o que era determinado.

Quem fazia isso?

Resp.:

Quem fazia isso? Eu tó falando de um período que a imprensa, a igreja, os militares faziam isso. Passavam essa mensagem. E assim. E também paralelo, também era constatável que esses lugares realmente existiam e lá era um reduto de formação de pessoas desse segmento, dessa visão. As pessoas se dispunham de ir para lá se preparar para se tornar guerrilheiros e vim prá cá.

Seria centros de formações.

Resp.:

Centros de formações! Centros de formações que houve: Cuba, China, Rússia. Os da China, os de Cuba foram prá Rússia se prepararam.

Isso causava medo nas pessoas?

Resp.:

Até um certo ponto sim! Eu ficava. O meu medo, na ocasião. Kruschev, Kennedy. Aquele período daquela tensão. Eu tinha medo! Aquele questão da bomba de Hiroshima e Nagasaki aquela coisa.”Esses caras vão se guerrear. Esses cara vão jogar isso no mundo. Como é que vai ser isso aqui? Aquele poder terrível, nuclear, dominado e bastava o presidente aperta lá um botão e “ o cara vai apertar o botão ele tá do lado da mesa dele, da cadeira dele”. Isso era terrível!

Isso era na década de que?

Resp.:

Isso na década de 60, 70.

Tinha medo do?

Resp.

Do conflito, do confronto entre essas potências. E uma identificada como de um segmento comunista e a outra democrática.

Então nesse período continuava ainda a propaganda anticomunista?

Resp.:

Sim!

Agora, o medo ficaria mais na questão nuclear?

Resp.:

O medo nessa é poça mais na questão nuclear. E hoje por exemplo, o medo. Eu que trabalho nessa área imobiliária. Eu sei da tensão que é os proprietários com medo de invasão. Sabe? A dificuldade que eles tem de uma reintegração de posse. Então existe realmente um movimento muito grande que é irracional. Porque eu acho que você pode realmente fazer uma luta ferrenha, radical, intensa dentro dos seus diretos, mas sem deixar de cumprir os deveres, o respeito. Para você exigir, "não eu tô respeitando, mas eu quero respeito. Eu preciso. Agora é uma tendência muito grande, a questão, o próprio interesse imediato, a corrupção. Assim interessante, a questão da corrupção era um fator que era favorável ao comunista porque se considerava ele mais imune a corrupção. Pelo menos até onde se percebia, pelo menos superficialmente. Já diferente de outras sociedades aonde a gente sabia a questão da máfia, como que a máfia fazia, como ela conseguia manipular podres dentro da sociedade porque era interesse do juiz, do outro, do promotor que precisava disso, daquilo e aí era aquele jogo de interesse maior. Enfim que causava toda essa situação. Você observava esse dois mundos e via. Bom! Qual é o perigo? Aqui é o radicalismo que pode vim de uma forma impactante, ditador, imediatista que pode criar uma situação muito grande. Da outra é essa tendência a você buscar ou manter o seu status, o seu padrão conseguido, independente venha de onde vier. Sabe? Isso, eu acho isso realmente muito constrangedor prá a sociedade. Enfim. O comunismo realmente vai atender uma demanda geral. Eu sou espírita, agente sabe pelos estudos, se pegasse toda fortuna do mundo e dividisse igualmente, exatamente igual, por todos os membros dessa civilização. Dentro de pouco tempo, esses valores estria retornando prá mão daquele que detinha maior quantidade antes da divisão. Porque a capacidade da gestão, o empreendedorismo. O quê que eu vou fazer? Lá trás agente sabe que um pegou um talento, dois talento, um guardou, outro escondeu, o outro não fez nada e teve um que movimentou e reproduziu em grande quantidade. O

ser humano é assim tem muitos que recebem seu salário, tá com grande dificuldade dentro de casa, mas antes de ir prá casa, ainda passa na esquina, ainda pega o seu “pileque”, ainda gasta, um percentual considerável no supérfluo e deixa de atender demanda de primeira ordem, de dentro de casa, né? Agente sabe do juiz que vende sentença. Olha aí? É um marginal. Tá lá no poder pó, mas que dignidade tem uma criatura dessa?

Qual o seu nome?

Resp.:

Gra... Não precisa tudo! Depois vem me buscar preso!

1)A Sr^a já ouviu falar de comunismo?

Entrevista	E5	Data da entrevista:	22 / 12 /2011
Profissão:	Domestica (Cozinheira)		Idade: 76
Escolaridade:	1ª serie (Ensino Fundamental)		
Profissão/ocupação antes de 1964:	Empregada Domestica		

Resp.:

Pois é. Comunismo eu ouvia falar. Eu ouvia falaaar. Mas não sei bem como são os detalhes. Eu ouvia falar que o comunismo, quem ia pro lugar onde morava esse homem, Fidel Castro. Quem ia prá lá não saia, nera?. Dizia que morria prá lá enforcado e de outra coisa. Se não obedecesse a lei tinha que ficar é lá mesmo, passando fome morrendo, se acabando, preso, sei lá. Aí, eu ouvia falar, mas eu não tinha nem noção do que era aquilo. Aderilson. Até hoje, não sou muito assim, prá falar a verdade! Eu não gosto nem de olhar televisão, jornal. Porque eu acho uma coisa muito incrível assim. Por exemplo. Só é morte, só é estupro. É assim agressão, coisa horrível né?Aquilo ali até me sinto mal sabe?Sabe como é? Eu não gosto de olhar jornal, essas coisas toda assim. Por isso que eu não sei de nada mesmo! Nem procuro saber! Porque acho que aquilo me faz até mal.

2) Como a Sr^a soube da existência do comunismo?

Resp.:

Porque eu ouvia o povo falar. Os mais velhos. Ainda naquele tempo, meu pai, ainda era vivo. Aderilson, se muita coisa eu ainda sei hoje. Eu sei mais assim das coisas fora do mundo.Até da bíblia, do tempo, dos tempos que agora está acontecendo. Eu te digo! Eu não sei de onde meu pai tirava tanta coisa prá contar prá gente. Sabe? Assim. Po exemplo: um dia vocês vão ver acontecer pai matando filho, filho matando pai, mulher

deixando marido, mulher tendo filho e jogando fora. Tudo isso que meu pai contava. Mas eu dizia: mas quando que vai acontecer isso? Mas uma mulher vai matar o filho? Um pai vai matar um filho? Um filho vai matar um pai? Eu pensava assim! Sabe? Mas agora eu to vendo que o que o meu pai me disse, hoje em dia, eu to assim. Eu to vendo tudo aquilo que ele me disse é verdade. “Um dia vocês vão ver o mundo fazer não sei o que. Um dia vocês vão ver ferro voar pelo ar.” Mas papai como é que ferro vai voar pelo ar? Ficava assim pensando. É o avião. Ele dizia isso.

Ele falava alguma coisa sobre os comunistas?

Resp.:

Ele falava que nesse lugar era assim. Quem ia prá lá acontecia isso. Acontecia morte. Acontecia que agente que não comia. Que agente não sei o quê lá. Assim, contava assim. Tem coisa que hoje em dia agente não acredita, mas depois parece que era verdade mesmo. Não sei se era assim. E o homem era mal. Matava fazia isso, fazia aquilo.

E a Sr^a tinha medo?

Resp.:

A eu tinha. Eu dizia: eu é que não quero ir prá esse lugar.

E por que a Sr^a tinha medo?

Resp.:

Morrer prá lá? Eu podendo tá em casa sossegada? (risos)

3) A sr^a ouvia radio na sua juventude?

Resp.:

Hum. Não sabia nem o que era rádio naquele tempo! Não sabia nem o que era rádio. Não me lembro. Na casa do meu pai não tinha rádio.

Era no interior?

Resp.:

Era no interior. Sai da casa do meu pai na idade de oito anos. Aí fui morar com a minha madrinha. Minha madrinha que me criou. Minha madrinha e eu só saia prá igreja.

Então a Sr^a não lembra ter ouvido notícias pelo rádio sobre os comunistas?

Resp.:

Não. Eu não prestava atenção em nada. Porque não sabia o que era rádio. Esse negócio de rádio.

E as notícias sobre os comunistas? Como é que chegava até lá?

Resp.:

Ah! Eu sei lá como é que chegava! Eu sei que eles sabiam. Agora, como eu não sei. Sei que eles sabiam. Sabe lá! As vezes ele vinha para Bragança. Quando chegava daqui era contando essas besteiras assim. E aí. Eu não sei como é que chegava essas notícias. Te digo com sinceridade. Não sei esse negócio, eu não entendo como era. Eu nem posso entender. Quando foi que começou esse negocio de rádio? Sei lá quando foi! Eu não me lembro.

5) Qual a história que a Sr^a poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunista faziam?

Resp.:

Eu não tenho nenhuma história.

O que é que eles faziam? Que os antigos falavam?

Resp.:

Pois é. Os antigos falavam assim: lá no lugar que eles estavam. os comunistas só faziam assim: ruindade. Não tinha esse negocio de dizer meu amigo tu é isso. Se fez o que ele mandou, fez, se salvou. Se não fez, morreu!

A Sr^a lembra qual era esse lugar?

Resp.:

Eu não!

Eles não diziam onde era o lugar?

Resp.:

Eu sei lá por onde era esse lugar meu irmão! Não sei nada! Já vi falar nesse homem, como era o nome? Fidel Castro? Já agora. Meu pai já havia até morrido, parece. È por que o Fidel, é por que não sei o quê. Tá bom de fulano fez isso. Tá bom de ele ir lá, não sei como é o nome do lugar, prá onde mora o Fidel, pra onde tem o comunismo. Só dizia assim, lá prá onde tem o comunista tá bom do fulano ir prá lá prá ver o que é bom lá! Assim eu ouvia falar.

E o que a Sr^a sentia?

Resp.:

Ah. Prá ti falar a verdade eu não sentia era nada, porque eu não sabia nem o que era isso comunista, comunismo!

Mas medo dava de ouvir!

Sim medo. Quando dizia assim: olha? Lá morre muita gente. Ora se morre muita gente, né? Faziam medo prá gente né? Já pensou seu fosse prá lá, ou se uma pessoa minha for prá lá vai morrer. Agente não ver mais!

E por que as pessoas iam prá lá?

Resp.:

Sei lá como é que era! Guerra!Nera?

6) A Sr^a votou em algum candidato comunista?

Resp.:

Rum! Eu não, Aderilson! Sei lá ! Não sei quem eu votei.

6) A Sr^a votaria em um candidato comunista?

Resp.:

Eu não! Deus me livre! Voto nada!Nem agora prá separar o Pará eu votei!

7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam dela?

Resp.:

Não sei, Aderilson.

A Sr^a Conheceu alguém que era comunista?

Resp.:

Não. não. Não conheci ninguém simpatizante de comunista assim. Será que tinha aqui? Eu nem sei se tinha aqui, essa coisa. Sei que tinha aí prá fora. Como era o nome do lugar que era esse Fidel Castro? **Cuba**. Ah tá. Cuba, agora que me lembro! Pois é, eu ouvia falar na Cuba. Não sei nem por onde fica nem por onde vai.

Então, um pessoa que era comunista, não era bem vista?

Resp.:

Não!Não era mesmo!É porque matava a pessoa lá! Era uma pessoa ruim, né? Aquela pessoa era ruim. Papai dizia: Ah se for comunista quem vai prá lá acontece isso, acontece aquilo. Não!Deus me livre! E era criança nesse tempo.Eu nem pensava. Eu nunca fui uma pessoa chegada a essas coisas assim de falar assim. Dizer que fulano é isso, fulano é candidato disso. Por mim pode estar aí falando. Tó nem aí.

D. Gra., e hoje, se alguém dissesse que era comunista a senhora votaria nele?

Resp.:

Eu não! Votaria em ninguém. Não voto! Não voto porque não sei o que é que tem por trás disso. Esse negócio do Pará que queriam fazer essa divisão. Quem é que sabe o que tem por trás disso. Vem melhorar ou piorar? Se eu sou paraense, eu vou ser paulista, eu vou ser na sei o que? eu não! Sou paraense mesmo. Vou mudar minha identidade.

A Sr^a ouviu na igreja alguém falar de comunismo?

Resp.:

Não. Quando eu me entendi de igreja. Eu nunca vi falar. Nunca, nunca, nunca. Nunca ouvir falar. Prá falar a verdade. Eu nunca ouvir falar na igreja não.

Nem os padres os catequistas?

Resp.:

Nem padre, nem catequista. Eu nunca ouvir falar sobre o comunismo. Nunca! Não sei. Se eles falavam. Não tenho conhecimento. Se falaram não é do meu tempo e eu nunca ouvir falar. Nunca, nunca, nunca. padre nunca. De padre nunca. Gente de igreja assim. Nunca ouvir falar. Como diz o padre Geovane: Se a senhora sabe, então me diga qualquer coisa. Qual que coisa assim. Padre Geovane, olha. Se eu disser que carne é carne. Carne é carne. Eu só digo aquilo que eu sei. Tá Aderilson? Eu não digo. Ah que fulano me disse. Eu não digo fulano me disse. Tô dizendo agora, porque meu pai disse e que eu to vendo agora. Tô vendo agora, o que meu pai me falou há não sei quantos anos atrás, que só tinha talvez, uns 8 anos, 10 anos, 6 anos. Ele tinha uma mania de, no interior né? Agente no quarto ele na porta, agente via a rede prum, prum, fumando o cigarro dele ele, se acordava. "Papai por que o Sr. não dorme?" Oh minha filha! Eu já fui lá na cozinha, já fiz um mingau, já bibi. Aí, vocês não querem mingau? Vão beber tem lá na cozinha. Não sei que hora era da noite! Dinoitão! Mas que diacho papai! O que é o Sr. faz agora se balando prá lá e prá cá? O Sr. não dorme? Ah minha filha! Eu to pensando! Pensando no quê papai? Ah minhas filhas, vocês não sabem. Hoje em dia vocês dizem assim: que vocês não pensam na vida. O que agente tem que passar o que agente tem que. Vai acontecer. Mas prá que pensar no que vai acontecer? Amanhã ou depois vocês vão saber! Vocês vão pensar! O que está acontecendo, o que tem pra fazer, a responsabilidade de vocês. Ah sei lá o que é responsabilidade, pensamento. Vá dormir!

Hoje em dia meu filho! Por isso que eu te digo! Papai me ensinou muita coisa. Eles diziam essas coisas, assim. Agente não sabia, né Aderilson? Porque. Pensando, pensando aqui a toa. Perdendo meu sono pensar. Mas quantas coisas agente. Como diz o "caboco": quantas noites já perdi o tempo pensando em coisa assim: um filho tá longe, agente não sabe o que está acontecendo, não sabe se comeu, bebeu, se tá em casa, se tá na rua. Tudo isso é besteira né? Mas é assim! Olha, o meu pai disse muita coisa que hoje em dia eu acredito que antigamente as pessoas analfabetas não sabiam nada. Sabiam muito mais coisa dos que hoje tem muita sabedoria muito estudo, muitas coisas

né? Muita ciência, muito isso, muito aquilo. Meu marido dizia assim: esse povo, naquele tempo, esses jovens só sabe o que está no livro se não tiver no livro não sabe discriminar uma coisa, não sabe pensar uma coisa, não nada. Se disserem: menino a trepa naquele coqueiro, apanha coco, prá fazer cocada. Ele não sabe. Eles vão lá em cima, nem apanha o coco. Ele dizia sempre isso prá mim. Porque, ò gente! Não sabe tal palavra. Não sabe decifrar o que é que isso. Por que não procura assim? Sei lá. Então te digo assim: antigamente os velhos, nossos pais, não eram sabido, não sabiam ler, não sabiam nada. Mas eles tinham assim, uma inteligência, um saber sobrenatural assim. O papai olhava o céu assim a noite, madrugada, de noite, uma noite bonita. É lua, não sei o que. Estrela não sei de que, não sei de que. Os astros não sei que tem, não sei o quê que tem. Quem é que dizia isso prá ele? Ninguém! Uma pessoa analfabeta conhecia os astros. Estrelas tal, aquela tal, tatatal, tatatal. Amanhã vai chover. Outro dia não sei o quê! Quem dizia isso prá eles? Mas ele sabia! Tô ti dizendo!

E dava certo Dona ...

Resp.:

Dava certo! Dava certo! As estrelas ele sabia desenhar, ele sabia estrela fazer, ele sabia estrela D'alva, estrela Três Marias, estrela não sei o que lá, e não sei o que tem lá. Ah meu Deus do céu! Eu olho pró céu e vejo um bando de estrela. Não sei como era isso! Mas vou te dizer! Os nossos pais, antigamente, eles tinham uma sabedoria incrível.

Ele conversava com outras pessoas da comunidade?

Resp.:

O papai?

Sim.

Eles conversavam com os mais velhos assim. Eles falavam: Deus era o nosso pai. E que um dia ia acontecer isso, que ia acontecer aquilo, que ia acontecer assim. Quando as frutas, as árvores deixassem de dá fruta não era o fim do mundo, mas era o começo. Quando não sei o que é que tinha lá. Fizesse não sei o quê que tinha lá, não era o fim do mundo, mas era. Quando viesse as guerras, aquelas grandes guerras por aí. Eles falavam em muitas guerras sabe? Nesse tempo, falavam. Mas isso não é o fim do mundo. Só é o começo. Ele dizia. Quando mulher deixasse de ter crianças, ter filho, não sei quantos anos. Tudo faziam assim. Sabe com é Aderilson? Naquele tempo eles já falavam. Hoje em dia o pessoal, parece que eles não ficam assim. Eles não se ligam nos acontecimentos do mundo. Assim do que pode acontecer, por exemplo: amanhã ou depois, eles não conhecem assim, como dizer, naquele tempo os velhos conheciam os astros, hoje em dia a juventude só sabe se for estudo. Não sei o que. Nesse tempo o papai não estudava nada e sabia. Por isso que eu digo que os velhos de antigamente sabia de muita coisa. E sobe esse negócio de comunismo então. Eles falavam assim que fulano lá nesse lugar, não sei por onde, acontecia, dente por dente olho por olho, matou morreu, não sei o quê. Não sei se era verdade?

E onde ele ouvia isso?

Resp.:

Eu sei lá meu filho. Não sei como ele sabia.

Será que ele vinha prá cidade?

Resp.:

É ele trabalhava aqui em Bragança. Ele trabalha aqui. Naquele tempo, eles chamavam pros trabalhadores de estradas. Que abria as estradas assim. Agente morava bem na beirada de uma estrada que ia prá Traquateua, por aqui sabe? E ele trabalhava nessa largação. Agente chamava de largação de estrada. Roçando, limpando, né? Assim os lados da estrada onde os carros passavam. Era muito trabalhadores. Eles pegavam da aqui de Bragança e iam até Traquateua de um lado assim roçando tudinho. Aí voltava pelo outro lado de novo tudinho. Eles chamavam de caçaco naquele tempo, os trabalhadores de estrada. Trabalhadores braçal de estradas, chamavam caçaco. Ele trabalhava nesse trabalho. O trabalho dele era esse. Largação de estrada né? Estrada de rodagem. De um lugar pro outro.

Entrevista	E6	Data da entrevista: 30 / 12 /2011
Profissão: Aposentado (Bancário)	Idade: 77 anos	
Escolaridade: 1º grau		
Profissão/ocupação antes de 1964: Barbeiro		

1) A Srª já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

Já.

2) Como a Srª soube da existência do comunismo?

Resp.:

Olha eu soube da existência, quando eles vieram aqui em Maracanã e fizeram um comício aqui. Era comunismo. Era porque as pessoas que participaram do comício era todos comunistas declarados. Logo após houve a revolução. Se não houvesse a revolução o comunismo estaria mandando no Brasil, o socialismo.

O Senhor lembra qual foi o ano?

Resp.:

Não, não tenho memória assim disso.

3 O senhor ouvia rádio na sua juventude?

Resp.:

Ouvia. Ouvia muito.

3) Quais as rádios que senhor ouvia?

Resp.:

Rádio aqui, geralmente a PRC5, a de até hoje, a Rádio Clube.

Que era de Belém?

Resp.:

Era de Belém. A Rádio Clube

A que o senhor mais ouvia era a Rádio Clube? Tinha outra além dela?

Resp.:

Era. Aqui pegava melhor era a Rádio Clube. Alias, naquele tempo PRC5, Rádio Clube do Pará.

4) O senhor lembra de ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Ouvia. Eles ficavam aqui em Conceição do Araguaia né? Fazendo o quê? Nas matas de Conceição do Araguaia. Naquele tempo falavam em Conceição do Araguaia. Andaram por aqui também. Entre eles. Então Che Guevara, não era pela democracia não era pelo socialismo. Então quando houve a revolução. Foi quando o Pará cresceu, né? Foi Jarbas Passarinho, Alacide Nunes foram governadores e fizeram muita coisa pelo Pará.

E notícia. Qual era a notícia que eles davam pelo rádio sobre os comunistas?

Resp.:

Pelo rádio? Que os comunistas estavam avançando aí em Conceição do Araguaia, enquanto as forças estavam se deslocando por Minas para combater eles. Era isso! Queriam tomar conta mesmo! O João Gular naquela altura tava no poder né?

5) Qual história o Sr. poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunistas faziam? O que as pessoas falavam que eles faziam?

Resp.:

Nada. Eles só prometiam né? Liberdade do povo. Era só isso que eles faziam. Porque não faziam nada. Faziam isso: agitação. Faziam muita agitação, né?

5) E que história as pessoas falavam, contavam sobre eles?

Resp.:

Que eles eram comunistas mesmo né? Você ver o que escrevia no muro né sobre o comunismo! Não se via o comunismo como uma boa coisa. O povo brasileiro não é chegado a comunismo né? O povo brasileiro gosta de liberdade, do carnaval, do futebol. Da Liberdade. Então por isso que não ia dar certo o comunismo aqui.

As pessoas tinham uma boa idéia deles?

Resp.:

Não. Naquele tempo não. Se não houvesse a revolução. Porque depois eles disseram que estavam lutando a favor da revolução é uma verdadeira enganação isso. Eles pregam até hoje. Eles não eram pela democracia não. Tanto que o Lula, quais são os amigos do Lula? Fidel Castro, Hugo Chaves. São esses que são amigo do Lula. De todo PT por sinal. O PT, não é democrata, não!

5) O Sr. ouvia algumas histórias interessantes sobre eles? Se eles faziam alguma coisa boa ou ruim? O que as pessoas falavam sobre eles?

Resp.:

Olha. Eles prometiam né? Que era o povo, o comunismo tu sabe é o povo, o povão. Que para o povo seria melhor para o Brasil o comunismo. Mas não! Se fosse melhor ! Aí Cuba, Aí Venezuela. O povo sem liberdade né?

5) E quando as pessoas na rua quando ouvia sobre o comunismo?

Resp.:

Eles tinham era medo! Eles tinham medo receio disso, de mudar a situação.

Não falavam bem dos comunistas?

Resp.:

Não. não. Por exemplo aqui em Maracanã não falavam bem não.

6) O Sr. votou em um candidato que se dizia comunista?

Resp.:

Não.

Votaria em um candidato comunista?

Resp.:

Olha. Por sinal o Lula já votei pro Lula né? A idéia do Lula não é democracia não. Ele diz que é, mas não é não. No íntimo dele não é prá Democracia não. Então ele sentiu que o povo não gosta de comunismo e foi pro lado do povão.

Mas o Sr. nunca votou anterior ao Lula?

Resp.:

Não. Anterior ao Lula não. A primeira vez eu não votei pro Lula, não.

7) E o que o Sr. sentia quando ouvia falar sobre os comunistas?

Resp.:

Olha. Naquela altura eu era novo. Eu sentia pavor, medo do comunismo tomar conta do Brasil. Eu sentia medo.

8) Quando ouvia assim: aquele fulano lá é comunista?

Resp.:

Tratava, agente ficava assim, meio. Não tratava bem aquela pessoa. Aqui tinha muito desses comunistas. Pregavam só o comunismo. Essa doutrina que era boa. Socialismo que fazia isso, fazia aquilo pelo povo. O povo contra as autoridades né?. Eram isso que faziam.

8) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunista, o que as outras pessoas pensavam sobre ela?

Resp.:

Pensavam em transformação. Que queriam transformar o nosso regime para o comunismo? Só isso. Era isso que eles pensavam. Mas aqui no Brasil, acho se houvesse o partido comunista e o partido democrata o comunismo não venceria. Embora colocasse o Lula que está aí na onda né? Não venceria.

Ainda hoje não venceria?

Resp.:

Não, não.

O Sr. acha que o pessoal ainda tem medo do comunismo hoje?

Resp.:

Tem sim! Tem muito medo! Porque se desse certo. Olha Rússia, aí tá o exemplo. Rússia não tinha saído do comunismo. Agora é democracia lá né? E outros países aí. Você vê Cuba quem manda lá é o socialismo. É miséria! O povo vive oprimido ali. Quem quer

viver oprimido? Agora é que tão dando uma liberdade né, para ter imóvel, ter casa, carro né. Mas isso não é tudo prá pessoa.

O Sr. lia pelas revistas, jornais que falavam sobre os comunistas? O Sr. ouvia notícia?

Resp.:

Eu ouvia. Naquele tempo não era notícias boas que davam sobre o comunismo né. Por exemplo: Fidel Castro, dizem que ele até andou por aqui pelo Pará. Por quê? Porque queriam transformar o nosso regime, queriam transformar.

Entrevista	E7	Data da entrevista: 04 / 01 /2012
Profissão: Sapateiro	Idade: 72 anos	
Escolaridade: analfabeto		
Profissão/ocupação antes de 1964: sapateiro		

1) A Sr^a já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

É isso que eu lhe expliquei. O pessoal falava que o comunismo vai tomar conta ainda. Dizem! Eu não sei.

2) Como a Sr^a soube da existência do comunismo?

Resp.:

Era isso que lhe digo. Diziam: o comunismo vai tomar conta. Daqui uns tempo vai tomar conta.

E quem dizia essas coisas?

Resp.:

Os antigos né. Os mais antigos do que eu, já falavam. E tem lugar por aí senhor que já tá tomando conta mesmo né? Por exemplo Arai, prá lá de Bragança, eles estão fazendo casa e dando pro povo. É o INCRA que chamam, mas não pode vender, não pode fazer nada. Camarada tá com o terreno ele chega. “Vou fazer uma casa prá você. Você não

pode vender, não pode fazer negócio nenhum”. A casa é sua, mas não pode fazer nada. Se vê já é o comunismo já tá entrando. Com certeza que é. É! Tá entrando. Quando agente ver essas vantagens? Pode potar que ele já tá. É isso. Já vão metendo a cara.

3) O Sr. ouvia rádio na sua juventude?

Resp.:

Rádio? Não! Naquele tempo tudo era atrasado rapaz. Não tinha televisão, não tinha nada. Morava no interior. Sabe que a vida no interior como é!

4) O Sr. lembra ter ouvido pelo rádio notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Que eu me lembre, não.

5) Qual história que o Sr poderia nos contar sobre o que ouvia dizer que os comunista faziam?

Resp.:

(silêncio)

O que as pessoas diziam, o comunista é isso, comunista é aquilo!

Resp.:

É. Falavam muito em comunismo, falavam mesmo! Agora quase agente não ver falar né? Mas naquele tempo eles falavam mesmo!

E o que eles diziam?

Resp.:

Porque a lei do comunismo diz que é, era não respeita filho, não dava filho. Não sei se é verdade? Era tudo comum. Assim eles diziam. Não sei né?

6) O que o Sr. ouvia quando ouvia essas histórias?

Resp.:

O que eu sentia? Eu ficava pensando. Será que é verdade isso? Você tá fazendo uma pesquisa né prá ver!

Como as pessoas sentiam. Elas sentiam medo? Sentiam temor?

Resp.:

Agente fica com medo né? Vai mudar tudo, tudo mesmo!

7) O senhor votou em algum candidato que se dizia ser comunista?

Resp.:

Se eu votei? Não.

O Sr. votaria?

Resp.:

Não. Não votaria. Eu era contra. Eu acho. Sou contra.

8) Quando se sabia que uma pessoa era comunista, o que as outras pessoas pensavam sobre ela?

Resp.:

Aí eu não sei nem te explicar!

Assim, eu sou comunista. O que o senhor iria pensar de mim?

Resp.:

(Risos). Eu não sei lhe explicar. Nesse ponto o senhor.

Mas era uma coisa boa ou não?

Resp.:

Agente sente de tudo. Será que vai melhorar ou vai piorar né?

Alguém lhe explicou um dia o que seria o comunismo?

Resp.:

Não. Não explicou não.

Entrevista	E8	Data da entrevista: 04 / 01 /2012
Profissão: motorista, mecânico, almoxerife e apontador	Idade: 67 anos	
Escolaridade: 1º grau incompleto		
Profissão/ocupação antes de 1964: estudante		

1)A Srª já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

Comunismo?Ouvi falar muito.

2) Como a Srª soube da existência do comunismo?

Resp.:

Antigamente, as pessoas antigas. Pessoas antigas tinham mais tempo para conversar e explicar prá nós. Sentavam e explicavam direitinho. É assim e tal.

Eu tinha uns 16 anos. Naquele tempo o pessoal chegava e sentava na banca prá conversar com nós. Mas o tempo passava. Bença titio, bença vovó. Todo mundo. Ali era coisa. Gente vai, vai. Aí, pá a violência que agente não tá vendo mais nada.

3) O Sr. ouvia radio na sua juventude?

Resp.:

Ouvia radio. Naquele tempo, rádio a pilha rapaz.

Tinha uma rádio de Belém que o senhor ouvia?

Resp.:

Tinha, a Marajoara. Era a velha guarda, a Marajoara.

E por que o senhor ouvia a Marajoara?

Resp.:

Porque eu gostava dela. Era a única rádio que tinha aqui no Pará.

4) O Sr. lembra ter ouvido pelo rádio alguma noticia que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Agente via, mas eu não era pegado nisso.Eu era novo. Eu não tava muito a par disso. Ligado.

5) Qual história que o Sr poderia nos contar sobre o que ouvia falar sobre os comunista?

Resp.:

Falar muito. Como eu to dizendo né? Agente não se ligava nisso eu era novo. Não queria saber desse negocio de comunismo.

O que as pessoas falavam?

Resp.:

Brigavam muito, discutiam muito. Não vê Assunção, Barata, Getúlio Vargas era porrada grande deles. Assunção esse negócio de batalha né? Tinha negócio de comício. Tudo isso! Sabe quantos anos eu tinha? 11anos. Eu lembro como hoje! O Zeppelin, aqui no Pará. Me lembro. Eu vi os dois Zeppelin ainda. Conheci ainda, os trem, trabalhei nos trem, tudo isso.

E o que eles falavam sobre os comunistas?

Resp.:

Não se falava. Brigavam, discutiam. Falavam ai. Hoje em dia agente não vê briga né? Mas já vê os roubo! Mas já vê falar dos roubo. Naquele tempo agente ouvia falar de richa. Era onda mesmo. Porrada. Era briga. Discutia, falava.

6)E quando o senhor ouvia falar dessas coisas, o que o senhor sentia?

Resp.:

Ficava calado. Não dizia nada. Não podia me meter e tal. Eu gostava, eu era muito farista, gostava de muita festa, não tava ligado prá esse negócio de política não.

Mas o senhor sentia medo?

Resp.:

Nada, nada. Nunca me envolvi. Eu morei nos bairros mais pior daqui de Belém. Matinha, nascido e criado. Matinha, sabe o campo do Remo ali? Antônio Barreto? Eu nasci ali naquele perímetro do cruzeiro. Ali era tapa. Ali via problema. Ninguém brigava revolver ou faca não, era no braço.

7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante dos idéias comunistas. O que as outras pessoas pensavam?

Resp.:

Deixa prá lá. Porque um queria ser melhor do que o outro. Mais vantagem né?

PEntrevist a	E9	Data da entrevista: 04 / 01 /2012
Profissão: Autônomo(pequeno comerciante - batedor de açai)		Idade: 74 anos
Escolaridade: 1º grau incmpleto		
Profissão/ocupação antes de 1964: autonomo		

1)O Sr já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

Olha, desde de criança que eu ouvia falar nesse bicho de 7 cabeças que era apresentado prá gente.

2) Como o Sr soube da existência do comunismo?

Resp.:

Olha. Eu pude descobrir isso participando de movimento social, sindicato e até mesmo da igreja católica.

3) O Sr. ouvia rádio na sua juventude?

Resp.:

Muito pouco. Porque na época não tinha quase rádio. Muito pouco.

3) E as que o Sr. ouvia o senhor lembra qual era?

Resp.:

Eu tenho uma forte impressão que era mais a Clube. Que a Clube é velha. Falava assim na propaganda PRC5 Rádio Clube do Pará.

4) O Sr lembra de ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Olha, em rádio não. Eu ouvia assim de pessoa de conversa boca a boca, assim como nós estamos falando agora, as pessoas mais velha falavam que o comunismo. No comunismo matava-se velho prá não dá despesa prá nação, marido que não produzisse filho era obrigado a trocar de mulher prá poder produzir filho e o que era mais? Matavam criança e isso tudo era para intimidar a sociedade. E a sociedade inocentemente acreditava nessas coisas. Tanto que quando deram o golpe. Os militares deram o golpe disseram que era para o bem do povo brasileiro porque os comunistas iam tomando conta do Brasil. Então era preciso que o exercito tomasse medidas drásticas para combater o comunismo. Foi aí que eu comecei prestar atenção nas duas conchas da balança. Quando eu ouvia falar, por exemplo, na guerrilha de 64. Alias na

Guerrilha dos guerrilheiros do Araguaia. Esses guerrilheiros, eles foram para o Araguaia com a intenção de trazer uma revolução do campo pra cidade. Eles achavam que era mais fácil é pro caboco da roça acreditar no que eles diziam. E eles, entre eles, se não me engano tinha médico que cuidada das pessoas. Eles eram clandestinos lá. Se a minha memória não falha era sessenta e alguns guerrilheiros. E ouvindo a história do outro lado. O golpe de 64 que era contra os comunistas matou muita gente. Torturou muita gente e sacrificou muita gente. Que muitas vezes, não tinha nada haver, até mesmo com a sociedade. Era pessoa simples. Então tinha essa situação, essa realidade cometida pelos militares que queriam acabar com os comunistas, mas acabaram com pessoas inocentes. Já o que se dizia que comia criança, que matava velho que não sei o que. Esse pessoal agente ouvia dizer que eles praticavam o bem. Aí é claro que diante dessas duas situações eu tinha que observar qual das duas era a melhor. Então foi assim que eu comecei a perceber o que é o comunismo, como ele agia e qual era a intenção do comunismo que era realmente implantar uma sociedade igualitária onde todos tivessem o mesmo direito e os mesmos deveres, pra isso é que os comunistas lutavam. E os militares tinham por trás um interesse econômico individual que defendia em primeiro lugar os interesses do capital americano que segundo que eu li, quando Jânio Quadro. Confundo Jânio com João Goulart. Tu já ouviu falar do homem da vassoura? Era Jânio ou João *Goulart*? Mas parece que era o Jânio, né? Tinha uma música, “ O homem da vassoura vem aí”. Eu me lembro, eu era criança mas eu ouvia essa música. Então o Jânio andou fazendo coisas que não agradaram os americanos nem a burguesia brasileira, então eles armaram o golpe que é considerado, eles chamam de revolução que na verdade foi um golpe. Porque eles destituíram o presidente eleito pelo povo e colocaram, eu diria assim, “na marra”, eles colocaram um presidente a critério deles pra fazer o que realmente eles estavam querendo que foi o Humberto de Alencar Castelo Branco que foi o primeiro presidente da revolução no Brasil.

5) Quando o Sr. ouvia as história que contavam sobre aos comunistas, o que é que o senhor sentia?

Resp.:

Olha. A princípio era muito natural que eu tivesse medo. Eu tinha medo do comunismo.

E quem é que contava essas Histórias?

Resp.:

Era isso que to dizendo. As pessoas conversando, eu era criança, tava só observado. E eles conversando dizia:” Deus me livre que o comunismo entre no Brasil”. “ Deus me livre que o comunismo chegue pro Brasil.” “Eu largar minha mulher? Eu prefiro morrer do que deixar ela”!. E aí eu era criança, mas eu tinha a capacidade do raciocínio e eu ficava também com medo. Só que quando eles resolveram, acho que não foi nem eles, quando a sociedade conseguiu mudar o lado da moeda. Foi que comecei a perceber que não era aquilo que eles diziam. O que estava por trás de tudo era o interesse político que interessava ao capitalismo.

E onde o senhor foi buscar essas informações para fazer essa análise?

Resp.:

A princípio eu participei, como já te disse, de comunidade, Comunidade Eclesial de Base que era uma organização da igreja. Depois no movimento sindical. Isso aí me ajudou muito, porque 78 por aí assim eu já morava em Belém comecei a participar. Eu era da construção civil e comecei a participar das assembléias e aí comecei a prestar atenção no que estava acontecendo na sociedade de modo geral. As práticas dos militares e observando a luta da classe trabalhadora, através, em primeiro lugar através do sindicato da construção civil da qual eu participava. Mas havia muita luta naquela época. Foi na época que o Lula era presidente do sindicato dos metalúrgicos em São Paulo. Foi na época que o sindicato de Santarém. Sindicato Rural de Santarém se tornou uma grande potência política da classe trabalhadora e eu tava lá dentro participando e gostando porque ali eu estava aprendendo.

E como era as discussões dentro do sindicato. Eles conversavam sobre as questões socialistas?

Resp.:

Bom. A palavra socialista era uma linguagem conhecida por todas as categorias. Era considerado também a luta de classe. Classe socialista. Quase que comunista não se ouvia muito falar até eu imagino por causa de não assustar a sociedade para esperar o momento certo que a própria sociedade ia compreender, como veio a compreender, o quê que é o comunismo. Inclusive que eu já ouvir alguns letrados dizendo que o socialismo ele é um passo em direção ao comunismo. Eu até acredito nisso sabe? Que é possível se implantar primeiro uma sociedade socialista aonde o trabalhador tenha é muitos direitos, mas nem todos os direitos. O socialismo, na idéia de quem tava falando, acho que já até ouvir um a história a respeito disso. O socialismo, já existirá uma certa distribuição de renda, mas se manterá o Estado talvez diferente, mas moderado, mas existirá o Estado com toda a organização que nós tem aí que é representado pelo Estado. Agente sabe que o Estado é poder Legislativo, Executivo e Judiciário. E agente ver na prática que isso na permite uma certa distribuição de renda prá sociedade. Os melhores salários sai prá quem? Pros deputados, pro presidente, pros juízes, pros senadores, pros governadores, pros deputados estaduais, prefeito, vereador, secretariado e aí vem. A primeira fatia do bolo é tirado prá eles; e eles não vão abrir mão, na minha concepção. Eles não vão abrir mão disso assim com facilidade. Ou precisa muito tempo prá uma mudança ideológica, mudança de mentalidade ou então, o que é mais difícil, do povo se rebelar e ir prá rua e estourar com esse minério deles aí.

6) O senhor votou em um candidato que se dizia comunista para presidente prefeito, vereador?

Resp.:

Votei prá presidente, prá deputado estadual, federal, senador e até para prefeito. Porque eu votei no Edmilson. Embora, como já te disse, com decepções, mas eu votei nele! E dos piores, eu posso dizer que ainda foi o melhor.

7) Quando se sabia que uma pessoa era simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam?

Resp.:

Ah meu irmão. Isso aí! Foi terrível! Eu, por exemplo, sofri aqui mesmo dessa discriminação.

Como?

Resp.:

Porque eu participava dos movimentos sociais ou social. Participava daquela ala da igreja, que não era toda igreja que aceitava a teologia da libertação. E eu participava, vamos dizer, dessa linha ideológica. E aí quando eles me viram participando aí eles me consideraram comunista. Aí, eles tinham medo de mim. Tinha um rapaz aqui, acho que tu conheceu, filho da finada Maria paraense, bem aqui no canto. Daqui prá lá quando tu dobra, tem um casarão bonito agora. Ela e o marido dela queriam ver o diabo, mas não um comunista. Eles tinham um filho, o finado Zezeca, foi o primeiro deles que estudava no moderno e lá parece que abriram a cabeça dele aí o pensamento dele se igualava com o meu. Ah meu amigo! O pai dele queria ver o cão, mas não queria me ver. Porque ele achava que eu estava seduzindo o filho dele na linhagem dos comunistas. Teve uma vez uma, eu não me lembro do que foi a manifestação que o finado Zezeca apareceu. Rapaz! Esse homem, ficou, não sei nem te explicar, de como ele ficou de tanta raiva. Parece que ia dá até uma coisa nele. Depois veio em segundo lugar o irmão dele o Sávio, não sei se tu conhece, o Sávio. E um rapaz que era seminarista, por sinal, também da linhagem da teologia da libertação. E aí se eles quisessem ou não quisessem eles foram obrigado a aceitar. Que eles viram que não era eu que tava fazendo a cabeça dos filhos deles, mas aí as outras pessoas da igreja me recriminavam muito. Assim como recriminavam qualquer pessoa que, não precisava nem dizer, mas que lutasse pelo interesse do trabalhador, aquele camarada era comunista. Você não podia, ou melhor poder tu podia, eles não queriam que tu participasse das manifestações, aquelas manifestações bonita quando, havia assim alguma ocupação de prédios ou alguma coisa, greve e tal. O PT(Partido dos Trabalhadores) tava lá com a bandeira dele bem alto tremulando. Eu ainda diria mais tremulando, mostrando o sonho dos trabalhadores, a esperança dos trabalhadores. E quem participasse disso era recriminado por grande parte, em primeiro lugar da igreja católica, com especialidade.

Dentro da igreja católica eles faziam uma propaganda negativa do comunismo, os padres, por exemplo, essa ala que o senhor falou?

Resp.:

Olha esse que é agora bispo ou arcebispo, o Pocidônio, ele foi vigário aqui. E tinha um outro que trabalhava no BASA(Banco da Amazônia S.A) que saiu da igreja católica e tá na anglicana, o Nonato. Esses apoiavam as lutas dos trabalhadores e defendiam. Mas tinha por exemplo o padre que é militar, Padre Helói, ele é da polícia militar tenente, não sei o que ele é lá, por sinal eu nunca gostei dele, porque quando tinha uma invasão, que agente chama de ocupação, ele ia prá lá como padre com aquela túnica grande aquele negócio, paramentado de padre, ele ia só lá observar como é que rodavam a coisas. Quando ele saia de lá ele tirava a roupa de padre e ele ia lá pro quartel e mandava polícia “baixa o pau” no trabalhador. Por isso eu não gostava dele. Inclusive. Não é todo padre que eu gosto! Prá te ser sincero. Se não defender o interesse do trabalhador, eu não gosto muito não.

E por que o senhor acha que as pessoas não gostavam dos comunistas?

Resp.:

Porque daqueles ensinamento passado. Trocar de mulher, comer criança, matar velho. Quem é que vai querer, por exemplo: ver seus filhos mortos por um sistema social? Ninguém!E isso era muito vivo na mentalidade das pessoas. Por isso que as pessoas tinham medo do comunismo.

E será que o rádio contribuía para isso?

Resp.:

Ah mas sem dúvida! Quem tinha rádio. Quem tinha rádio. Com certeza absoluta. Por exemplo: quando os militares deram o golpe em 64 o golpe era muito badalado no rádio de acordo com o interesse dos dominantes. Se você assistiu a, não sei se tu assiste: Amor e revolução(Telenovela brasileira que é veiculada na emissora SBT- Sistema Brasileiro de Televisão - em 2011 no Brasil). Ela tem um bom retrato do comunismo na época. Tem na novela, um tal de general Guerra. Ela realmente representa o fato real da época. Hoje é novela. Mas ele mandava matar. Ele nunca matava, mandava matar. Foram muitos. Tu tens quantos anos?**Trinta e nove.** Tu és de mil novecentos e quanto?**Setenta e dois.** É, tu já pegou assim o navio viajando! Quando tu despertaste prá vida. O navio já tava longe! E o que ficou prá trás, talvez tu foste buscar o conhecimento através de leitura, tal vez, de professores. Porque os professores tinham medo de falar.

Uma vez, na Universidade, nessa época eu trabalhava lá no Joaquim Viana(Escola Estadual). Os professores da Universidade, os professores de História elaboraram uma aula sobre o golpe de 64. Quando o diretor soube. O diretor mandou chamar todos os professores, mandou recolher todas as apostilas e disse que: se tivesse algum corajoso daqueles lá que desse a aula na sua sala de aula e se considerasse já fora da sala de aula. Prá tu vê como eles eram. Nós pro exemplo quando reuníamos no IPAR (Instituto Pastoral de formação de liderança da Igreja Católica em Belém, Pará, Brasil). Tu sabes quem é o IPAR. IPAR é uma organização da Igreja Católica). Os padres lá trabalhavam em cima dessa linha. Eu mais de duas ou três vezes, participei de encontros lá. Só que

agente não podia é conversar na rua. Ninguém podia demonstrar que agente tava discutindo questão política no IPAR. Nas comunidades, agente era vigiado. Corria o risco muitas vezes, na própria reunião da comunidade onde estava reunido. Aí a primeira coisa que se fazia era se apresentar. E por várias vezes, eles vinham pra se infiltrar no nosso meio. Qual seu nome? Fulano de tal. Qual paróquia? Tal, ta, ta, tal. Paróquia tal! Você é da Paróquia? Sou. O que o senhor exerce lá? Ai e tal. Olha meu amigo. Você vai desculpar. Mas você vai ter que se afastar. Você está claro que é um espião, que o senhor está mandado pelos militares e pro seu próprio bem é melhor o senhor se retire. E o “caboco” tinha que “rasgar”! Porque era espião secreto que queria se infiltrar na comunidade, no grupo. Isso não foi nenhuma nem duas vezes, foram muitas vezes. Isso sem falar das mortes dos padres, freiras, sindicalistas.

Nessa época mataram um rapaz. Um deles, em Tomé-açu, o Benezinho. Cara bom! Ele era sindicalista. Talvez, um pouco empolgado, sem experiência prá lidar com o sistema. Havia um camarada chamado Acrino Preda lá no Paraná. Tinha uma área de terra aqui no Acará que foi ocupado pelos trabalhadores. E ele era o presidente. Eles foram lá buscar apoio. E ele deu todo apoio todo respaldo que ele podia mas, custou a vida dele. E não foi só ele! Foram tantos!

E a população aceitou bem?

Resp.:

A morte dele e de muitos, não foi aceito de bom grado não. Por exemplo, do finado Benezinho. Os caras chegaram lá e vieram para matar. Eram três. Foram direto pro sindicato. Que eles eram não sei da onde. Que eles tinham vindo em busca de terra e que o Benezinho conhecia muita terra desocupada. Que podia servir prá eles e tal. Benezinho disse: olha! Vocês vieram bater na porta errada. Porque o sindicato não cuida de terra. Sindicato luta para defender os interesses da classe trabalhadora rural. Quem cuida de terra aqui em Tomé-açu, e acredito que em qualquer parte do Brasil é o INCRA. Ah então tu vai lá com nós. O Bené sai e foi no INCRA. Do INCRA foram no cartório. Quando na verdade eles estavam ganhando tempo. Quando chegou a hora do silêncio, meio dia, onde a cidade tava toda deserta. Onde o pessoal tava almoçando com suas portas fechadas. Eles vieram. Aí o Bené foi no sindicato fechar o sindicato. O sindicato ficava assim e eles vieram e ficaram bem no canto assim no fusca com o motor funcionado. Quando o Bené passou. Companheiro até logo. Tchau. Té. Até a próxima. Uns dez metros assim. Um deles agüentou bem na nuca dele. Puu. Ai ele caiu. Mais três tiros e. Aí o que aconteceu? Havia um camarada chamado Evaristo, que tinha um carro “zerado” e ele viu. E o Bené era muito querido na cidade. Saíram chutado no fusca e o Evaristo saiu atrás. Sempre eles na frente. Quando chegaram na Concórdia. O Hevaristo contou a situação e pediu dois policiais para sair no encalce deles. Ai foram embora. Quando eles chegaram na margem do rio Capim, prá sorte do Bené, digamos assim, a balsa tava do outro lado. Eles pensaram: “Com certeza tamo livre”. Entraram lá numa baiúca daquelas prá comer um peixe frito, talvez com feijão. Aí o carro do Hevaristo encostou bem no lado do carro deles. Eles estavam nu de cintura prá cima foi

fácil do policial da voz de prisão prá eles. Foram lá no fusca deles. Tinha fuzil, não sei que mais. Tinha armas lá dentro. Enquanto isso. Eu não sei te explicar como foi que um deles seguiu em direção ao Acará. Isso aí não sei explicar como! Esse foi o primeiro preso e levado para Tomé-açu. Quando ele chegou lá, de tarde, do ouro dia. Aí. Esse logo o pessoal “quebrou o jejum” com ele. Foi saindo do carro e pessoal estraçalharam com ele. Mataram. Quando foi, não sei se no mesmo dia, de tarde, não me lembro direito. Os dois chegaram. Antes deles chegara. Não! Depois que eles chegarem. Chegou dois “trucados” “até o talo” de “caboco” do Capim que era muito amigo do Bené. Aí eles. Desceram do carro e começaram a gritar: lincha, lincha! Lincha, lincha! Aí aglomerou a sociedade toda da cidade. Eu conversei com o prefeito na época Maria Paiva. Ele me chamava “Arrupiada”. Ele disse: “Arrupiado” eu nunca vi uma coisa tão feia quanto um povo revoltado! Eles foram na delegacia. Tinha um delegadinho que por sinal era meu primo ele. É arranjado lá por político! Não tinha estudo! Não tinha formação de nada! Foi pego. Tu é delegado! Senta aqui e pronto! Esse foi o primeiro a pular pela janela da delegacia. E os dois policiaezinho que tava lá, “rasgaram” também, botaram no xadrez. Quando o povo. Tava a praça tomada. Aí o pessoal foi prá lá prá delegacia. Chegaram lá na delegacia, não tinham ninguém prá eles. Invadiram a delegacia, quebraram a porta entraram. Teve um que quebrou o forro e foi se meter do lado de cima do forro. E o que estavam aqui em baixo, eles pegaram logo. Puxaram prá fora e começaram a espancar. Ele dizia: que não matasse ele pelo amor de Deus. Que ele tinha seis filhos prá criar. Se tu tens seis, o que tu mataste tinha oito. Não teve pena não parceiro. Mataram todos três.

Então, a sociedade, mesmo sem ter consciência, do comunismo, mas, para defender o seu líder eles fizeram isso. Não foi só em Tomé-açu não! em várias regiões do Estado do Pará, houve chacina de pistoleiro. Matavam mesmo! Não deixava prá depois não!

Teve uma vez. É que eu gosto de contar essas histórias. Teve uma vez, no Moju. Tinha um camarada que era vereador e vendeu uma grande área de terra com muito agricultor dentro. Aí o “cara “ que comprou botou umas máquinas. Inclui o trator ele chegava na casa do “caboco”: olha se retirem agora, o que é de você, que nós vamos retirar aqui que essa propriedade e do fulano e tal. E não tinha perdão! Derrubava casa, matavam animais. Aí tá! Havia um camarada, chamado Virgílio, por sinal, meu conhecido, meu amigo. Virgílio era presidente do sindicato tomou as providências. E nessa época os delegados, faziam o que queriam, como queriam, com quem queriam. Tava feito e acabou-se! Aí o delegado mandou que o pessoal continuasse trabalhando e que poderiam ser acompanhado por pistoleiros. Quando um dia vai prá lá, dois pistoleiros e o vereador. Eles iam para derrubar a casa de um “camarada” lá. E os “caboco” tavam tudo dentro do mato. Quando eles iam chegando perto assim. Saiu uma rajada. Bluuu. Um pistoleiro ficou La em cima do cavaco. O outro largou a moto e saiu “chutado” pra dentro da mata, também atirado. E o vereador também ficou lá para fazer companhia pro outro que tava morto lá. Engraçado, quando foi feito o inquérito.. Vieram Pará Belém prá se julgado. Disque o delegado perguntava: “Cabucu”, a onde tu estava quando os tiros foram disparados? Que tiro delegado? E rapa! os tiro que vocês deram

para matar o vereador? Sabe que eu não me lembro! Como tu não te lembra rapaz!? E a espingarda que tu tinha? Que espingarda? Tudo orientado pelo advogado. Eu acho que corri e quebrou! Mas como quebrou tua espingarda se tua espingarda por acaso era de pau? Disque o “caboco” respondeu pro delegado assim: sabe que eu não sei se era de pau ou de ferro!

E assim foram. E muitos. E muito. E muitos caso que o golpe de 64 causou no Brasil inteiro. Mataram muito. Padre Josino, na Ilha do Papagaio. Mataram irmã Mazilda, se não me engano, em Tucuruí. E foram matando, matando. Paulo Fonteles, João Batista.

Mas todos esses tinham pensamento (o entrevistado corta o entrevistador e completa) de libertação! Eu chamo assim. Que eles chamavam de pensamento comunista. Era uma guerra mesmo! Era guerra declarada. Quando eles pegavam assim um de mal jeito. Aquele era sumido. Como até hoje tem gene sumido que não se sabe que fim levou. Era feio mestre!

E como é que o senhor se escapou dessa?

Resp.:

Bem! Eu não era tão visado. Ou talvez não fosse visado. Eu me lembro, dessas vezes que eu. Os agentes se infiltravam no meio da gente. E agente botava pra fora eles iam embora. Independentemente disso, eu não me lembro ter sido perseguido pessoalmente. Era assim. Geralmente era em grupo. Eles andavam mais, os que eram considerados liderança, sindicalista, dirigente de movimento social, como era o caso do Paulo Fontelles. Como é o caso de João Batista. Padres, freiras. Esses eram o principal alvo deles. Agente era considerado “bucha de canhão”. Mas isso ajudou muito. Isso, eu vou te dizer! Que se não fosse essas lutas ou essa luta. As coisas tinham sido pior! Talvez agente não tivéssemos hoje, essa liberdade entre aspas que nós falamos, que nós usamos.

O senhor acha se nós tivéssemos uma revolução socialista, nós estaríamos num Brasil melhor?

Resp.:

Boa pergunta! Se as lideranças socialistas, primeiro, se eles tivessem preparados ideologicamente prá conduzir o processo dá revolução, possivelmente, sim. Mas eu acho que era difícil. Porque o que nós vimos quando o PT chegou no governo. Taí o que aconteceu!

Naquela época, tinha uma propaganda sobre China, sobre Cuba. Sobre a Rússia de que lá eram países que tinha muita coisa ruim acontecendo. O Senhor lembra de alguma história sobre esses países?

Resp.:

Era só isso que agente ouvia dizer! Que o comunismo não prestava. Só isso. Que havia na Rússia. Havia na China e em Cuba. Eu não conheça quase nada. Eu conheço muito pouco da História de Cuba. Quase nada de Cuba. Eu só sei que o Fidel Castro, foi um revolucionário, tinha um camarada Che Guevara, que era colega do Fidel. E eles tiraram do poder os governantes da época e o Fidel assumiu o governo. Agora eu na sei muito te dizer. Eu ousou dizer, eu tenho amigos que já foram em Cuba e vieram de lá de “queixo caído”. Inclusive, eu tenho um religioso, um irmão, que ele foi em Cuba e ele disse olha: o único defeito de Cuba é que eles lá não tem eleição. Mas a saúde e a educação e o bem estar do povo. A saúde e educação, ele disse, é invejada pelo mundo todo. Nem um país no mundo tem um atendimento a saúde, pelo menos igual a de Cuba. A educação também! Aí tem o trabalho e tal e tal. Mas essas duas coisas que prá nós aqui é prioridade eles lá tem. Tem com sobra! Agora tem também, segundo eles disseram que lá. Uma vês um deles tava no supermercado fazendo uma compra e tinha um camarada na fila pra esperar a vez dele. Não sei se era prá comprar ou prá pagar, sei que tava lá! Aí conversando, o colega dele disse: tá vendo aquele camarada ali? Ele é ministro. Ministro lá. Não me lembro de que ministro era. Ele tava lá na vez dele esperando a vez dele prá pagar. Se não é assim, se não foi assim, mas eu gostaria que fosse assim. Aí eu te diria: haveria democracia. Prá mim democracia, são direitos e deveres iguais. Na democracia me parece que o bucho, do governo, ou seja, do presidente, não é maior do que o bucho do operário, prá ele receber mais, prá comer mais. Não! Vamos comer igual! Prá mim é democracia: direito e deveres iguais. Por isso que eu me desiludi com o PT. Porque eu acreditava no que eles pregavam, no que eles diziam. Mas quando chegamos ao poder. Esse aqui, esse bolo aqui inteiro, vmos tirar um pedaço aqui prá vocês e o resto é nosso. E não era prá isso que eu lutava não! Não era prá isso que eu acreditava neles! Aí, eu percebi que eu tava servindo de degrau prá fazer os outros subirem politicamente. Eu digo: Não! Na minha costa ninguém monta mais. Tanto se tiver eleição. Talvez, eu vote pro Lula. A Dilma, vamos ver! Ela ainda tem três anos aí prá navegar prá ver seu ainda voto ou não voto nela. Eu acho que do Lula. Ou melhor. Acho que o Lula. De todos os piores ele foi o melhor presidente do Brasil. Pelo menos, ele ajudou, colocou um pouquinho de farinha no prato dos mais pobres com essa história de bolsa prá, bolsa prá cola. Ele conseguiu jogar um pouco de farinha no prato desse pessoal. Inclusive no meu que eu passei a receber um salário mínim de 565. Passei a receber um salário, chamado de amparo social, não é uma aposentadoria. Que aposentadoria ela ti dá direito ao décimo e quando tu morrer tu pode deixar prá alguém da tua família. O amparo, não te dar esse direito. Mas que pelo menos, prá mim, já tá quebrando um galho. E é isso companheiro! Comunismo, socialismo é um processo que se vai construindo errando aqui, acertando ali!

Entrevista	E10	Data da entrevista: 05 / 01 /2012
Profissão: empresário	Idade: 76 anos	
Escolaridade: 2º grau		
Profissão/ocupação antes de 1964: autônomo		

1) O Sr já ouviu falar de comunismo?

Resp.:

Convivi muito com eles, transitei muito no meio deles.

2) Como o Sr soube da existência do comunismo?

Resp.:

Naquela época em 40 e pouco era uma espécie de febre. Estava tentando se alastrar no mundo. É isso! Um regime totalitário, que conseguiu muitos adeptos naquela altura. Depois eles. Eram caras altamente preparados. Davam muitas lavagem cerebral nas pessoas. E essa lavagem cerebral ficou até por muitos anos. Até por poucos anos na própria Universidade Federal do Pará se davam uma lavagem cerebral lá nos alunos. Agora, era um regime pesado, totalitário, mas antigamente se você analisar hoje nós estamos analisando que o mundo tá meio conturbado, muito violento. Mas nós já tivemos muito mais violento!

3) O senhor ouvia rádio na sua juventude?

Resp.:

Ouvia.

4) Quais rádio o senhor mais ouvia?

Resp.:

Ah rapaz! Naquela tempo aqui só tinha, a PRC5. Me lembro mais ou menos disso assim. Mas eram poucas informações. Nós não tínhamos também grandes informações assim não. As informações mais eram informações boca a boca e aqueles caras que viajavam aquela coisa. Que também a comunicação era muito difícil. Não era muito

fácil não. Hoje o cara morre na União Soviética e daqui a dois minutos já sabe, tu tá de televisão ligada ela pá! A moda hoje foi lançada em Paris, não sei o que, caio na hora. Há anos atrás? Isso era de um ano pro outro. Quando tu ia saber o sujeito o já virou defunto, já morreu há muito tempo, já foi até ai exumado.

4) O senhor lembra ter ouvido pelo rádio alguma notícia ou programa que falava sobre os comunistas?

Resp.:

Ouvia alguns. Falavam muito. Eles prometiam o céu. As terras do pedaço do céu.

4) E as rádios falavam o que sobre os comunista?

Resp.:

Olha! As rádios naquele tempo, para ser honesto. Eu acho eles muito fechados. Eu vou te contar uma história que é verídica. Todos os regimes totalitários se tu tiver um pelotão de um milhão de soldados contra ti eles não tem medo, mas eles tem o pavor da imprensa livre. Isso vale prá eles mais que um batalhão de um milhão de soldados. Entendeu? Então era muito fechado. Era só “sipsip” boca a boca. Assim muito reservado.

Então a imprensa não fazia propaganda anticomunista?

Resp.:

Falava de comunismo, mas não fazia um propaganda anticomunista assim maciça não. E também naquele tempo, a propaganda não era, não tinha muita força. Não era hoje! A propaganda é a alma do negócio. Se não tiver propaganda o teu produto pode até ser bom, mas ele não acaba colando. Ele também pode não prestar mas se a propagando for bem estruturada, bem montada ela vai disparar.

O rádio e o jornal, faziam propaganda contra os comunistas?

Resp.:

Não. Eles eram meio excêntrico. Ficam meio, entendeu? Aqui acolá eles davam uma ferradinha, mas isso muito. Porque o comunismo aterrorizava o mundo inteiro também! É preciso que se note isso. Entendeu? Todo mundo tinha medo de comunista! E eles ainda tinha um negócio de comer até criancinha. Que isso era conversa de bêbado para delegado. Comer criancinha! Tudo isso era mentira! Mas eles aterrorizavam o mundo inteiro.

5) Qual história o senhor poderia nos contar sobre o que ouvia dizer sobre os comunistas?

Resp.:

Você, não era dono de sua família. Você não tinha direito sobre a sua mulher. Seus filhos, não eram seus. Isso eu tô te acabando de dizer que tinha essa história que comunista comia criancinha. Então é por aí.

E essa história vinha de boca a boca?

Resp.:

Vinha de boca a boca. E algumas vezes você lia alguma coisa, assim ligeiramente, em algum noticiário, alguma coisa. Mas isso também era muito restrito. Porque todo mundo tinha medo! Que essa que era a verdade!

6) O senhor votou em algum candidato a comunista a presidente, vereador ?

Resp.:

Não!

Votaria?

Resp.:

Não!

7) Quando se sabia que uma pessoa e a simpatizante das idéias comunistas, como as outras pessoas pensavam e reagiam?

Resp.:

Olha! Vou te contar uma história. Por incrível que pareça. Agente transitava bem com essas pessoas. Eu pelo menos, tinha o meu pai que tinha uns amigos que eram louco por idéia comunista. Mas eles freqüentavam bem a casa do meu pai e não tinha problema nenhum. Não havia esse problema. Porque acontece um detalhe. Se tu prestares atenção. Uma coisa puxa a outra! Preto sentava na mesa com agente. Outra coisa. Nós temos uma culpa que eu vejo todo mundo dizer:” nós temos uma dívida com a África porque nós exploramos negros, nó compramos”. Mas preta atenção: nós não temos dívida nenhuma não! Quem vendia o negro não era nós não! Nós compramos. E não foi só nós não. Era outros negros que vendiam os próprios negros. Entendeu? Então se alguém tem tinha alguma dívida com eles? Eram eles mesmos. Outro detalhe! Preste atenção. Porque muitas pessoas desviam o foco da via. Você quer ver uma coisa? Hoje nós temos um problema muito sério? Discriminação racial! Quem é que discrimina mais é o branco ou é o negro? Tu já viu negro com dinheiro casar com negra? Casa com loira. Vou te mostrar quantas tu quiseres! Entendeu? Quer ver outra coisa? Tu já não pode chamar o negro de preto, porque “porra” é crime! Mas porque alguém se preocupou com isso. Em vez de estar se preocupando com outra coisa. Tu liga a televisão tu vê falar: “loira burra.”Tá. Agora diz: “preto burro”! Se tu não for processado eu duvido. Agora tu pode falar:”loira burra”! Todo mundo fala aí abertamente e não acontece nada! Então as coisas estão erradas! Nós não somos iguais como diz a constituição que aqui

são letras mortas. Alguns são iguais! Mas nós, a força, a maioria da sociedade não é igual!

Em 64, quando os militares tomaram o poder tava em efervescência esse movimento?

Resp.:

Ah. Tava em efervescência. Se os militares não tomam o poder o comunismo tomava. Era que é o negócio! Entendeu? Que aqui prá nós! Essa turma que tá toda aí dizendo hoje que é democrata. Tudo isso é mentira! Eles eram comunistas! A prova é que fizeram até curso de guerrilha na União Soviética em Cuba. Trocaram a cara. Trocaram de nome que até mulheres deles nem sabiam o nome deles. Como não deu certo o comunismo que eles queriam implantar. A ditadura que eles queriam implantar aqui era ditadura comunista. Aí não deu certo eles chi. Damas que caiu o muro de Berlim. Aí eles puxaram o carro deles fora e se meteram aqui, se fantasiaram de democrata. Mas eles não tem nada de democrata não. Isso tudo é uma farsa! E eles tem consciência disso! Correto? Mas eu também não tenho nada contra eles? Eles tem o direito de pensar. Livre expressão de pensamento. Se expressar de qualquer maneira. Porque nós temos esse direito! Mas esse: “nós fizemos isso, porque senão. Nós lutamos pela democracia! Isso tudo é chute! Procure a história bonitinha, prá quem viveu nela, e vai ver que !!

Depois de 64, continuou essa propaganda anticomunista?

Resp.:

Ainda ficou essa propaganda anticomunista. Isso ficou! Entendeu? Até porque ficou muita gente querendo ainda implantar o comunismo.

Mesmo depois do golpe?

Resp.:

Depois do golpe! O golpe! Aquilo foi uma saída pro país. Correto? E aquele golpe nem foi provocado por essa turma toda que tá dizendo falando isso aí. Presta atenção. Aquele golpe foi provocado pelas mulheres de Minas Gerais. Que fizeram aquele negócio: O panelaço. Aí sim, veio o golpe! Naquela altura os comunistas já estavam querendo, mas eles não tinham peito prá entrar. Eles na tinham força prá entrar! Como o Brasil estava atravessando uma crise violenta. Entendeu? Aqui prá nós! Sou homem, mas eu acho que o home brasileiro é “frouxo prá porra”! Ele não fez nada, as mulheres fizeram um “panelaço” lá em Minas e resolveram aquilo. Porque nós távamos, numa situação crítica. De forma que tu podes procurar pessoas mais antigas e tem pessoas muita gente, muitas, não é duas três pessoas. Porque eu convivo sempre com eles, eu estou conversando. Eles ainda dizem que naquela época, é aquele negócio que eles chamavam de ditadura. Porque aquilo não foi ditadura, foi um golpe mais ou menos. Um governo mai fechado. Porque ditadura são essas no Oriente. Lá prá África. Aí é ditadura! Perde a

cabeça todo dia mesmo. Não tem jeito! Era um governo mais duro, mais fechado. Entendeu? Mas tu podes perguntar, conversar. A maioria deles ainda diz assim: “agente era feliz e nem sabia”. Quer que eu ti mostre por quê? Porque eu dormia com minha porta aberta e a minha janela aberta. Hoje se tu vier aqui to trabalhando com cadeado na porta. Tenho medo de tá na rua. Não sei se vou voltar. Entendeu? Não tenho garantia, não tenho segurança nenhuma. Como eu sou maçom, espírita. Dizem que nós entramos nesse ano num ano de regeneração. As coisas vão mudar! O planeta vai mudar. Porque o mundo realmente nunca se acaba! Nós é que se acabamos. Agora há esses ciclos, justamente aí. Essas revoltas. Esse ano vai haver muitas surpresas, muita novidades, muita coisa vai acontecer. Muita coisa vem átona que agente nem imagina. Ainda vai vir.

No período de 30 quando Vargas estava no Poder. Também teve movimento comunista naquele momento. O movimento de Carlos Prestes.

Foi. Carlos Prestes ficou a vida inteira querendo implantar o comunismo no Brasil. Ele desapareceu um dia desses. Ele é uma figura muitíssimo recente no país. Agora esses comunistas que eu conheço hoje. Eles nem sabem o que é comunismo mesmo! Eles foram por. Eu conheço uns três que. Ah me explica o que tu entende que é comunismo? O que tu sabes do comunismo. Ah! em rem. Porque, não sei o que. Rapaz! Tu é igual a “Maria vai com as outras”. Tu entraste nisso. É mesmo que o eleitor brasileiro! Eleitor brasileiro é analfabeto de pai e mãe. Mas se tu analisar! O problema é cultural. Ele não tem vinte e cinco centavos para comprar um pãozinho prá comer que vera dez reais para comprar uma revista todo fim de semana, prá ler. Então, o que é que aconteceu nessa história toda? Ele pode morar na pior favela, mas ele tem um televisor dentro de casa, nem que seja branco e preto. Quem tá no poder tá com o dinheiro na mão, chama o marqueteiro. Manda dizer que eu sou o santo. “Poem aí que eu sou o santo!” Poem lá. Aí ele não ler a revista. Ele não sabe de nada! Mas ele olha aquilo que o marqueteiro, “o cara” pois na televisão. “É seu Basto é um santo”! “Esse é o homem”! Porque ele está influenciado. Tá sugestionado. Não é outra coisa!

Senhor Basto, como é que a classe empresarial pensava antes do golpe, antes do período militar?

Resp.:

Rapaz. Vou te contar um história. Porque eu sou bisneto de empresário, neto de empresário, filho de empresário e empresário, meus irmão são todos empresários. Hoje eu sou o único que estou por baixo. Entendeu? Porque questão de doença, uma série de coisas de família, e essas. Mas naquele tempo, o empresário era um herói. Prá sobreviver não era fácil! Nós éramos dependentes de tudo. Correto? Tudo! Mas também havia algumas coisas que eu fico perguntado hoje. Havia uma boa produção na agricultura, pelo menos pra nos mantermos bem saciados. Hoje se não for o banco financiar, disque a agricultura não funciona. Naquele tempo, não tinha nenhum banco. Que dirá financiar! Então são estas coisas, são questão. É questão cultural. Tu só trabalha hoje se o banco te der o dinheiro, senão tu não vai trabalhar, vai ficar em casa.

São essas coisas. E o negócio, tudo isso foi implantado muito pela igreja católica. Quer ver uma coisa? Com o império veio a igreja católica! Aí o padre chegou aqui e começou a, eu não tenho nada contra o padre! Eu frequento a missa. Mas é o lado crítico que eu observo. Posso não estar certo. Que eu não sou o dono da verdade! Mas é o que eu penso. Aí o padre chegou logo. Quer ver uma coisa? Aí uma vez eu cheguei nos Estados Unidos e visitamos, fui prá casa da pessoa que fui lá do meu amigo. Ele foi visitar um amigo dele que estava hospitalizado. Eu tava lá, ele me levou. Aí eu fui fazer a visita ao amigo dele. Cheguei lá para minha surpresa, ele tava com um soro na veia. E eu olhei, e vez enquanto, ele dava uma golada, que eu achei que era uísque. Eu não perguntei, mas eu fiquei de olho. E notei que aquilo era uma birita. Eu fiquei pensando. Porra! Lá no Brasil diz que agente toma remédio e não pode tomar nada alcoólico. Aí me calei. Depois eu estive na Alemanha várias vezes, e uma vez lá eu vi aqueles alemães cortado. Todo cortado, golpeado, ferido, cheio de ferido comendo porco. Aí “porra” eu resolvi perguntar. Fui juntar a minha visita que eu estava nos Estado Unidos com o cara com a dele. “Porra” aqui o pessoal toma. Tá tomando remédio e toma álcool o outro tá todo cheio de ferida, comendo porco e coisa e tal. Isso não é remoso? Lá prá nossa terra isso é remoso e tal. E tinha um alemão lá. Me deu uma aula “filha da mãe”. Olha o problema de vocês é cultural. E a culpa é da igreja católica isso aí. Não que agente tenha nada contra o catolicismo. Mas essa cultura de você é culpa da igreja católica. Chegou lá com negocio que pecado original, pecado mortal, pecado na sei quê, pecado não sei quê. E enfiou tudo isso na cabeça do brasileiro. E pegou os versículo da bíblia que tinha que é mais fácil passar um camelo no furo de um agulha do que um rico ir pro céu. Não tinha um brasileiro que queria ficar rico porque era prá não ir pro inferno. Então vocês adquiriram essa cultura. E nós ficamos com essa cultura mesmo. Entendeu? Não que eu tenha alguma coisa contra a igreja não. Ao contrário vou a missa e coisa e tal. Até eu acho que tem um detalhe. Aonde você for depende do seu pensamento, do seu coração, do seu gesto. Do que você vai fazer. Pode ser bom ou ruim. O problema é seu. Não é isso? Então são essas coisas que agente observa.

A igreja contribuiu com essa visão anticomunista?

Resp.:

Contribuiu. A igreja sempre foi anticomunista. A igreja sempre foi anticomunista. Até porque o comunismo, aqui prá nós! Eles não tinham religião. Como hoje no Oriente Médio agente ver aquelas pessoas que agente ver altamente religiosas. Eles são fanáticos que é uma outra história. Mas de religiosa, eu acho que eles não tem nada. Amenos, bom! Cada um tem o direito de pensar do seu jeito né?

O que a igreja dizia sobre o comunismo?

Resp.:

Não. Ela mostrava as barbaridades. Porque o comunismo foi um regime muito pesado. Ele era bárbaro mesmo! Que hoje ainda existe a barbárie por aí, todo mundo tá vendo. Ele era bárbaro mesmo!

Era exemplo de onde que eles pegavam?

Resp.:

Vinha de Moscou. Era a União Soviética. A União Soviética que espalhou o comunismo que nós viemo a ter até em Cuba.

A igreja pegava esses exemplos

Resp.:

E mostrava.

Nas homilias?

Resp.:

Nas homilias. Se falava muito. O padre fazia alguns sermões sobre isso. Entendeu?

Quem freqüentava a igreja acabava acreditando.

Resp.:

Não. Esse negócio de acreditar “papai” depende muito. Então o sujeito que acredita em tudo. Acabei de te dizer “indagora” que o sujeito pega o marqueteiro e põem a propaganda e o sujeito acredita. Depende da pessoa que tá assistindo, de quem tá ouvindo. Você vai a uma palestra é a mesma coisa. Você pode assimilar tanta coisa boa daquela palestra como ruim. Entendeu? Ora se você for um cara despreparado espiritualmente, culturalmente, uma série de coisa. Bom. Você é uma minhoca fácil prá qualquer anzol. Né? Por que o governo brasileiro, de modo geral, acho eu, não educa esse povo? Por causa desses “currais eleitorais”. Se o povo tiver educado! “Porra”! Acaba o “curral eleitoral” Né?

E no interior? O senhor viajava pelo interior do Pará?

Resp.:

Conheci muito comunista no interior. Que lá eles ouvia falar nisso, naquilo. O sujeito ia ser dono, não sei quê. Depois veio um negócio que o cara não era mais dono de nada. No principio ele ia ser dono, ele era. Ele ia mandar também no país, no “torrão” dele. Ele ia mandar. Ele tinha autoridade. Aquela coisa toda. Porque negócio era assim! Quando na verdade, não era nada disso! Entendeu? Conheci muito “nego” impressionado. “Não, o que é meu é teu e o que é teu é meu, é nosso”! Porque falava muito nesse negócio de nosso. Tudo é nosso! Mas não é assim não! Não era assim não. Era prá “visgar” o nego! O “nego visgado” que até hoje tu ainda pode olhar a União Soviética tá até com problema. Eles estão com problema. Porque hoje o negócio tá mudando. O esclarecimento muito grande o cara quer sir daquilo. Porque viu que aquilo não é nosso não! Alguém está muito bem. Mas a sociedade não está.

E está passando muita reportagem de Cuba sobre algumas aberturas.

Resp.:

E vai ter que abrir! Vai abrir! Tô acabando de dizer que nós estamos entrando, segundo os espíritas, a qual eu faço parte e frequento essas coisas todas. Nós estamos no ano de regeneração. E vai haver muita abertura. Entendeu? Vai haver muita conscientização. Não é prá amanhã! Nós só vamos sentir isso daqui a quarenta, cinquenta anos. Aí tu vai sentir! Quer dizer. Eu não vou mais experimentar isso que estou dizendo. Tenho certeza. Poço experimentar o início, essa saidinha muito vagarosa. Entende? Porque esse ano segundo alguns especialistas. Este ano nós já vamos ter muitas surpresas.

Isso no campo mental, isso também no campo prático?

Resp.:

No campo mental e no campo prático. Entendeu? Porque ele vai vim pro campo prático. Porque agorinha estava aqui discutindo sobre um problema que eu tive na SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). Há muitos aos que gerou até uma matéria prá Universidade. A teoria sem a prática não será bem sucedida. Era uma tese daqueles colegiados da SUDAM que eu levantei lá no colegiado da SUDAM que era só teórico. Pô! Se não tiver prático aqui não vai funcionar. Porque você quer ver uma coisa? Na teoria dois e dois são quatro. Isso desde aquele tempo que não tinha Mem mesmo máquina de calcular. Ainda continua hoje. Dois e dois são quatro e não vai mudar! Mas na prática! Pode que não seja. Entendeu? E eu fiz isso prá provar. Peguei quatro copos americanos daquele que tinha. Eu já nem vejo mais! Enfim enfiei um no outro. Dois aqui. Dois aqui. Tá qui. Dois copos mais dois copos. Dei prá um. Tira de dentro este. Tira esse daqui de dentro. O cara equi. Quebrou o copo. Aí o outro. Aí dois e dois na prática não são quatro. Tu tens três copos e um bocado de caco agora. Mas tu põem dois mais dois positivamente é quatro. Não tem saída.

Deixou de ser copo.

Deixou de ser copo passou a ser uns cacos. Tem três copos e uns cacos. Pronto. Entendeu? Essas coisas. Rapaz eu já levantei tanta polêmica. Porque hoje a minha cabeça não tá boa. Vou te contar uma história que é verídica. Eu não estou com essa cocada toda. Porque aqui nessa casinha modesta que eu recebo as maiores personalidades do país. Entende? Ainda a uns dois meses e pouco houve um evento aqui no Hangar(Centro de convenção) dos promotores federais. E todo tempo está tendo evento. E na mesa nós discutindo o assunto eu entrei no papo até de “gaiato” porque falo “prá burro”. Velho sabe como é né? Velho fala prá “chuchu”! Eu entrei no “papo” aí peguei o “fio da meada e destrancei tudo”. O cidadão disse: mas seu Basto. O senhor se formou em que universidade? Qualé o ramo que o senhor? Rapaz eu até hoje não consegui me informar. Porque a faculdade que eu curso ela não acaba nunca. Estou cursando a faculdade da vida! Entendeu? Agora leio prá “chuchu”. Leio jornal, leio

revista. Agora tô preocupado. Tô soletrando. Tô com duas cataratas. Vou fazer duas cirurgias porque eu tenho que ler. Entendeu? Mas eu estou sempre atualizado.

O senhor sempre teve o habito da leitura?

Resp.:

Sempre! Você quer ver uma coisa? Só vou te mostrar uma coisa. Eu era muito ligado em ficção científica. Eu lia muito! Júlio Verne então, meu escritor predileto. E toda aquela ficção hoje é realidade. Toda aquela ficção que ele escreveu é real. Porque aquilo são dons espirituais. Aquilo é universo. São as forças do universo. E preste atenção num detalhe. Já se descobriu muita coisa. Já se avançou, a ciência avança a mil quilômetro por hora. Mas no que eu. No meu raciocínio que. Eu volto a repetir: eu não sou o dono da verdade. É o que eu penso! O que eu penso por quê? Porque eu venho acompanhando tudo aquilo. Ainda não aconteceu a metade que tem a acontecer. Deus ainda. A natureza. O ser superior que gira isso aqui ainda não mostrou a metade do que. Ele vem dando como quem tá curando um doente de antigamente em doses homeopáticas. Uma dosinha tu põem na língua. “É melhorei”! Aí passa um pœm outra. Aquilo paulatinamente. Você pode ver as grandes descobertas científicas. Elas vêm gradativamente porque tem um ser superior que é que vêm. E na escritura sagrada tá escrito assim: “na casa do meu pai há muitas moradas”. Quer dizer que esse espíritos altamente evoluídos com suas raras exceções não voltarão à terra.

O senhor associa o que aconteceu com o advento da União Soviética com esse comunismo com essa evolução espírita?

Res.:

É. Essa evolução. Ela vai evoluindo. Não é só ela. Tu presta atenção. Ficou de um lado a União Soviética e do outro o ocidente que é os Estados Unidos representando na altura do acontecimento. Porque tem que ter um contra peso! Tu pega uma balança. Tu tem que pesar bem. Tem que por o peso de um lado e do outro. Para ferir a balança. Uma família. Eu acho o seguinte. Eu até parto do princípio, mas eu sou meio exagerado. O fiel dessa balança numa família é a mulher. Certo? Apesar que tu olha a bíblia sagrada quando tu lê. A bíblia pouco se refere a mulher ou quase nada! Ela tá todo tempo sobre o domínio do homem. Hoje não! Hoje a mulher parece já. Eu me lembro das estatísticas peguei agora, que a minha cabeça já não tá, parece 46% ou 36% dos lares brasileiros hoje são administrados por mulheres (**sem maridos**) é. Porque elas evoluíram, muito.

Me interessou saber que as pessoas que tinham idéias comunistas elas iam para interior faziam sua propaganda(faziam) depois essas pessoas ficavam também de alguma forma digamos entre aspas empolgados, mas depois, como se diz, voltavam a sua realidade ou ?

Resp.:

Olha porque acontece é o seguinte. Isso sempre foi. Isso é política. Em política sempre houve esse jogo de enganação. Entendeu? Tu começa a contar pra um cara uma coisa e mostrar mil e quinhentas vantagens. Mas se isso não acontecer, tu vai cair do cavalo! Porque ninguém engana todo mundo por muito tempo não! Então isso acontecia. Eu me lembro que eu ia pro terreno do meu pai que meu pai tinha umas propriedades no interior e lá se falava muito em comunismo. Todo mundo: não. Meu avó era fazendeiro. Tinha nego até pensando até no gado do meu avó. Porque no comunismo tudo isso aqui é nosso! Tudo vai ser nosso! Que era essa a idéia. Mas se tu olhar até hoje na União Soviética não tem isso que não caiu o comunismo lá. Na China também ainda não tem isso!

Então o funcionário, o empregado já tinha uma idéia de partilhar.

De partilhar. Eu me lembro o cara que era o feitor da fazenda ele já se achava meio empolgado. Ele era empolgado já.

E onde ele ouvia essa história?

Resp.:

Porque essas histórias. Antigamente o meio de comunicação era muito difícil. Mas o sujeito chegava no interior no “puc PUC” ou nunca canoa de vela ou a remo. E ele chegava e era por hábito, nós sempre fomos muito família, muito atencioso, muita gente. Tu recebia logo o cara na tua casa, põem na tua mesa prá almoçar contigo coisa e tal. Tu nem sabia do que ele ia tratar o que ele ia fazer. E ele saia por ali e ia contaminando aquele negócio, contando história e coisa e tal e papapa. Às vezes, até o chefe da casa eu observava que ele ficava se balançando mesmo.

Eram idéias novas.

Era porá! Ainda mais tudo isso aqui será nosso. É meu, é teu é nosso. Tudo o que é meu é teu e o que é teu é meu. Ah! Ainda tinha mais essa. E todo mundo tinha consciência que a mulher era de todos. Tu podia “comer” a mulher do cara e ele comer a tua. Não tinha problema. Era a mesma coisa. Entendeu? Tudo era nosso! Era um pacote fechado. Mas depois as coisas foram se diluindo, diluindo, diluindo e nós ainda estamos nessa até hoje temos ainda algumas dúvidas. E elas não vão acabar amanhã. Porque é o seguinte: se tu não tens com que te preocupar tu vais morrer. Porque perdeste o amor pela vida. Não vale a pena viver. Porque o país parece que mais se suicida no mundo é a Suíça né? Por quê? Porque lá o sujeito lá não tem a cabeça quente. O governo se cumbi do filho dele que vai nascer e coisa e tal e papapa. Tudo do governo. A assistência é violenta. O cara não tem problema. Ele não tem problema qualquer besteira que acontece na vida de é um problemão, se suicida. Aqui não. Nós amanhecemos no problema, anoitecemos nele. Lhe damos com ele a toda hora. Quando tu pensa. “Escapei aqui.” Puta merda”pensei que agora tava. Tu já tá metido noutra. E tu tens que ter jogo de cintura. Entende? Então é isso aí as coisas.

Comunismo sempre foi assim. Todas as ditaduras até hoje. Esses fanáticos aí do oriente médio, essas barbárie. Tudo tá no DNA do homem. Porque tu presta atenção num detalhe. Até a figura do pai é uma figura recente. Que o homem só veio descobrir que ele era pai e a mulher era mãe que o filho dela tinha um pai depois que o homem deixou de ser caçador e passou a ser pastoreiro. Quando ele passou a ser pastoreiro. Nas montanhas ele pastorando aquele rebanho de ovelha ele começou observar. Se o carneiro subisse na ovelha ela emprenhava. Dali que nasceu a figura do homem. Que até então o sujeito ia passando por aqui na beira do riacho as mulheres fazendo qualquer coisa, chegava lá comia ela ia embora e. E ela nem sabia que por causa daquilo poderia emprenhar. Ninguém sabia nada. Era um negócio. Todo era bruto grosseiro. E hoje tá i a figura do homem, do pai.

Uma figura construída socialmente.

E nós ainda estamos tentando lapidar a sociedade. Acontece que é muito difícil. Porque nós nos preocupamos com as mais insignificantes. Tem sujeito lutando no congresso. Feriado não sei de que porque o sujeito toca flauta. Ora pôra! Nós temos coisas mais interessantes do que isso. Deixa o cara tocar a flauta dele prá lá. Não é isso! Então é muito difícil. Apesar de nós vivermos numa democracia. Não bem republicana. Porque o governo central não obedece a Constituição. Quer ver uma coisa agora? Tá acompanhando aquele problema do Supremo Tribunal Federal.

A do Jader?

Não. O Jader é fichinha perto desse negócio.

Qual é senhor? Não to lembrado!

É o Supremo Tribunal Federal. Aquela ministra.

“que tem muito juiz bandido escondido na toga”

É.

Nós não somos iguais perante a lei? Por que não pode ser fiscalizado a vida de um juiz? E dessa é que tem que ser!

“Tem muito bandido de toga”

Entendeu. É isso aí! Ana Calmom.

É uma juíza federal.

É. É a presidente do Conselho Nacional de Justiça. Entendeu? E é obrigação dela tá.

Agora sabe por quê? Por que tu já viste quanto o Rujan Carlo, o rei da Espanha ganha? Ganha 690 e tantos mil reais. O equivalente a 690 e tanto mil reais por ano. E tem uma coisa. Ele faz questão no site tudo dele são as claras que é pro povo tomar conhecimento. Só o presidente do Supremo recebeu 700 mil de auxílio moradia. Tu

acha que isso é correto? Ana Calmon foi mexer nisso. Outro detalhe. Eu tenho as matérias todas aí. 25% ou 30% dos juízes não declararam nem o imposto de renda. Nós somos todos iguais. Eu posso ser fiscalizados eles também, tu também, qualquer um. É isso que prega a constituição. Mas presta atenção num detalhe. A lei no Brasil. Nós tínhamos um governador aqui chamado José Joaquim Cardoso de Magalhães Barata. Ele dizia que “a lei era potoca”. Perdi o raciocínio. É isso deixei de dar palestra por causa disso.

Magalhães Barata. A lei era potoca.

É. Ele dizia que “a lei era potoca”. E é mesmo! Que só tinha lei prá três P. Três tipo de P. Preto, Puta e Pobre. Me mostra um cara do colarinho branco na cadeia? Então nós não somos iguais. Então isso é brincadeira!

Agora: preto, puta e pobres tu pode procurar que a cadeia tá cheia.

Se uma pessoas for essas três coisas.

Pôra! Então esse tá “fudido” mesmo!

Anexo 4 – Presidentes do Brasil

Presidentes do Brasil – 1930 a 1990	
Período	Presidente
1930 - 1945	Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)
1946 - 1951	General Eurico Gaspar Dutra (Dutra)
1951 - 1954	Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)
1954 - 1955	-João Café Filho (Café Filho)
1956 - 1961	Juscelino Kubitschek de Oliveira (Juscelino Kubitschek - JK)
1961 - 1961	Jânio da Silva Quadros (Jânio Quadros)
1961 - 1964	João Belchior Marques Goulart (João Goulart – Jango)
1964 - 1967	Marechal Humberto de Alencar Castello Branco (Marechal Castello Branco)
1967 - 1969	Marechal Arthur da Costa e Silva (Marechal Costa e Silva)
1969 - 1974	General Emílio Garrastazu Médici (General Medici)
1974 - 1979	General Ernesto Geisel (General Ernesto Geisel)
1979 - 1985	General João Baptista de Oliveira Figueiredo (General Figueiredo)
1985 - 1990	José Sarney (Sarney)
1990 - 1992	Fernando Afonso Collor de Melo (Collor de Mello)